

## **Ficha Técnica**

**Título:** Diários da Outra Face

Editado no âmbito do Projeto Special Democracy, suportado pelo Programa Juventude em Acção da União Europeia

**Autores:** Abraão Costa, Carlos Costa, Luís Bessa, Ana Andrade, Sofia Ferreira, Cristiana Salgado, Mário Martins, Filipa Lopes, Andreia Machado, Isabel Azevedo, João Teixeira e Fernando Pereira

**Ilustrações de:** Gabriela Viana

**Correção e Revisão Gráfica:** Equipa Técnica da PASEC

**Propriedade de:**

Plataforma de Animadores Socioeducativos e Culturais

Rua Barão de Joane, 129, 2ºB, Edifício Sinções

4760-019 Vila Nova de Famalicão

Telefone – 00351 917 380 178

Sítio na internet – [www.pasec.pt](http://www.pasec.pt)

Email – [pasec.geral@gmail.com](mailto:pasec.geral@gmail.com) – [geral@pasec.pt](mailto:geral@pasec.pt)

**Depósito Legal n.º**

**Novembro 2014**



# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>SPECIAL DEMOCRACY “A OUTRA FACE...”</b> .....	<b>9</b>
<b>PASEC - ORGANIZAÇÃO DE INOVAÇÃO SOCIAL</b> .....	<b>45</b>
<b>AS INSTITUIÇÕES, OS PROJETOS E AS IDEIAS</b>	
<b>RESULTADOS DO PROGRAMA ADN – MOSTRA DO QUE ÉS FEITO</b> .....	<b>63</b>
Encontro Entre Gerações - O caminho da educação não Formal Intergeracional.....	65
AFPAD, a construir um futuro melhor... ..	71
A audaz aventura dos primeiros visitantes da Luz	
Um testemunho histórico da APDASC.....	79
Feira Medieval	
Uma ideia protagonista .....	99
<b>MAIS QUE PARTICIPANTE, SOU PROTAGONISTA</b>	
<b>TEXTOS DE APOIO PARA REFLEXÕES PESSOAIS OU EM GRUPO</b> .....	<b>109</b>
“Rogo pragas a todos os espectadores passivos” .....	111
Há um Geocaching ainda por fazer.....	117
O Caminho da Redenção – A simbologia grupal e a nossa utopia .....	123
De excluído a protagonista .....	137
Uma caminhada entre o “Subterfúgio” .....	143
O caminho do Mestre e Aprendiz	
A forma como nos vemos no papel de Mestre e Aprendiz .....	149
Uma existência pouco neutra.....	167
E foi no fim do nada e no início de tudo que aparece o “eu” ... ..	175
Ser Animador Sociocultural é o que sou .....	183



# INTRODUÇÃO

O Projeto Special Democracy conheceu a luz do dia há 3 anos, mais precisamente em Dezembro de 2011, quando a PASEC começou a dar os primeiros passos na intervenção com jovens e adultos portadores de deficiência, com jovens com necessidades educativas especiais ou deficiência social. A ideia de dar o protagonismo e capacidade de afirmação política a estes jovens e adultos no domínio da Democracia Participativa parecia um desafio imensurável e de alcance duvidoso. No fim que dá origem a um novo início deste percurso temos que “gritar ao mundo” as vantagens de ser diferente.

O Special Democracy, apoiado pelo Programa Juventude em Ação da União Europeia, foi muito além do que pretendia e, para além do reconhecimento internacional, foi o laboratório de experiências pedagógicas únicas e que hoje ganharam vida própria. Mas deixo que descubram as “outras faces” do projeto neste diário que retrata a vida e vivências de quem lhe deu e dá forma.

Este Diário divide-se em três partes. A primeira que aborda toda a história do projeto e a dimensão de inovação social da organização que o fez nascer, a PASEC. Uma segunda parte aborda alguns dos principais parceiros do projeto e o Programa ADN, uma das grandes iniciativas que começou com o projeto e que permitiu fazer nascer e divulgar projetos de promoção do protagonismo juvenil que envolveram milhares de jovens.

Por fim uma terceira parte pretende ser um documento fundamental de reflexão e trabalho de meditação individual e grupal. São os testemunhos e formas de ver o caminho que cada um foi capaz de fazer “na forma de aprendiz e mestre”, porque este foi um projeto de mestres e aprendizes que ainda agora começou...





# SPECIAL DEMOCRACY

“A OUTRA FACE...”



## Objetivos e Público-alvo

O Special Democracy – The Other Face (SD-OF) foi um projeto pioneiro a nível europeu porque colocou o jovem portador de deficiência ou com necessidades educativas especiais no centro do processo de democracia participativa.

O principal objetivo do SD-OF passou por perceber, refletir e promover o papel destes jovens na construção da Europa enquanto espaço privilegiado de Democracia Participativa envolvendo numa perspetiva de diálogo estruturado este grupo alvo em específico, os decisores políticos, técnicos juvenis e outros jovens. Por outro lado refletimos, divulgamos, informamos e demos corpo a um plano de ação que fomentou os direitos e responsabilidades do jovem portador de deficiência ou com necessidades educativas especiais no contexto europeu, nomeadamente no que ao Desemprego Juvenil diz respeito.

Este projeto envolveu oito instituições e organizações parceiras a partir de uma realidade concreta com a qual já nos deparamos e operamos no terreno, mais de 320 jovens entre os 15 e os 33 anos em Portugal, Itália e Polónia, portadores de deficiência (PD) e com necessidades educativas especiais (NEE) colocados à margem dos processos de participação e democracia participativa.

Os parceiros já se conhecem há algum tempo tendo a PASEC como organização de referência comum. Os parceiros italianos foram conhecidos através dos projetos Nova Fórmula, sendo que ambos são fruto desse trabalho e processo de relação. Os parceiros em Portugal são organizações com a qual a PASEC já coopera há anos no âmbito da promoção da educação para a inclusão através da Simbologia Grupal e Corporal com portadores de deficiência. Os parceiros da Polónia já trabalham connosco há vários anos em diversas iniciativas no âmbito do Programa Juventude em Ação da União Europeia.

Este projeto nasce tendo em conta um diagnóstico comum que referimos a seguir e partiu de muitas horas de telefonemas, conversas de facebook, emails trocados e reuniões pela noite dentro para ter um produto compatível com as possibilidades reais de cada um dos seus protagonistas.



O alcance do plano de ação em cada país partiu da disponibilidade temporal, logística e técnica que cada parceiro mostrou. Alimentados pelo sonho, fomos sobretudo alimentados por uma vontade de dar resposta um conjunto de problemas reais e melindrosos de um assinalável número de jovens com poucas oportunidades, incluindo dificuldades provenientes de raízes culturais diferentes.



### Roteiro “Auto Retrato da Diferença”

A iniciativa coração de todo o projeto foi o Roteiro “Auto Retrato da Diferença” através de um processo continuado pensado em 4 fases. Numa primeira etapa, tendo por base os jovens diretamente envolvidos pelas organizações parceiras, foram colocadas no terreno 3 equipas juvenis de intervenção local (uma por cada país parceiro) que trabalharam com quatro grupos juvenis com necessidades educativas especiais (NEE) devidamente sinalizados durante 6 meses: 2 grupos com jovens portadores de deficiências várias (sobretudo mentais e motoras) em Portugal, um com 17 jovens no Lar Residencial “A minha Casa” em Vermoim (Famalicão) e outro com 25 no Centro Atividades Ocupacionais da Associação Famalicense de Proteção e Apoio ao Deficiente em Famalicão; um grupo com 19 jovens com necessidades educativas especiais (insuficiências e défices cognitivos e dificuldades de aprendizagem devido a situação familiar precária e meio envolvente com condições fomentadoras de situações de marginalidade) e acentuados níveis de insucesso escolar na Scuole Medie a Marnate, em Marnate, Itália; um grupo juvenil de 18 jovens com deficiência social (nomeadamente jovens com problemas ligados ao alcoolismo, drogas e comportamentos desviantes) na Warszawska Wyzsza Szkola Humanistyczna, instituição educacional de Varsóvia.

Aos jovens envolvidos denominamos como **“Heróis da Diferença – Diference Heroes”**. As Equipas de intervenção local compostas por estes jovens

voluntários,  
denominadas

**Follow  
Diference**

**Teams.** Estas integraram o dia-a-dia dos jovens NEE e portadores de deficiência junto das



instituições que lhe davam resposta direta pelo menos 4 horas por dia incluindo fins-de-semana, no caso específico do Lar Residencial “A minha Casa” em Vermoim (Famalicão). Integraram algumas das tarefas banais de gestão diária, acompanharam o seu percurso escolar quando era caso disso, integraram as principais atividades promovidas pelas instituições e grupos e registaram tudo em diário de bordo. Para além disso, ao longo dos seis meses tentaram perceber a sua situação familiar.

### - Semana Aberta “Follow Difference”

Antes de tudo os jovens intervenientes participaram na Semana Aberta “Follow Difference” no sentido de receberem preparação para acompanharem os jovens NEE e PD com quem operaram. Estas semanas decorreram ao mesmo tempo e com a mesma metodologia em todos os países embora com contornos distintos.



30 Janeiro a 3 Fevereiro 2013 em Portugal - Esta semana teve lugar em Famalicão. Os primeiros dois dias foram passados nas instituições experimentando o dia-a-dia das instituições desde as tarefas mais simples à interação direta com os jovens. No final dos dois primeiros dias coube aos jovens voluntários preparar o momento de interação noturna com os

jovens NEE e PD para sentirem na prática a dificuldade em preparar atividades para este tipo de grupo juvenil específico.

De qualquer forma as Equipas de Intervenção local “Follow Difference” tiveram alguns jovens já com alguma experiência no trabalho de campo com jovens NEE e PD para facilitar a integração dos outros sem qualquer experiência.

Esta Semana Aberta, sobretudo os primeiros dois dias permitiram despistar jovens voluntários que apesar da sua boa vontade não foram capazes de intervir diretamente com este tipo de público.

Os dois últimos dias foram dedicados às componentes metodológicas e técnicas no âmbito da Educação Não Formal com jovens NEE e PD. De forma prática e através da simulação real das dinâmicas foram trabalhados quatro conteúdos concretos com base nas dinâmicas preferenciais do projeto: Teatro Pantomímico; Simbologia Grupal e Corporal; Expressões Artísticas e Sensoriais; Formas de envolver Jovens NEE e PD na conceção, organização e avaliação de atividades.

A semana terminou com a planificação concreta de uma atividade para os grupos NEE e PD a aplicar no último dia com a participação direta dos mesmos.

1 e 3 de fevereiro 2013 em Itália e Polónia - Esta teve apenas três dias por opção dos parceiros envolvidos e teve o 1º dia dedicado à interação direta com os jovens NEE e PD e dos dois últimos com a mesma programação de Portugal

Nesta Semana para além do Suporte da Equipa Técnica do Projeto com experiência na área, contamos com o apoio de alguns formadores para áreas específicas como foram o Teatro Pantomímico e formas de envolver Jovens NEE e PD na conceção, organização e avaliação de atividades

Entretanto foram para terreno as Follow Difference Teams nos contornos que já enunciamos.

## - Oficinas “Democracy for all”

Mensalmente as FDT promoveram também as Oficinas “Democracy for all” com um tema mensal pré determinado relacionado com a visão dos jovens NEE e PT sobre a Democracia tendo por base as suas experiências de participação diária na primeira segunda de cada mês ao final da tarde. No



caso dos países com mais de um grupo, foram organizadas uma Oficina por grupo. Foi possível agregar famílias, os jovens voluntários, os decisores políticos ou seus representantes, os jovens NEE e portadores de deficiência (PD) e os técnicos. Nestes encontros os jovens NEE e PD apresentaram em forma de Teatro Pantomímico, Teatro de Sombras (preparado com o apoio dos jovens voluntários) ou através de edições de vídeo básicas realizadas com o suporte dos jovens voluntários, a sua visão da Democracia e os temas previstos. No final das apresentações seguiram-se em forma de tertúlia uma partilha entre todos sobre o tema em questão.

Os temas tratados foram:

- 3 Junho de 2013 - A Europa das Diferenças
- 1 de Julho 2013 - A participação dos jovens sem voz

- 5 de Agosto 2013 - Uma Democracia de Direitos e Responsabilidades – O lugar do jovem NEE e PD
- 2 de Setembro 2013 - E se um jovem NEE e PD fosse decisor político?
- 7 de Outubro 2013 - O Nós e o Eles – que diferença fazemos juntos?
- 4 Novembro 2013 - As oportunidades da Europa da Democracia Participativa

Para além das Oficinas “Democracy for all” existiram também nestes primeiros seis meses (mais ou menos de dois em dois meses) os Momentos “Família Follow Diference”

#### **- Momentos “Família Follow Diference”**

Estes foram espaços onde em ambientes externos às instituições, em bares ou espaços culturais das redondezas, foi discutida em forma de tertúlia, em ambiente descontraído, o Cidadão Exemplo e depois a experiência das famílias e a dificuldade que é ter um familiar PD ou NEE. Como ponto de partida a reflexão centrou-se num exemplo de Cidadão Deficiente que se superou e se tornou exemplo social. O debate teve um formato de chuva de ideias gerida por um elemento da Equipa Técnica e outro da FDT.

Os três exemplos de Cidadão Deficiente que se superou e se tornou exemplo social (nomeadamente cidadãos portadores de deficiência no ramo da política) foram: no dia 20 Junho 2013 a Cidadã Portadora de Deficiência de referência foi Helen Keller. Esta ficou cega, surda e muda desde tenra idade. Ela sentia as ondulações dos pássaros através dos cascos e galhos das árvores do parque por onde ela passeava. Tornou-se célebre escritora, filósofa e conferencista pelo extenso trabalho que desenvolveu em prol dos portadores de deficiência; no dia 19 de Setembro 2013 foi David Blunkett, pessoa cega que chegou a Ministro da Educação britânico entre 1997 e 2001 e Ministro do Interior entre 2001 e 2004; no dia 24 outubro de 2013 falamos sobre Franklin Roosevelt, Presidente dos Estados Unidos durante quatro mandatos e responsável pelo combate à Grande Depressão de 1929, vítima poliomielite aos 39 anos, doença que o deixou com grandes problemas de locomoção. Em Washington existe uma estátua em sua homenagem com ele em cadeira de rodas.



Estes momentos foram mais um momento de abertura às comunidades, oportunidades de avaliação do comportamento do grupo alvo, oportunidades de participação das suas famílias e ocasiões que permitiram aos jovens NEE e PD experimentarem outros momentos de realização social.

Este plano inicial pretendeu fazer um levantamento das necessidades reais dos grupos alvo e perceber como iria ser possível promover a participação cidadã e hábitos de Democracia Participativa dos jovens NEE e PD que integraram o projeto.

### **“Special Democracy Day” e os Special Democracy Plans**

Após esta fase teve lugar o “Special Democracy Day”, a 9 de Novembro de 2013, em simultâneo nos três países com suporte online a ligar os três eventos. Foi um dia festa, com todos os agentes envolvidos, onde em forma de vídeo e diaporamas fotográficos foram recordados os 6 meses anteriores. Participaram mais de 500 jovens nos três países.



Finalmente as FDP propuseram os “Special Democracy plans” que sustentaram os restantes 12 meses do projeto. Neste livro vão poder conhecer alguns dos projetos mais significativos. Embora dando amplo

espaço de decisão aos jovens voluntários, jovens NEE e PD e restantes agentes, os planos de ação incidiram a sua arquitetura sobre:

- a mudança de hábitos de participação e promoção de medidas que estimulassem a democracia participativa nas instituições e grupos que trabalhavam diretamente com estes jovens;

- a sua apresentação no Special Democracy Day foi ajustada ao grupo alvo e em formato criativo de fácil assimilação (apresentações power point simplificadas com o suporte de exemplos concretos representados com a simulação de situações reais visionadas durante os seis meses de trabalho de proximidade)

- foi votado por todos os presentes envolvendo Famílias, os jovens voluntários, os decisores políticos, os jovens NEE e portadores de deficiência (PD) e os técnicos. Neste mesmo dia, com o que não concordaram deram sugestões de melhoria, avaliando a coerência e o realismo do mesmo. O universo de Jovens PD e NEE correspondeu sempre a 50% dos votos independentemente de estarem em maioria ou não de modo a valorizar e acentuar o seu papel de destaque no plano de ação. No caso de estarem em maioria, a norma dos 50% serviu para não desvalorizar o papel de todos os outros agentes. O voto do decisor ou decisores políticos (ou seus representantes) valeu sempre por dois independentemente do número de votantes para valorizar a envolvência destes no processo, e por estes serem em menor número quando comparados com os restantes agentes envolvidos. Todos os outros agentes em nome individual tiveram apenas direito a um voto. Os elementos da Equipa Técnica não tiveram direito de voto, apenas podiam apoiar as FDT na apresentação das propostas de modo a permitir uma maior autonomia por parte de todos os envolvidos.

- os planos foram simples, ajustados e de fácil compreensão com quatro referências base: Problemas detetados e Objetivos formulados; Medidas e Atividades a desenvolver; Meios necessários; Avaliação

- à parte do modelo de avaliação proposto pelos próprios jovens do grupo, os planos SD permitiram a criação do **Momento Arco-Íris**, que mais não foi que uma equipa que juntou representantes das Famílias, os jovens

voluntários, os decisores políticos ou representantes dos mesmos, os jovens NEE e portadores de deficiência (PD) e os técnicos. Este momento foi uma espécie de continuação das Oficinas “Democracy for all”, mas com a tarefa de monitorizar a implementação do plano. Tendo por base uma grelha com critérios de avaliação simplificados com perguntas diretas (a avaliação da grelha teve um carácter individual e grupal).



Os participantes NEE e PD jogaram o jogo Gráfico Humano tendo em conta os níveis Mau, Razoável e Bom (presentes na grelha). Este jogo é muito simples: são desenhados três pontos de medição no chão. Inicialmente todos os participantes encontram-se em linha no ponto central (nível razoável), e de acordo com a sua opinião sobre a questão em causa vão subindo e descendo na escala. Por cada pergunta era dada a hipótese de se justificarem e era pedida a intervenção dos decisores políticos ou seus representantes, dos familiares, dos técnicos e jovens voluntários. Nas situações em que não era possível compreender a opinião do jovem NEE ou PT o método foi reorientado. Estas Sessões foram presididas por um jovem NEE ou PD eleito com o apoio dos jovens voluntários.

- os planos previram todos a criação de um sistema simplificado de eleições de três em três meses que permitiram aos jovens NEE e PD escolher os seus representantes permitindo que estes experienciem os princípios da



Democracia Representativa, a sua operacionalidade e os princípios da participação e rotatividade da mesma. A equipa de representantes teve um máximo de três elementos (Presidente, Vice Presidente e Secretário). Estas equipas foram votadas pelo mesmo quórum que votou os SD plans e nos mesmos moldes de votação. Estes momentos de votação aconteceram nos Momentos Arco-íris.

- foi ainda criado o Mural Arco-Íris onde de três em três meses eles desenharam ou pintaram os seus novos representantes e as novas ideias que tiveram a partir dos momentos Arco Íris .

- Foram planos do ponto de vista temático centrados no tema dos "**Direitos e responsabilidades do Jovem NEE no contexto europeu**" e tinham por base as metodologias de educação não formal que assinalaremos a seguir o seu foco central. Cada plano tinha um slogan base que traduzia a ideia central de cada grupo. A título de exemplo “Democracia diferente é a Democracia feita por todos”.

- Pela sua natureza expressiva e simplificada, para além das disposições iniciais, semanalmente tiveram lugar oficinas de Teatro Pantomímico, alternadas com Sessões de Simbologia Grupal e Corporal, num programa de educação não formal partindo de uma pedagogia participativa que se ajustou ao tema central. Com os grupos em que não funcionaram estas dinâmicas foram empreendidas Oficinas e Sessões de Expressão Plástica, Expressão Musical e Simbologia Corporal. Estes momentos foram geridos pelos jovens voluntários FTD. Os horários destas atividades foram acordados após a implementação dos SD plans, mas acarretaram pelo menos 3 horas semanais. Quando era necessário era dado o apoio direto de elementos da Equipa Técnica que dominavam estas técnicas ou de formadores externos. Escolhemos as metodologias de educação não formal de Teatro pantomímico e de Simbologia Grupal e Corporal como forma de expressão preferencial das opiniões dos jovens NEE e PD pelo seu caráter informal, pessoal e pelas capacidades que potenciam tendo em conta a especificidade destes públicos.

## - O Teatro Pantomímico e a Simbologia Grupal

O Teatro Pantomímico ou pantomina é um teatro gestual que faz o menor uso possível de palavras e o maior uso de gestos através da mímica. É a arte de narrar com o corpo. É uma modalidade cénica que se diferencia da expressão corporal e da dança, basicamente é a arte objetiva da mímica, é um excelente artifício para comediantes, cómicos, palhaços, atores, bailarinos, enfim, os intérpretes. Revelasse uma metodologia acessível, flexível e motivadora junto de jovens PD e NEE.



Por mais que seja difícil e trabalhoso introduzir a pantomima num grupo que esteja habituado a textos orais, é sempre possível criar através da gestualidade do corpo. A pantomima costuma impressionar e chamar a atenção da plateia por ser de fácil assimilação, por chamar a atenção, por ser praticamente universal. As sessões de Teatro pantomímico foram o complemento aos planos de ação SD, usados sobretudo para preparar as interpretações de rua, intervenções e ações de carácter cénico a desenvolver uma série de ações previstas no plano de trabalho.

A Simbologia Grupal foi a outra metodologia de base não formal escolhida porque a Simbologia Grupal permite ao indivíduo: amadurecer o seu processo de desenvolvimento pessoal e social com o recurso a elementos simbólicos partindo de um processo de revisão de vida grupal; desenvolver no sujeito competências ao nível das tomadas de decisão, da construção da

sua autoimagem, autoestima e do seu autoconhecimento recorrendo à investigação e imaginação simbólica; desenvolver o espírito de uma vida em grupo com base no compromisso pessoal no seio do corpo que é o grupo num processo continuado que tem como base a coesão grupal alimentada pela reflexão.

A Simbologia Grupal, assim como outros métodos formativos com grupos de crianças, adolescentes e jovens, parte sobretudo das dinâmicas de grupo e técnicas de introspeção. Tem como objetivos centrais facilitar e promover as capacidades e competências sociais nos planos grupais, interpessoais e individuais.

Quaisquer que sejam os nossos intuitos ou objetivos (aprendizagem, desenvolvimento pessoal, gestão de equipas, reuniões de trabalho, etc.), as dinâmicas de grupo contribuem decisivamente para facilitar e aperfeiçoar a ação e as tomadas de decisão da estrutura grupal, graças ao seu poder de ativação dos impulsos e motivações individuais e de estimulação tanto da dinâmica interna (indivíduo - grupo) como da externa (grupo - grupos), de forma a potenciar a integração das forças existentes no grupo e a melhor direcioná-las para as metas estabelecidas.

As técnicas de introspeção vão complementar este processo, não só como formas de avaliação e reflexão sobre o papel individual de cada um no seio do grupo, mas como ferramenta de resposta aos anseios e particularidades de cada um dos indivíduos que constitui o grupo.

A Simbologia Grupal investe claramente em dinâmicas de grupo e técnicas de introspeção, partindo dos métodos participativos e ativos próprios da Pedagogia Participativa.

A Simbologia Grupal deve ser entendida como um processo que se estende no tempo enquanto método orientado, focalizado e adaptado ao grupo. Visa promover três vetores fundamentais da vida em grupo: a promoção de lideranças democráticas; a materialização de uma organização grupal com uma real distribuição de papéis por todos os elementos constituintes; as tomadas de decisão.

A Simbologia Grupal é um processo grupal, mas assume de forma clara uma dimensão individual de autodescoberta e investigação. O indivíduo não acompanha um processo, ele constrói o seu próprio processo, integrado no processo grupal. Procura perceber o seu potencial, as suas características



natas e adquiridas partindo da sua história de vida e das experiências que mais o marcaram.

Não tendo um esquema definitivo, o método de Simbologia Grupal é já em si flexível e dinâmico, adaptando-se às exigências e potencialidades do grupo alvo, sempre alicerçado nos valores da liberdade, solidariedade, democracia, procurando cimentar o compromisso do indivíduo com o seu grupo. Foram os momentos de reflexão através de Simbologia Grupal e na sua variante de Simbologia Corporal o complemento aos processos de promoção de hábitos e sistemas de participação juvenil adequados aos pressupostos de Democracia Participativa que instituímos nas dinâmicas do projeto.

## 2ª Fase do Roteiro “Auto Retrato da Diferença” – Rota “Na Rua pela Diferença”

Nesta fase e com o conjunto de iniciativas que desenvolvemos, para além dos jovens dos 4 grupos alvo, foram abrangidos mais 400 jovens PD e NEE nos três países e envolvidos nas comunidades.



Nesta segunda fase, já com os planos FDT em plena implementação, a partir de Dezembro de 2013, foram apresentados sobre a forma de Simpósio Europeu (que também denominamos como Assembleia Internacional Juvenil) os resultados deste trabalho com um Espetáculo de Variedades, ações de rua, interações com a comunidade, fóruns de discussão sobre as boas práticas nesta área dando aos Jovens NEE o papel de interlocutor principal.

Este Simpósio teve dois momentos. Na penúltima semana de Dezembro 2013 tivemos a Rota “Na Rua pela Diferença - Difference in the Streets Route” nos três países em simultâneo:

- ao longo de quatro dias os jovens NEE e PD que integraram os planos SD apresentaram de forma artística a sua visão sobre os "Direitos e responsabilidades do Jovem NEE no contexto europeu" noutras instituições



que também trabalham com os jovens NEE e PD (em 3 instituições na Polónia e Itália e em cinco em Portugal).

- a esta apresentação seguiu-se a apresentação dos planos SD como no Special Democracy Day, ajustada ao grupo alvo e em formato criativo de fácil assimilação (através de apresentações power point simplificadas com o suporte de exemplos concretos representados com a simulação de situações reais visionadas durante os seis meses de trabalho de proximidade). Nesta fase estes grupos foram desafiados a implementar um plano SD com apoio da Equipa Técnica do projeto e com o apoio de jovens voluntários transferidos de outras FDT.

- por fim foi realizado um pequeno fórum por instituição junto dos técnicos da mesma sobre as boas práticas para a implementação de um plano SD .

- em Portugal a Rota passou pelas zonas de Guimarães, Braga, Famalicão, Paços de Ferreira e Santo Tirso. Em Itália pelas zonas de Marnate, Varese e Gorla Minore e na Polónia nas zonas limítrofes de Varsóvia.



Num segundo momento, na última semana de Dezembro de 2013 (após o Natal) teve lugar o Simpósio/Assembleia Internacional Juvenil propriamente dito em Portugal, em Famalicão, com dez jovens PD e NEE por cada um dos países parceiros e 20 de Portugal, mais dez técnicos, jovens

voluntários e decisores políticos que integraram o projeto. Ao longo de 5 dias:

- existiu um Espetáculo de Variedades, ações de rua, interações com a comunidade, fóruns de discussão sobre as boas práticas nesta área.
- o primeiro dia foi dedicado ao acolhimento dos jovens, jogos de apresentação, apresentação das organizações envolvidas e um fórum específico só para jovens voluntários e técnicos sobre as boas práticas empreendidas até então pelos planos SD, pelas próprias instituições e pelos municípios envolvidos. Os decisores políticos e seus representantes estiveram envolvidos em todos os momentos.
- o 2º e 3º dia passou pela realização de ações de rua tendo por base as encenações e momentos artísticos já criados pelos grupos envolvidos nos planos SD. Ao mesmo tempo as encenações passaram pelos principais Museus e espaços Públicos de Famalicão (Fundação Cupertino de Miranda, Museu Ferroviário de Lousado, Museu Bernardino Machado, Paços do Concelho e por fim a Biblioteca Municipal e a Central de Camionagem). Divulgamos então o Espetáculo final da Casa das Artes de Famalicão.



- o 4º e 5º dia foram dedicados à preparação do Espetáculo Final com o tema “A Democracia dos direitos e responsabilidades”. Neste espetáculo os decisores políticos assumiram o papel de apresentadores e as dinâmicas



cénicas seguiram o princípio da interação direta com o público presente, integrando os jovens voluntários, as famílias dos jovens portugueses e os técnicos.



### 3ª Fase do Roteiro “Auto Retrato da Diferença” - Campanha de Divulgação e Sensibilização "A Outra face da Democracia"

Foi entretanto lançada a 3ª fase dos Roteiros. Teve lugar entre Janeiro e Fevereiro de 2014. As atividades foram organizadas em simultâneo nos 3 países através:

- de cartazes, pins, lonas, divulgação através de Facebook, net e comunicação social, entre outros gerados e planeados no seio das FDT no trabalho direto com os Jovens NEE e PD em articulação com a equipa técnica e tendo em conta o tema integrador



- de sessões de esclarecimento com base nos fóruns já organizados em novas instituições. Para tal existiu a Oficina “Democracy for all” itinerante gerida pela Equipa Técnica. Estas sessões foram sempre realizadas em finais de tarde para facilitar horários e disponibilidades e contar com a participação de elementos NEE e PD de um dos grupos envolvidos, alguns dos jovens das FDT e pelo menos um dos decisores políticos envolvidos ou seu representante. O modelo foi o mesmo das Oficinas “Democracy for all” onde os planos SD estiveram a ser implementados, embora adaptada à realidade em questão. Realizamos oito sessões.



- organizamos também o Mural “Democracy for all - Democracia feita por todos porque todos existem - Democracy made by everyone because everyone is there” a partir dos Murais criados pelos planos SD. Foram retirados retratos dos vários murais Arco-íris e criado um em Portugal para a posteridade durante os Jogos da Diferença (explicitado mais à frente). O mural foi dividido em 3 e cada uma das partes colocado em lugar público em cada um dos países parceiros em cerimónia pública com a imprensa convidada.

- criação do jogo gigante de tabuleiro "A Outra face da Democracia" por parte dos jovens NEE e PD com o apoio dos jovens voluntários e Equipa Técnica e animado por estes junto de novas instituições. Foi também mais uma opção de atividade a ser feita em vez Oficina “Democracy for all” itinerante.

#### 4ª Fase do Roteiro “Auto Retrato da Diferença” – Livro “Diários da outra Face” e do Cubo Memorial “Auto Retrato da Diferença”

Numa quarta fase aconteceu:

- o lançamento do Livro “Diários da outra Face” com a resenha de todo o trabalho efetuado em multiformato (online, livro, cd, etc.) com as reflexões dos técnicos, jovens voluntários e jovens NEE e PD. A versão do livro teve 500 exemplares e a versão cd 100.



- o lançamento do Cubo Memorial “Auto Retrato da Diferença” em banda desenhada, fotografia e colagem projetada pelos jovens NEE e PD (uma espécie de monumento que serviu de marco final do projeto e está a viajar itinerantemente como forma de disseminação em Portugal com versões mais reduzidas nos outros dois parceiros).

- a Rota “A Outra Face – Destino Final” (entre 11 e 15 Outubro 2014) durante 5 dias, em simultâneo nos 3 países, envolvemos mais de 500 participantes. Nesta iniciativa esteve incluído o Dia do Mural Democracy for all (12 outubro 2014), o lançamento do Cubo Memorial (13 outubro) e o lançamento do Livro “Diários da outra face” (14 Outubro 2014) à escala europeia com exposições, mini fóruns comunitários com o envolvimento das famílias, e um espetáculo de variedades final com suporte online.



Nestas intervenções finais todos os produtos e dinâmicas tiveram os jovens NEE como intervenientes centrais. O dia 15 foi dedicado à Plataforma Arco-íris onde foi apresentado plano de continuidade do projeto SD – OF. O plano de continuidade já é uma realidade com o projeto Advantage, a primeira plataforma online de alcance europeu que congrega oportunidade de formação, emprego e intervenção para jovens portadores de deficiência.

## As outras iniciativas complementares ao projeto Special Democracy – O processo de avaliação e a continuidade do projeto



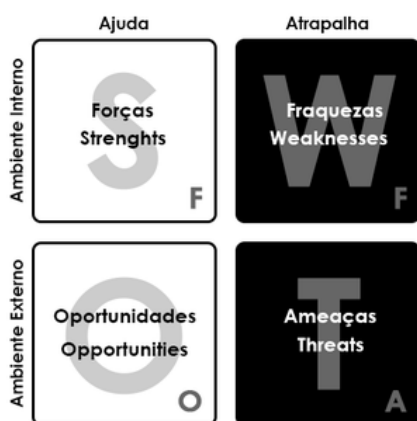
Desde o seu início o projeto foi acompanhado pela Plataforma Arco-íris, estrutura que assentou a sua ação numa Equipa Multidisciplinar que envolveu à escala nacional os membros das equipas técnicas, os decisores políticos ou seus representantes, representantes dos técnicos, representantes dos jovens voluntários envolvidos e representantes dos jovens NEE e PD em condições de conseguirem assumir esta responsabilidade (todos aqueles que eram portadores de uma deficiência mental que os incapacitava de participar em igualdade de circunstâncias com todos participantes foram representados por elementos do seu grupo que não padeciam desta insuficiência, sendo que um portador de deficiência motora ou outro tipo de insuficiência sem índole mental estava e está perfeitamente apto a desempenhar estas responsabilidades). Cada Equipa nacional não excedeu os 10 participantes para facilitar a operacionalidade da Plataforma, embora tenham tido autonomia para proceder a exceções. Os representantes foram eleitos nas primeiras Oficinas “Democracy for all” sendo que os elementos que compõem a Equipa Técnica do Projeto tinham assento garantido pelas responsabilidades técnicas, pedagógicas e logísticas que tinham.



As reuniões da Plataforma aconteceram de dois em dois meses ou uma vez por mês (na 1ª sexta feira de cada mês) de acordo com o que cada equipa achava necessário e faziam a avaliação do trabalho efetuado monitorizando, refletindo e reorganizando as atividades previstas do plano de ação. Cada equipa nacional da Plataforma teve um email próprio onde recebeu as conclusões dos diários de bordo dos jovens voluntários, as conclusões das Oficinas Democracy for All na 1ª fase do Roteiro “Auto Retrato da Diferença” e dos Momentos Arco-Íris a partir da 2ª fase do Roteiro “Auto Retrato da Diferença”. Coube aos elementos da Equipa Técnica acoplar a informação e trazê-la para as reuniões para suscitar o debate.

Por norma para avaliar a execução do plano e a evolução dos planos SD foi seguido o Método SWOT para avaliar a execução do plano de ação e o Método de Revisão de Vida em formato simplificado para analisar a evolução dos SD plans já no terreno e os novos que surgiram.

Para se perceber a escolha dos dois modelos passamos a explicar. A Análise SWOT ou Análise FOFA (em português) é uma ferramenta utilizada para fazer análise de cenário (ou análise de ambiente), sendo usado como base para gestão e planeamento estratégico de um grupo ou projeto, mas podendo, devido à sua simplicidade, ser utilizada para qualquer tipo de análise de cenário, desde a criação de um blog à gestão de uma multinacional.



A Análise SWOT é um sistema simples para posicionar ou verificar em que situação se encontra o grupo ou projeto no ambiente em questão. A técnica é creditada a Albert Humphrey, que liderou um projeto de pesquisa na Universidade de Stanford nas décadas de 1960 e 1970, usando dados da revista Fortune das 500 maiores corporações.

O termo SWOT é uma sigla oriunda do idioma inglês, e é um acrónimo de Forças (Strengths), Fraquezas (Weaknesses), Oportunidades (Opportunities) e Ameaças (Threats).

Por sua vez o Método de Revisão de Vida, utilizado no SD para analisar a evolução dos planos SD e dos grupos que lhe eram inerentes partiu das realidades descritas nos diários de bordo dos jovens voluntários e pelas conclusões dos Momentos Arco-Íris e Oficinas Democracy for All. Este pode ser usado como método de investigação, trabalho de grupo, formação e avaliação. Foi pensado a partir de 3 etapas base (ver, julgar e agir) que entendem o processo como o caminho até à ação transformadora. Têm por base as experiências e vivências individuais, coletivas e as aprendizagens que as mesmas permitem.

O método da Revisão de Vida (Ver, Julgar e Agir) é na atualidade utilizado tanto na sociedade civil, nas instituições educacionais, grupos informais, nos grupos religiosos, etc. Esta forma de ver as realidades, os acontecimentos, o que se passa à nossa volta e no mundo, de analisar com rigor e de encontrar as soluções para o que está a ser debatido, tem sido adotada porque se revela eficaz.



É um processo orientado, que pressupõe um compromisso entre quem orienta e quem é orientado. É um método que pressupõe um crescimento progressivo, balizado por etapas, sempre na perspetiva do Ver, Julgar e Agir.

A Revisão de Vida auxilia o orientado a descobrir valores, as suas competências base e dons naturais. Os orientados são interpelados sobre o que são e como se tornaram no indivíduo que vêm hoje. Com o evoluir do percurso é feito o apelo à mudança e reconversão do "eu", com o assumir de compromissos individuais e coletivos para resolver ou minorar as situações em causa.

A Revisão de Vida é, ainda, um método de educação não formal, pois possibilita um conhecimento social e cultural mais profundo e provoca em cada um a necessidade de ter uma participação cívica na sociedade. Todo este processo é feito por todos. Nada é imposto. Todos participam da reflexão e na procura das soluções. Cada um colabora e participa tendo em conta a sua experiência, o seu conhecimento e os seus talentos.

A Revisão de Vida é uma pedagogia constituída na base pelo trabalho de equipa. Praticar o método da Revisão de Vida - ver, julgar e agir - implica interrogar-se perante a complexidade dos acontecimentos, olhar a realidade de uma forma criativa e plural e comprometer-se com a sua transformação. Mais do que um método, a Revisão de Vida é uma atitude de abertura e diálogo, um modo de ser livre, em que se aprende a estabelecer a relação com o Outro.

A Etapa do Ver tratasse da fase de caracterizar a situação e as causas, que opinião têm as pessoas com quem contactamos sobre a situação em causa, e quais os diferentes níveis (político, económico, cultural, social e religioso) nela implicados, que repercussões e o porquê. É uma fase em que o orientado é convidado a analisar a situação em perspetiva e construir uma visão mais ampla e objetiva da realidade.

A base de análise são as suas vivências e experiências concretas do dia-a-dia.

Todas as técnicas são possíveis desde que tenham em conta os princípios anteriormente referidos e respeitem a liberdade de expressão de cada um. As várias formas de expressão artística possibilitam uma infindável panóplia de possibilidades adaptadas ao potencial e limitações de cada indivíduo.



Na Etapa do Julgar trata-se de descobrir e partilhar tanto aquilo que nos parece um contravalor (o que impede o crescimento das pessoas e do meio), como os sinais mais reveladores dos desajustes que levaram aos desequilíbrios que geraram a situação em causa.

Os orientados são confrontados com o projeto de vida que almejam para si próprios, para o grupo como um coletivo e para o meio envolvente e os desafios que os objetivos propostos lhes lançam.

Importante é não confundir esta análise com um juízo moral(ista). Cabe ao orientador coordenar a dinâmica no sentido de deixar o orientado interpelar-se a si próprio e ao caminho que traçou até aqui. Os restantes elementos do agregado completarão a reflexão individual, devendo o orientador deixar o processo evoluir naturalmente sem ritmos pré-definidos.



Nesta etapa como na anterior todas as técnicas são possíveis desde que tenham em conta os princípios anteriormente referidos e respeitem a liberdade de expressão de cada um. De qualquer forma deve ser privilegiada a partilha coletiva com base no confronto de opiniões e visões sobre a situação em causa.

Por fim na Etapa do Agir a equipa teve de perceber o que havia a realizar ao nível das estruturas do projeto, ao nível dos grupos envolvidos e ao nível dos meios, sendo fiel àquilo que descobriram ao longo das duas etapas anteriores. Gerava-se então a ação transformadora traduzida em ações e medidas concretas independentemente do tamanho das mesmas.

Para além das Plataformas Arco-Íris mensais ou bimensais existiu a partilha das conclusões de todas as reuniões através dos emails já mencionados e através de três Encontros Europeus da Plataforma Arco-Íris que juntaram representantes das várias equipas nacionais e permitiram moldar as atividades de carácter europeia e aplicação dos planos SD à escala europeia. Seguindo a mesma metodologia das equipas nacionais, nestes encontros participaram também representantes dos jovens NEE e PD eleitos pelos grupos envolvidos nos Planos SD.

O 1º Encontro Europeu da Plataforma Arco-Íris teve lugar durante o Simpósio Europeu de Dezembro de 2013 de modo a economizar custos. O 2º Encontro Europeu da Plataforma Arco-Íris teve lugar entre 3 e 5 Abril de 2014 em Gorlla, Itália. Este encontro também contou com uma visita ao trabalho realizado no terreno pelas FDT e no âmbito dos planos SD italianos. Teve 5 participantes de Portugal, 5 da Polónia e 10 de Itália. Por fim, o 3º Encontro Europeu da Plataforma Arco-Íris teve lugar em Agosto 2014 durante os Jogos da Diferença em Portugal de modo a economizar custos

Coube à Plataforma monitorizar ainda o desenvolvimento do Livro “Diários da Outra Face”, Campanha de Sensibilização e apresentar um plano de continuidade do Special Democracy. Neste contexto surgiu o Projeto Advantage, entretanto já aprovado no âmbito do Programa Erasmus +.

Também monitorizou a implementação do Fórum “O desafio da Empregabilidade dos jovens NEE e PD na Europa”

### **- Programa de Hipoterapia para jovens com deficiência profunda**

Em Portugal a ação do projeto contou com um Programa de Hipoterapia para jovens com deficiência profunda em articulação com a associação famalicense Naturaequestre a partir da segunda fase da Rota “Auto Retrato

da Diferença”. Teve lugar à Terça-feira, entre 14 e as 15h30 de 15 em 15 dias entre Novembro 2013 e Outubro 2014.

#### **- Plano de continuidade do Special Democracy**

A partir do trabalho realizado foi possível propor um plano de continuidade assente nos seguintes pressupostos, todos eles já operacionais no terreno:

- Propusemos aos órgãos políticos municipais um dispositivo ou iniciativa que permita em sede de Conselho Municipal da Juventude ou órgão idêntico na Polónia, uma espécie de Conselho Consultivos que permita a participação dos jovens NEE e PD na vida política e nas tomadas de decisão que a eles dizem respeito sendo estes intervenientes diretos. Em Famalicão e Gorlla, esta situação é já uma realidade.

- Conseguimos que as associações que trabalham com jovens NEE e PD integrassem Redes Municipais e Regionais de Juventude em plano de igualdade com as outras associações juvenis numa perspetiva de discriminação positiva.

- Propusemos um plano de educação não formal integrado com perspetivas de formação profissional para este público específico em contraponto aos atuais Cursos de Educação e Formação e Cursos de Integração que integram os jovens NEE e PD no atual de mercado de trabalho em Portugal e Itália. A Plataforma Advantage, com oportunidades de emprego, formação e acompanhamento social de jovens portadores de deficiência, em projeto já pelo Programa Erasmus +, é a fase mais visível desta estratégia.

#### **- Fórum - O desafio da Empregabilidade dos jovens NEE e PD na Europa**

Este Fórum teve como principal objetivo discutir aquela que nos parece a questão e problemática mais complexa de todo o projeto “O desafio da Empregabilidade dos jovens NEE e PD na Europa”.

Depois de implementados os primeiros planos SD, foi levado à Plataforma Arco-Íris e aos Momentos Arco-Íris de cada um dos grupos envolvidos no

projeto uma proposta de inquérito por questionário sobre o tema. Todos os agentes envolvidos aprovaram a mesma.



Entretanto, durante três meses foram os próprios jovens voluntários, os jovens NEE e PD em condições de o fazer, e elementos da Equipa Técnica a realizar o inquérito junto das mesmas regiões onde teve lugar a Rota “Na Rua pela Diferença - Difference in the Streets Route”. Em Portugal, o inquérito passou pelas zonas de Guimarães, Braga, Famalicão, Paços de Ferreira e Santo Tirso. Em Itália pelas zonas de Marnate, Varese e Gorlla Minore na Polónia nas áreas limítrofes de Varsóvia.

Depois de tratados os resultados foram apresentados durante a iniciativa os Jogos da Diferença, em Agosto 2014, em Portugal. Os resultados e as propostas que saíram dos inquéritos fora partilhados com os decisores políticos, locais, regionais e nacionais, com as instituições parceiras e com todos os agentes envolvidos, recolhendo os seus contributos. Por fim foi dado forma ao Livro “Diários da Outra face”, que integrou os resultados do inquérito explanados no plano de continuidade.

Em Outubro de 2014, durante os dias 29 e 30 de Outubro, foi realizado o Fórum em Varsóvia com três representantes de Portugal e Itália e com

todos os agentes locais participantes no projeto da Polónia logo a seguir à Rota “A Outra Face – Destino Final”.

### **- Jogos da Diferença**

Entre os dias 13 e 17 de Agosto, este que foi um dos principais eventos do projeto. Partiu da premissa de que se aos jovens em situação considerada normal os desafios do dia-a-dia são cada vez mais complicados na conjuntura atual, a um jovem NEE e PD os desafios do dia-a-dia assumem contornos de aventura impossível em situações muitas vezes consideradas básicas. É neste sentido que pretendíamos por um lado demonstrar aos jovens em situação considerada normal o que é ser jovem NEE e PD e aos jovens NEE e PD mostrar que são capazes de superarem desafios à primeira vista considerados inatingíveis ou no campo do inacreditável.

Assim durante os quatro dias (6, incluindo os dias de viagem para os participantes), 20 participantes eleitos nas estruturas já referidas e incluindo todos os agentes envolvidos desafiaram-se entre si num ambiente considerado desaconselhado a jovens NEE e PD, a ilha do ponto mais alto de Portugal.

Os primeiros dois dias foram dedicados a uma competição que colocou os participantes em situações e desafios como se fossem deficientes motores, cegos, surdos ou mesmo mudos. Estes desafios tiveram como objetivos colocar jovens NEE e PD na situação de outros jovens com insuficiências diferentes das suas e os que não têm qualquer tipo de insuficiência em situações pelas quais não passavam no seu dia-a-dia. No final de cada dia existiu um momento de Simbologia Grupal em que cada um partilhou a experiência que viveu. Depois expressavam-se artisticamente em forma de banda desenhada, fotografia ou desenho.

O terceiro dia foi dedicado ao desafio maior, tentar subir a montanha do Pico até onde fosse possível através de orientação e exploração de cartas topográficas respeitando o ritmo e as dificuldades de cada uma. Embora nem todos tenham chegado ao topo, foi possível que oito chegassem ao topo do vulcão e 3 ao topo do Piquinho, o ponto mais alto de Portugal.

Este encontro também serviu, como já foi referido, para 3º Encontro Europeu da Plataforma Arco-Íris de modo a economizar custos e apresentar as conclusões do inquérito do Fórum - O desafio da Empregabilidade dos jovens NEE e PD na Europa em iniciativa pública aberta à comunidade com suporte on-line para os grupos nacionais envolvidos via Skype, Facebook e telemóvel.

Aqui também foi votado e aprovado o plano de continuidade do projeto pelos representantes de todos os envolvidos durante os Jogos da Diferença, representantes de todos os participantes envolvidos no SD. O plano já foi anteriormente apresentado.

#### **- SD Future Plans Meetings**

Em Novembro de 2014, entre os dias 14, 15 e 16, tendo por base o plano de continuidade do projeto aprovado nos Jogos da Diferença, todos os planos SD em implementação reuniram localmente realizando mais um Momento Arco-Íris. O objetivo foi analisar o plano aprovado e verificar como aplicá-lo. Este momento permitiu também organizar uma estratégia para divulgar o Livro “Diários da Outra Face” em todas as suas plataformas a nível regional junto de outras instituições ou grupos que o considerem pertinente como ferramenta pedagógica ajustado às suas necessidades.

#### **- Equipa Técnica do Projeto Special Democracy**

Uma Equipa Técnica esteve afeta ao projeto, uns a título voluntário, outros a título de prestação de serviços de modo a dar corpo à iniciativa. Devido à sua magnitude, de outra forma não seria possível. Existiu um coordenador por país a título voluntário e 3 elementos a prestação de serviços em Portugal que deram corpo a toda a estrutura do projeto. A Equipa reuniu com suporte online semanalmente.

Os 3 coordenadores nacionais foram elementos que constituíram as três organizações coordenadoras do projeto e estiveram responsáveis pela gestão das equipas das Plataformas Arco-íris nacionais, bem como pela monitorização e acompanhamento dos Roteiros “Auto Retrato da Diferença” à escala nacional, nomeadamente os planos SD.



Dos 3 elementos a prestação de serviços, todos tiveram um horário semanal que dedicaram à implementação de toda a estrutura do projeto. Um foi o Coordenador Europeu do Projeto responsável pela implementação do Roteiro “Auto Retrato da Diferença” a nível europeu, pela expansão dos planos SD, pela gestão da Plataforma Arco-íris à escala europeia, pela Campanha, pelo Fórum, gestão do processo de avaliação, etc. Os outros dois elementos trabalharam em estreita colaboração com o Coordenador Europeu. Um foi o responsável por toda a estrutura logística (da alimentação às estadias, dos seguros às viagens) do projeto em todas as atividades em Portugal e de carácter europeu. O outro foi o responsável pela divulgação, informação e relações externas (internet, facebook, comunicação social, outras instituições, parceiros, etc.) e nomeadamente pela implementação do Livro “Diários da outra face” em todas as suas vertentes.

#### **- Números e Metas**

O desenvolvimento do projeto foi ainda acompanhado através de uma plataforma online disponibilizada em [www.pasec.pt](http://www.pasec.pt), uma revista em forma de Blog na Revista Digital Animateca, facebook e comunicação social. Chegamos através dos planos SD inicialmente a mais de 90 jovens NEE e PD e a mais de 50 jovens voluntários. Com o evoluir do projeto chegamos a mais de 400 jovens NEE e PD e mais de 100 jovens voluntários com todas as atividades que desenvolvemos. Foi possível ainda envolver mais de 200 agentes educativos e mais de 10 decisores políticos de âmbito local, regional e nacional ao longo dos 18 meses do projeto.





PASEC

ORGANIZAÇÃO DE

INOVAÇÃO SOCIAL



**PASEC, organização de inovação social**

A PASEC (Plataforma de Animadores Socioeducativos e Culturais/ Plataforma de Ação Socioeducativa e Cultural) é uma associação juvenil de âmbito internacional com representações em Itália e Cabo Verde que tem como objetivos centrais a promoção da Animação Socioeducativa e educação não formal como metodologias de inclusão social, o fomento da Democracia Participativa como dinâmica de intervenção comunitária e a promoção do Desenvolvimento Local e Protagonismo Juvenil através da criação de grupos juvenis de intervenção local ligados em redes nas regiões em que está inserida.

Para além disto promove a investigação social em todas as suas áreas de intervenção (tendo já publicado nos últimos 7 anos mais de uma dezena de livros de intervenção e metodologias sociais inovadoras e vários kits pedagógicos para agentes educativos) e a cooperação internacional através de dezenas de projetos de intervenção comunitário em quatro continentes (África, Europa, Ásia e América Latina).

A PASEC assenta a sua ação numa plataforma/rede de grupos informais juvenis, todos eles independentes que intervêm nas suas comunidades. São 51 grupos, que envolvem mais de 400 jovens, mais de setenta por cento nos distritos de Braga, Coimbra e Porto (por terem sido os distritos onde originalmente nasceu), que reúnem com uma periodicidade semanal e que tem como matriz de formação e ação o método de Simbologia Grupal, transversal a todos os grupos.

Para por em funcionamento a rede demos corpo à Rede Nacional de Grupos Informais, que mais tarde daria origem à europeia e atualmente à rede internacional de grupos informais. A rede é gerida pela equipa de ação socioeducativa, que também coordena toda a outra ação da PASEC e orienta os planos de ação de incidência nacional e internacional.

A Equipa de Ação Socioeducativa, que inclui a equipa pedagógica profissional, coordena as nossas 5 áreas de intervenção:

Programa ADN – Mostra do és feito: Nasceu a partir do projeto Special Democracy como forma de dar corpo à intervenção junto de públicos

escolares juvenis em especial risco de exclusão com 3 áreas de atuação. A mais importante são os programas de ação socioeducativa e vocacional com as turmas em especial risco de exclusão. Seguem-se os prémios ADN, prémios de ampla divulgação junto da comunicação social, que servem para divulgar e disseminar os melhores projetos escolares promotores do protagonismo juvenil e seus protagonistas. Por fim, existe a companhia de teatro inclusivo AND (Artes Dramáticas do Nada) que utiliza o teatro fórum, teatro pantomímico e teatro do oprimido como forma de inclusão para jovens em especial risco de exclusão. O programa abrangeu mais de 200 jovens entre os 12 e os 20 anos só em 2013/2014.

Advantage – Equipa de Intervenção que opera com grupos de jovens e adultos com necessidades educativas especiais através da Simbologia Corporal e Grupal. Abrangemos mais de 60 jovens e adultos a partir dos 17 anos só em 2013/2014. Nesta iniciativa também lançamos as primeiras incubadoras de Empreendedorismo social com jovens e adultos portadores de deficiência.

Espaço Habitat – É um espaço com uma tripla ação: é uma escola de adultos, uma universidade sénior e centro de convívio. Damos apoio direto na procura ativa de emprego, formação em Informática, Línguas, Teatro, Simbologia Grupal e Artes Plásticas. Como aconteceu com os jovens, estamos a dar forma a grupos informais de adultos. Abrangemos mais de 50 adultos e séniores a partir dos 55 anos só em 2013/2014.

Casa das ID.EIAS - Escola Integral de Animação Sociocultural da PASEC que agrega os principais projetos de intervenção social, comunitária e educativo nos contextos nacionais e internacionais. Tem 19 núcleos (17 em Portugal, um em Itália e um em Cabo Verde). A sede mãe é em Santiago de Antas em Famalicão. Tem acoplado os seguintes serviços: um CATL gratuito de apoio direto a crianças e adolescentes em especial risco de exclusão e com graves assimetrias familiares, financeiras ou socioculturais; um Social Hostel com a capacidade para 12 camas para atender a campos de formação ou trabalho organizados pelos grupos informais de jovens da PASEC; Biblioteca; Laboratório de Jogos; Equipas de Geocaching PASEC Explorers – procura de tesouros simbólicos através de GPS; Salas de trabalhos para os grupos informais de jovens desenvolveram a sua ação semanal; Escola de



Teatro Inclusivo; Centros de Intervenção e Ação no âmbito da Simbologia Grupal. Abrangemos mais de 220 crianças e jovens a partir dos 6 anos só em 2013/2014.

Programa Extreme Paths: Programa de intervenção prioritária em contextos de risco, nomeadamente em Bairros Sociais. Combate prioritariamente os fenómenos de extrema exclusão com grupos minoritários como são a etnia cigana, as comunidades emigrantes de leste e grupos marginais de bairros sociais. Gerimos neste momento projetos de intervenção em cinco bairros sociais de Famalicão e Guimarães em protocolos concertados com os Municípios. A nossa equipa substitui-se às intervenções públicas e intervém no âmbito da Educação para a Cidadania, na criação e potencialização de associações ou comissões de moradores como polos de desenvolvimento local, na ação cultural das próprias comunidades e em iniciativas de abertura da comunidade ao meio envolvente. Envolvemos neste momento mais de 300 crianças, jovens e adultos a partir dos 6 anos.



A metodologia de Simbologia Grupal e as suas variantes são a metodologia de educação não formal base em todas as nossas atuações.

A PASEC já foi considerada várias vezes pela Agência Erasmus +/Juventude em Ação da União Europeia como exemplo de boas práticas, nomeadamente em projetos promotores de Democracia Participativa junto dos jovens. O próprio Instituto Português do Desporto e Juventude, em parceria com os Centros UNESCO, convidou a PASEC a organizar um roteiro para partilhar a sua experiência como exemplo de boas práticas gerador do nascimento de novas associações e grupos juvenis.

### **Uma plataforma em fase de consolidação assente no ideal do Protagonismo Juvenil com base na Simbologia Grupal**

A PASEC tem 11 anos. Anteriormente designava-se como JASEC (Jovens Animadores Socioeducativos e Culturais), mas só em 2007 se registou como associação juvenil junto do Registo Nacional de Associações Juvenis e no Instituto Português do Desporto e Juventude. A atual estrutura está em plena consolidação.



A ideia inicial da PASEC passou por promover o protagonismo juvenil e animação sociocultural através da ação comunitária de grupos informais de jovens articulados em rede. Não nos quisemos ficar apenas pela participação juvenil, por isso demos forma ao conceito de protagonismo

juvenil, jovens que escolhem o seu próprio caminho de forma concertada com a sua comunidade de pertença e assumem a responsabilidade pelo sucesso e fracassos das suas ações e opções.

Optamos pela figura do grupo informal por ser uma figura legalmente aceite pelo IPDJ e União Europeia mas que exige muito menos burocracia. Para além destas premissas desenvolvemos e registamos uma metodologia própria que juntamente com a organização foi evoluindo ao longo dos anos, a Simbologia Grupal.

De uma forma sucinta, a Simbologia Grupal permite ao indivíduo: amadurecer o seu processo de desenvolvimento pessoal e social com o recurso a elementos simbólicos partindo de um processo de revisão de vida grupal; desenvolver no sujeito competências ao nível das tomadas de decisão, da construção da sua autoimagem, autoestima e do seu autoconhecimento recorrendo à investigação e imaginação simbólica; desenvolver o espírito de uma vida em grupo com base no compromisso pessoal no seio do corpo que é o grupo num processo continuado que tem como base a coesão grupal alimentada pela reflexão.

A Simbologia Grupal, assim como outros métodos formativos com grupos de crianças, adolescentes, jovens e adultos, parte sobretudo das dinâmicas de grupo e técnicas de introspeção. Tem como objetivos centrais facilitar e promover as capacidades e competências sociais nos planos grupais, interpessoais e individuais.

Depois, de forma natural esta estrutura e maneira de trabalhar em grupo foi-se estendendo a outros grupos sociais. Os primeiros projetos internacionais permitiram disseminar as nossas práticas ao ponto de, desde 2011, termos dois núcleos internacionais (um em Varese, Itália e outro na Ilha do Fogo em Cabo Verde) em pleno funcionamento com 5 grupos informais de jovens. Para além disto já intervimos em mais de 20 países de 4 continentes ajudando a nascer novas associações e grupos juvenis com quem cooperamos e trabalhamos até hoje.

Esta ação permitiu criar uma série de atividades que ano após ano acabaram por definir a própria identidade da organização:



A Feira de Jogos Intercultural – realizada pela altura do aniversário da organização, consiste numa competição de jogos gigantes desenhados pelos próprios grupos juvenis da organização que têm sempre como pano de fundo as realidades interculturais. Já vai para a 10ª edição.

A Assembleia Internacional Juvenil - realizada sempre no final de cada ano civil, junta representantes de todos os grupos juvenis da organização a nível internacional e dos principais parceiros internacionais na discussão do tema integrador do ano sempre em interatividade direta com a comunidade. Nos últimos 3 anos os temas foram: Os Jovens do Milénio: Direitos e Deveres; “Algures há um mapa para salvar o mundo...”; “Eu escolho ser diferente...”.

Jogos da Diferença – realizada sempre no mês de junho dá corpo a uma competição à semelhança da Feira de Jogos Intercultural mas para os grupos com necessidades educativas especiais. De qualquer forma todos os grupos participam numa perspetiva integrada, promovendo a interação entre cidadãos com necessidades especiais, os nossos grupos informais de jovens e a comunidade. Os próprios cidadãos com necessidades especiais são os protagonistas do processo de gestão e dinamização dos jogos.

Encontro Internacional de Jovens Animadores - é a maior atividade organizada pela PASEC (já seis edições) e juntou mais de cinco mil jovens agentes educativos nos últimos seis anos. O EIJA 2014 tornou-se no mais importante certame de jovens animadores no contexto europeu. É diferente de todos os outros congressos e encontros porque os jovens animadores são colocados no centro do processo de formação e decisão. Eles coordenaram, orientam e levaram a cabo todas as dezenas de conferências, workshops, lançamentos de livros, espetáculos e exposições. Ao mesmo tempo os especialistas assumem o papel de avaliadores, comentadores e participantes ativos validando, criticando e complementando o trabalho dos jovens animadores. O EIJA é laboratório gigante de experiências pedagógicas que conclui o ano de formação dos jovens animadores da PASEC. No ano de 2014 com a participação de centenas de jovens animadores e agentes educativos, o tema central foi "Procurar 2015" com incidência para os subtemas do "Desemprego Juvenil" e a "Animação Sociocultural e as Novas Utopias".

Geo Camps – Organizados entre Julho e Agosto são campos de trabalho e formação através da Simbologia Grupal e Geocaching onde são formados os jovens líderes e animadores da PASEC através do método de Mestre e Aprendiz. Existem dois níveis, os Geo Camps para os jovens líderes e animadores em iniciação e o Geo Masters para dirigentes e animadores e jovens líderes com alguns anos de experiência. Tornou-se nos últimos cinco anos a atividade de fecho do ano letivo e recarregamento de baterias para o ano letivo seguinte. Em média são feitos 4 Geocamps envolvendo pelo menos cem jovens no total.

ENCA – São os Encontros Nacionais de Crianças e Adolescentes destinados aos grupos informais de crianças e adolescentes da PASEC que complementam o processo de formação dos grupos. São organizados pelo menos quatro por ano para mais de 200 crianças e adolescentes.

### **As origens do caminho**

Os problemas que inicialmente deram origem à PASEC foram os fenómenos de exclusão social juvenil, nomeadamente o Trabalho Infantil (problemática que deu origem ao primeiro grupo PASEC), os fenómenos de extrema exclusão juvenil, nomeadamente problemas ligados a fenómenos de marginalidade juvenil nas zonas periféricas dos meios urbanos onde atuávamos, jovens provenientes de minorias étnicas constantemente colocados à parte pela sua origem e status, os graves níveis de insucesso e abandono escolar das zonas onde intervínhamos, o desemprego juvenil, mas sobretudo os fracos níveis de participação juvenil por parte dos jovens com quem operávamos.

Nos dias de hoje, tirando a problemática do trabalho infantil e do abandono escolar, todos os outros problemas adensaram-se. Entretanto, como começamos a alargar o conjunto de públicos com que atuávamos, nomeadamente jovens e adultos com necessidades especiais e os adultos desempregados, o nosso raio de ação foi-se ampliando, sendo que hoje, semanalmente, chegamos a mais de mil e cem pessoas (dos 5 aos 83 anos) em processo permanente, tendo a Simbologia Grupal como metodologia base de ação e formação.

Os nossos técnicos foram todos eles jovens que nasceram no seio da organização e nela criaram o seu próprio posto de trabalho. Os anteriores técnicos da PASEC, hoje os seus máximos dirigentes, encontraram ainda durante a sua ação novas propostas de trabalho na gestão de empresas, coordenação pedagógica de organizações e iniciativas do Estado e União Europeia tendo por base a experiência adquirida na PASEC.

Por outro lado, as mais de quatro dezenas de jovens animadores da PASEC estão todos empregados ou a concluir as suas licenciaturas, praticamente todas elas na área social. Mais de metade evoluiu de situações de risco para um papel de jovem empreendedor, multiplicando várias vezes o contributo que também o próprio tinha recebido no seio do seu grupo PASEC.

Por outras palavras, a partir da sua integração na PASEC, mais do que ocuparem os seus tempos livres e darem forma aos seus anseios e aspirações, foram dezenas os jovens que se superaram e foram além do papel de meros participantes, tornaram-se em atores e empreendedores sociais integrados nas suas comunidades e condutores ou facilitadores de novos processos de desenvolvimento local.

A PASEC iniciou a sua ação em 2004 com um grupo, em 2007 eram 3 e hoje são mais de cinquenta em 3 países. Os jovens que deram origem a estes grupos deram também corpo às suas aspirações e capacidade de mudar o mundo à sua volta.

Ainda na linha da promoção do protagonismo juvenil através da Democracia Participativa e Educação Não formal como forma de combater os fenómenos de exclusão juvenil, a PASEC formou ou ajudou a formar nos últimos cinco anos dezenas de grupos juvenis e associações que deram resposta direta a milhares de jovens em mais de 20 países e assim permitiu promover processos de desenvolvimento local em dezenas de comunidades e assim ajudar a resolver alguns dos problemas que as afetavam diretamente. Passamos a dar 3 exemplos concretos em 3 contextos diferentes:

Em Itália, em 2008, em parceria com a Cooperativa TOTEM de Varese demos forma ao Projeto Nova Fórmula, iniciativa que viria a dar origem ao projeto Nova Fórmula 2, Nova Fórmula 2.0 e Nova Fórmula Mundial que



teve por base a criação da Rede Europeia de Grupos Informais. Em Itália começamos com o Grupo Spazio Zero que por sua vez ajudaram à iniciação dos grupos Giovanni 3 D e Fuorionda Movida. Hoje estes 3 grupos já são 3 associações juvenis de pleno direito e devidamente legalizadas que servem as cidades de Marnate, Cislago e Gorla Maggiore, perto de Varese, atingindo mais de 80 jovens a partir dos 15 anos. Entretanto o nosso trabalho com a Cooperativa Totem continua e já nasceu mais um grupo juvenil.

Na Madeira, através do projeto Dimensão Cosmos, em parceria com a Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Animação Sociocultural, demos corpo a um projeto de intervenção em bairros sociais e contextos juvenis de risco prioritário. Percebendo a importância de ter um interlocutor direto no terreno que de forma constante desse forma a dinâmicas próprias da animação sociocultural adaptadas ao contexto em questão ajudamos a dar forma à AIASC- Associação Insular de Animação Sociocultural, criada em 2011. A partir da AIASC organizamos o 3º Encontro Internacional de Jovens Animadores no Funchal.

Em Cabo Verde, a partir do Projeto Nova Formula Mundial em parceria com a Associação Juvenil Comunitária de Relva, demos origem a 3 grupos juvenis que com a sua ação foi possível nos últimos anos dar importantes contributos para o desenvolvimento da aldeia de Relva que tem aproximadamente 2000 habitantes. Construíram-se cisternas de grande dimensão para levar água potável à população, construíram-se também dezenas de galinheiros e corrais e conseqüente compra de animais para melhorar a dieta alimentar da comunidade. Permitiu-se também o acesso a micro crédito de alguns jovens empreendedores da aldeia para criarem o seu próprio emprego e custearam-se ainda muitas das despesas para necessidades básicas dos jovens mais pobres da população, pagando a sua deslocação da aldeia para a escola ou financiando parte do seu ingresso na universidade.

## O envolvimento dos atores

Os atores locais são ativamente envolvidos porque os próprios são a sua própria resposta. Ao criarmos estruturas locais que mesmo integradas na Plataforma preservam a sua autonomia e raio de ação estamos a criar respostas direcionadas e objetivas, adaptadas e ritmadas ao contexto em que estão envolvidas.



A criação de um grupo informal de jovens ou adultos (incluindo os com necessidades especiais ou vítimas de exclusão), embora apoiada por animadores da PASEC (tendo por base as dinâmicas, atividades e metodologias já destacadas) é um processo autónomo gerido pelos próprios elementos do grupo. Eles determinam a sua estrutura interna, as atividades complementares que lhe querem associar, o ritmo a que querem ir (incluindo a periodicidade de reuniões ou encontros) e os objetivos que pretendem ver concretizados. O resultado final é que já assinalamos, com o nascimento de novos grupo que perduram no tempo dando corpo por vezes a novas associações locais.

Com o tempo os próprios elementos que integram os grupos tornaram-se em dirigentes da PASEC e animadores geradores de novos grupos num

processo multiplicador e disseminador. Os atuais dirigentes da PASEC, bem como mais de três dezenas dos seus atuais animadores, principais dinamizadores da organização na atualidade, foram jovens que nasceram no seio dos grupos PASEC. Só envolvendo ativamente os atores locais foi possível criar esta dinâmica na organização.



## Recursos gerados a partir de intervenções partilhadas

A PASEC substituiu-se ao Município de Famalicão na intervenção comunitária em alguns dos Complexos de Habitação Social do concelho de Famalicão. Tem um protocolo para 3 anos pelo qual é paga. O mesmo sucede com a Associação de Moradores das Lameiras, que contratou a PASEC nos mesmos moldes do Município de Famalicão para intervir no Complexo de Habitação Social das Lameiras, bairro com mais de 1500 habitantes.

No âmbito dos grupos de seniores e adultos a PASEC trabalha com Juntas de Freguesia e Instituições Particulares de Solidariedade Social que nos solicitam a implementação de grupos informais através do método de Simbologia Grupal ou através da abertura de um núcleo do Espaço Habitat. Também somos pagos por este serviço. Para exemplo, a Junta de Freguesia de Vale de São Martinho solicitou-nos a gestão de um espaço livre na Junta como núcleo do Espaço Habitat para seniores e adultos. A PASEC desenhou o programa de intervenção e disponibilizou os técnicos, a Junta disponibilizou o espaço e paga as horas de intervenção via protocolo.

Temos um apoio anual do Instituto Português do Desporto Juventude no âmbito do Programa Apoio ao Associativismo Juvenil e Plano de Apoio Infraestrutural. Também temos o apoio da União Europeia via Programa Erasmus + e Juventude em Ação. De qualquer forma, estes rendimentos são complementares, não dependemos deles para existir ou levar a cabo a nossa ação. Têm sido apoios regulares que permitiram ampliar o raio de ação mas que não existindo não estrangulam a nossa capacidade de atuação, visto sermos autossustentáveis ao nível de instalações, recursos humanos e atividades de base.

Ao nível do património edificado a PASEC tem os direitos de superfície do antigo Centro Escolar de Santiago de Antas onde tem a sua Escola Integral de Animação Sociocultural, o seu espaço sede, o que faz com que não tenha despesas ao nível do pagamento de rendas ou empréstimos para compra de espaços próprios. Possui mais oito espaços (4 no concelho de Famalicão, 1 em Guimarães, 1 em Braga, 1 em Paços de Ferreira e um em Relva, Cabo Verde) cedidos a título de protocolo ou contrato de comodato, o que faz com que não tenha qualquer tipo de despesa ao nível do funcionamento



das instalações que dão corpo à rede de grupos informais, libertando recursos para as ações concretas no terreno. Noutras zonas as instalações são cedidas por instituições parceiras.

### **O que a PASEC ajudou a transformar**

Os resultados ao nível do processo de transformação efetiva são facilmente visíveis nos resultados que fomos partilhando. Começamos com apenas três grupos e uma base de incidência de pouco mais de 30 jovens.

Os nossos técnicos foram todos eles jovens que nasceram no seio da organização e nela criaram o seu próprio posto de trabalho. Os anteriores técnicos da PASEC, hoje os seus máximos dirigentes, encontraram ainda durante a sua ação novas propostas de trabalho na gestão de empresas, coordenação pedagógica de organizações e iniciativas do Estado e União Europeia tendo por base a experiência adquirida na PASEC.



Por outro lado, mais de três dezenas de jovens animadores da PASEC (todos na organização há pelo menos 3 anos) estão todos empregados ou a concluir as suas licenciaturas, praticamente todas elas na área social. Mais de metade evoluiu de situações de risco para um papel de jovem

empreendedor, multiplicando várias vezes o contributo que também o próprio tinha recebido no seio do seu grupo PASEC.

A partir da sua integração na PASEC, mais do que ocuparem os seus tempos livres e darem forma aos seus anseios e aspirações, foram dezenas os jovens que se superaram e foram além do papel de meros participantes, tornaram-se em atores e empreendedores sociais integrados nas suas comunidades e condutores ou facilitadores de novos processos de desenvolvimento local.

A nossa organização iniciou a sua ação em 2004 com um grupo, em 2007 eram 3 e hoje são mais de cinquenta em 3 países. Os jovens que deram origem a estes grupos deram também corpo às suas aspirações e capacidade de mudar o mundo à sua volta.

Ainda na linha da promoção do protagonismo juvenil através da Democracia Participativa e Educação Não formal como forma de combater os fenómenos de exclusão juvenil, a PASEC formou ou ajudou a formar nos últimos cinco anos dezenas de grupos juvenis e associações que deram resposta direta a milhares de jovens em mais de 20 países. Nos subcapítulos anteriores já citamos exemplo concretos.

### **O que nos inspirou a nascer**

Nascemos como uma organização de animadores socioeducativos organizados em grupos de base. Inspiramos a nossa atuação inicial em organizações como a Ação Católica e o Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças (MAAC em Portugal e MIDADE a nível internacional). Alguns de nós também fizeram parte de Agrupamentos Escutistas, o que acabou por influenciar a forma de atuação de alguns dos nossos grupos iniciais.

De qualquer forma o nascimento da PASEC encontra a sua base histórica na Plataforma Juvenil Informal Cavaleiros, que operou no Complexo de Habitação Social das Lameiras, entre 1995 e 2006. Este grupo juntou dezenas de jovens oriundos de meios sociais desfavorecidos ao longo da sua história, sendo que alguns deles acabariam por se tornar Animadores Socioculturais. Foi a partir deste pequeno grupo que nasce a PASEC,



inicialmente denominada como JASEC – Jovens Animadores Socioeducativos e Culturais.

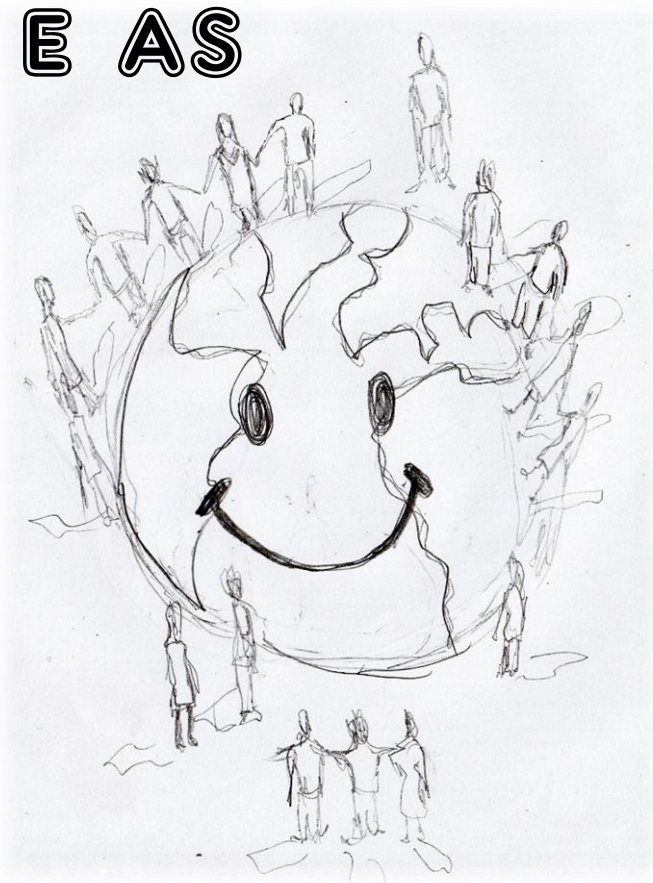
O grupo Cavaleiros ainda hoje é uma realidade, embora da versão original apenas se mantenha o Animador.



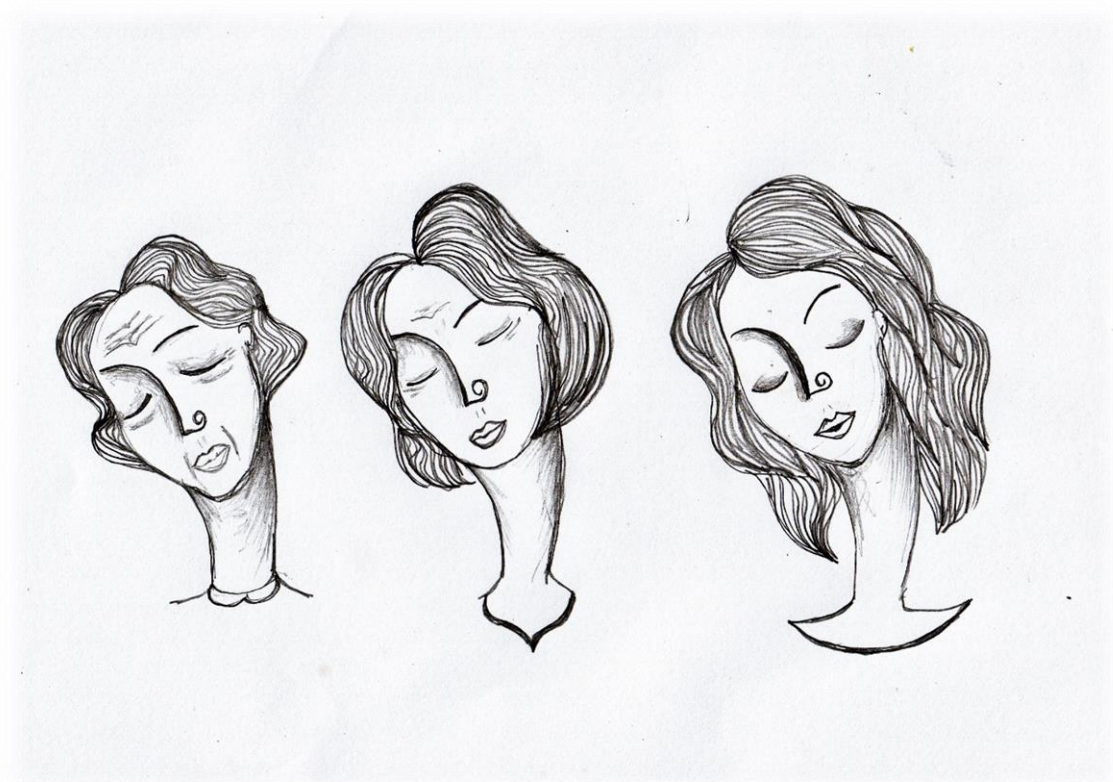


# AS INSTITUIÇÕES, OS PROJETOS E AS IDEIAS

RESULTADOS DO  
PROGRAMA ADN –  
MOSTRA DO QUE ÉS FEITO







# ENCONTRO ENTRE GERAÇÕES

O CAMINHO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL  
INTERGERACIONAL





### Projeto “Encontro de Gerações”

Ao longo do ano letivo de 2013, iniciamos, no Agrupamento de Escolas de Pedome, o projeto “Encontro de Gerações”, em conjunto com os alunos do 9.º E do C.E.F. (Curso de Educação e Formação para jovens com graves índices de iliteracia e insucesso escolar) de Apoio à Família e à Comunidade e os idosos do Centro de Dia do Centro Social de Castelões (polo de Pedome).

O projeto consistiu na criação de encontros entre diferentes gerações através da promoção de atividades focalizadas nas vivências, saberes e experiências de vida de ambos os grupos. À medida que o ano letivo avançava, o projeto foi sendo traçado e ganhando forma, as atividades foram definidas no seio de cada grupo, numa perspetiva de os intervenientes se constituírem como participantes e ao mesmo tempo autores do seu projeto.

No decorrer do projeto foram promovidos vários encontros, nomeadamente, a dramatização da peça de teatro “A turma dos rebeldes”, construído e ensaiado pelos próprios alunos. Também realizaram a apresentação musical e teatral da história “Como se faz cor-de-laranja”.

A música foi uma ferramenta muito importante ao longo do projeto e esteve presente na maioria das atividades, quer formalmente, quer informalmente, os alunos prepararam uma “Rapsódia de canções tradicionais”, através da recolha de várias músicas antigas, por sua vez, os idosos prepararam-nos duas canções dos reis e surpreenderam os alunos.

Os jogos tradicionais também fizeram parte deste projeto, todos eles construídos e monitorizados pelos alunos, tal como a dança. No final de cada atividade ambos os grupos dançavam alegremente, umas vezes músicas tradicionais, outras vezes, músicas atuais.

A parte intelectual também foi desenvolvida, através da criação da “Oficina dos Sentidos”, que consistiu na preparação de vários jogos de estímulo dos cinco sentidos. A maioria dos encontros terminou com a realização de lanches, concebidos pelos alunos, promotores de convívio e fraternização.

Os alunos, inicialmente, tinham receio em trabalhar com uma faixa etária tão elevada. Expressavam alguns preconceitos, relativamente ao odor dos idosos, à postura, às dificuldades físicas, à falta de memória, aos problemas de saúde, entre outros aspetos. À medida que o projeto avançava, os preconceitos e as ideias pré-concebidas foram-se diluindo, dando lugar à amizade e ao prazer de desenvolver cada vez mais e melhores atividades, contribuindo para a alegria e felicidade dos idosos. O empenho e a responsabilidade foram características que se evidenciaram ao longo de todo o ano letivo, manifestadas através da partilha de alguns comentários: “Quando voltamos ao lar? Já tenho saudades”; “Eles (idosos) ficaram mesmo felizes!”; “Temos de desenvolver algo muito animado para eles se rirem”; entre outras.

Relativamente aos idosos, inicialmente, demonstraram alguma reticência em participar nas atividades, a integração e a aproximação não foram imediatas. Ao longo do ano os idosos passaram de público a intervenientes, surpreendendo os alunos com as suas capacidades. Estes encontros tornaram-se tão intensos que os vários idosos e jovens tratavam-se por netos e avós: “este é o meu neto”; “este ano ganhei uma avó”; “o meu neto anda-se a portar bem?”.

Se inicialmente os idosos demonstravam algum receio em aderir às atividades, ao longo do ano foram-se envolvendo cada vez mais, chegando muitas vezes a perguntar quando é que haveria mais encontros.

Tendo em conta as diferenças de cada grupo, este projeto jamais se desenvolvia se não tivesse sido traçado e definido pelos próprios intervenientes. A valorização, o sentido de pertença e o envolvimento foram elementos fundamentais no desenvolvimento do projeto. Inicialmente, a distância entre ambos era notória, porém, encontro após encontro, a aproximação foi crescendo, trazendo consigo a amizade, o afeto, a responsabilidade, o carinho, a vontade de estarem juntos e acima de tudo o respeito pelos outros. Todas as atividades refletiram um enorme impacto junto dos diferentes grupos, demonstrado através da alegria e dos sorrisos espelhados nos seus rostos.

No presente ano letivo (2013/2014) o projeto encontra-se na segunda edição e está a ser desenvolvido pelos alunos do Curso Vocacional de Informática. O primeiro período serviu para os diferentes grupos se adaptarem e no decorrer do segundo período temos vindo a desenvolver algumas atividades, tais como: um concerto, cantar os reis, a realização de vários jogos de carácter motor e uma sessão de relaxamento.

A participação no concurso “Programa ADN” e no projeto Special Democracy trouxe uma motivação acrescida aos intervenientes do projeto, sendo que uma das iniciativas que se encontra a decorrer é a venda de rifas, por parte dos alunos, com o objetivo de posteriormente, convidarem os idosos para um almoço fora da instituição. Tudo isto contribui para a construção de jovens promotores de afeto, educação e respeito. Este é um exemplo de como jovens com especiais dificuldades de aprendizagem podem ser atores sociais envolvidos e comprometidos com a comunidade local.





**AFPAD, A**

**CONSTRUIR UM**

**FUTURO MELHOR...**





**Associação Famalicense de Prevenção e Apoio à Deficiência (AFPAD), a construir um futuro melhor**

O trabalho que é desenvolvido na Associação Famalicense de Prevenção e Apoio à Deficiência (AFPAD) e que tem como destinatários as crianças, os jovens e os mais velhos com problemas de várias origens e dimensões é um indicador absoluto da qualidade das intervenções da associação.

Entre a direção da instituição, o pessoal técnico e o pessoal auxiliar tem existido globalmente uma cumplicidade criadora que motiva todos a fazer sempre melhor e a fazer sempre mais.

Na Associação Famalicense de Prevenção e Apoio à Deficiência há sempre um objetivo novo no horizonte: fazer hoje melhor do que se fez ontem. É esta contínua e persistente procura da perfeição que a todos motiva e a todos envolve.

Do Lar “A Minha Casa” ao Centro de Atividades Ocupacionais e à Intervenção Precoce, há todos os dias inovação, criatividade e novos horizontes, garantindo a todos os que estão na “nossa casa” a abertura a novas oportunidades e a possibilidade que todos têm de serem ou virem a ser cidadãos ativos, intervenientes e modificadores do mundo.

A Educação, no seu sentido mais amplo e profundo, é a nossa grande preocupação quotidiana. Esta é uma “missão” que exige formação contínua e a definição de novos modelos de intervenção e de novas estratégias. A AFPAD nunca se poupou e nunca se poupará no esforço continuado que esta opção exige. Acima de tudo está sempre o crescimento equilibrado e sustentado de todos aqueles que servimos. É para todos eles que trabalhamos todos os dias com entusiasmo redobrado e é para todos que procuramos com afincamento a excelência nas nossas atividades, nas nossas ações e nos nossos gestos.

## A realidade da AFPAD

A Associação Famalicense de Prevenção e Apoio à Deficiência (AFPAD), com sede em Vila Nova de Famalicão, desenvolve a sua ação com crianças, jovens e adultos deficientes, pessoas que precisam quotidianamente de apoios técnicos e intervenções especializadas que possam amenizar e esbater as suas dificuldades, proporcionando-lhes a melhor qualidade de vida possível e a integração social e comunitária devidas a qualquer cidadão.

A AFPAD tem em funcionamento, na área da deficiência, no Município de Vila Nova de Famalicão, as valências de Intervenção Precoce (dos 0 aos 6 anos), Centro de Atividades Ocupacionais (a partir dos 16 anos) e Lar Residencial (também a partir dos 16 anos).

A maioria daqueles que frequentam as valências sociais da AFPAD provêm de estratos sociais muito desfavorecidos, sem recursos económicos ou apoios familiares que lhes permitam suportar os serviços que lhes são prestados. Por esta razão, a associação sobrevive quase exclusivamente com os apoios que recebe da Segurança Social e com os donativos que particulares e empresas vão fazendo.

O trabalho com crianças, jovens e adultos deficientes é, pela sua natureza, muito oneroso, o que nos coloca sérias dificuldades de gestão, para atendermos com qualidade mais de uma centena de pessoas que os sobressaltos da vida atiraram para situações em que não conseguem sobreviver sozinhas.

A AFPAD possui o reconhecimento de utilidade pública nos termos do artº. 10º do Código do IRC (Diário da República, III Série, de 04 de Outubro de 2003), facto demonstrativo da sua importância social.

A AFPAD tem como objetivos:

1. Intervir na área da prevenção primária, sensibilizando a população para a problemática da deficiência e criando estruturas e respostas adequadas.

2. Estabelecer uma rede articulada de estruturas oficiais, com ações na intervenção da problemática da deficiência, com o objetivo de integrar pessoas portadoras de deficiência nas estruturas existentes.

O seu âmbito de ação abrange preferencialmente as freguesias do Concelho de Vila Nova de Famalicão, podendo alargá-lo a outras regiões.

Para realizar os seus objetivos, a Associação propõe-se:

1. Promover e dinamizar a articulação entre os diferentes serviços que existem na comunidade e que atuam na área da deficiência.
2. Intervir de forma a garantir à pessoa com deficiência o seu direito à Educação, ao trabalho, ao bem – estar social e à inserção social.
3. Dar apoio às famílias, no âmbito da intervenção e formação, bem como promover encontros e situações de lazer.
4. Apoiar e alargar a inserção de pessoas com deficiência nas estruturas comunitárias, tendo em vista a sua participação e realização plena como cidadãos.
5. Fazer apoio domiciliário a pessoas portadoras de deficiência e incapacidades.
6. Promover apoio ambulatorio a pessoas portadoras de deficiências e incapacidades.

### **Honrar o passado e construir o futuro**

Merecem-nos muito respeito e muita admiração todas aquelas e todos aqueles que, retirando horas ao seu sono e conforto às suas famílias, deram o melhor de si no fortalecimento da instituição e da sua afirmação no movimento associativo famalicense e nacional.

A AFPAD é uma instituição respeitada pelo trabalho que desenvolve na educação e na promoção dos valores da tolerância e da igualdade entre as pessoas. Trabalhando com pessoas diferentes, consegue torná-las iguais na

sociedade que nos rodeia. Esta é, talvez, a “medalha” mais valiosa da Associação.

Continuamos a alicerçar o nosso trabalho nos valores mais caros da AFPAD, respeitando a sua missão e a sua visão global, mas preparando, em simultâneo, a instituição para novas frentes de intervenção, através do reforço do seu projeto social.

Continuamos a contar com o trabalho sério e a dedicação empenhada de todos os colaboradores, técnicos e associados. Só todos juntos, empenhados e disponíveis para a concretização de novos objetivos, conseguiremos fazer da AFPAD uma associação forte e mobilizadora.

Após muitos anos de ação individual e setORIZADA das instituições privadas de solidariedade social, as novas condições sociais, económicas e demográficas do País e do Município de Vila Nova de Famalicão impõem uma reflexão profunda sobre o funcionamento das IPSS.

Se, do ponto de vista teórico e normativo, as redes sociais têm como um dos objetivos principais dar um contributo decisivo na racionalização do trabalho dos equipamentos existentes e dos técnicos ao seu serviço e projetar novas intervenções numa lógica de superação das lacunas e dificuldades de intervenção sentidas, verifica-se que, na prática, esse objetivo é, por vezes, contrariado, por força de hábitos de atuação de muitos anos. Por outro lado, a cooperação técnica e a colocação e distribuição do “know how” disponível ao serviço das populações pode não ser desenvolvido.

Esta situação deve-se, em grande parte, à prevalência do centralismo institucional, em que, salvo raríssimas exceções, cada uma das instituições vê nas outras “concorrentes” em esferas de ação que são comuns.

Daí a necessidade sentida de pôr no terreno o trabalho de unidades de ação de média dimensão, em que um grupo de instituições, numa opção clara e responsabilmente assumida, se alia para responder, com mais qualidade e poder de intervenção, aos novos desafios que se colocam no campo da solidariedade social, rentabilizando os meios materiais e os recursos humanos e técnicos disponíveis.

Os objetivos imediatos da AFPAD passam pela obtenção de novas instalações para o Lar Residencial de Deficientes Profundos, a funcionar em Vermoim, um novo equipamento que se pretende mais amplo, com mais capacidade e mais funcional.

Renegociar os acordos de cooperação existentes com a Segurança Social e celebrar novos acordos que permitam uma maior qualidade do trabalho que é desenvolvido é também uma das prioridades. Desenvolver e testar novas formas e novos modelos de intervenção social são outros objetivos.

Para além dos apoios do Estado, vai-se tentar diversificar, através de novos projetos e de novas iniciativas as suas receitas, de molde a garantir a sua sustentabilidade financeira.

Neste processo de transformação que mais não visa que a obtenção de melhores respostas na intervenção social e comunitária, no Município de Vila Nova de Famalicão, contamos com o apoio das entidades da tutela – Ministério do Trabalho e da Solidariedade e Centro Distrital de Solidariedade e Segurança Social de Braga – e com a cooperação indispensável da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.

Pelo trabalho inovador, sério e continuado que mantém com a AFPAD, temos que referir, com um grande agradecimento, a PASEC que trouxe à nossa casa novos horizontes. Os “Jogos da Diferença” e as sessões de “Simbologia Corporal” são disso um bom exemplo, através do Projeto Special Democracy, apoiado pela União Europeia.

Uma palavra final para os novos serviços que a AFPAD está a implementar, com destaque para o “Gabinete Social de Terapias” e para o Centro de Estimulação de Alzheimer”. Estas novas frentes de intervenção só demonstram que a AFPAD não é uma entidade estática e aposta no desenvolvimento e na inovação.

Mário Martins, Presidente da Direção





**A AUDAZ  
AVENTURA DOS  
PRIMEIROS  
VISITANTES DA  
LUZ...**



UM TESTEMUNHO HISTÓRICO DA  
APDASC...



**A AUDAZ AVENTURA DOS PRIMEIROS VISITANTES DA LUA**  
**(reedição remasterizada dos registos publicados ao 6.º ano do século**  
**XXI)**

Carlos Costa

*Animador Sociocultural, Canicultor e Contador de Estórias*

***Prisioneiros de uma utópica lua***

*Era uma vez... “uma vez”  
que à força de ser contada  
se repetiu tantas vezes...  
que se tornou realidade.*

(Bucay, 2004:84)

A lua não apareceu por acaso, alguém teve que a criar. Gente que tentou pelo menos imaginá-la, desenhá-la e redesenhá-la. Não foi à primeira tentativa que se conseguiu aquilo que hoje conhecemos da lua.

Mas antes de vos falar sobre a lua, gostava que conhecessem um bocadinho desta pessoa que escreve sobre ela, concordam? Asseguro que tentarei recopilar.



O meu nome é Carlos, nasci no ano de 1981, numa família de fundadores de um agrupamento de escuteiros, na verdade um dos primeiros em Portugal, pois já fez mais de 75 anos. Desde que me conheço que as minhas memórias são fortemente marcadas pelas atividades que desenvolvíamos

nos escuteiros (acampamentos, dinâmicas de grupo, contacto com a natureza, jogos de cooperação, longos serões de partilha e convívio possibilitados pelo “fogo de conselho”...). Devo ter sido o escuteiro mais novo de sempre (pelo menos não oficial, já que existe uma idade mínima para o ser reconhecido como tal). O meu avô era chefe de agrupamento, o meu pai era chefe, a minha mãe era chefe, os meus tios caminheiros... e eu andava por lá, pequenino e de fraldas a correr tudo.

O trabalho com grupos de jovens sempre me cativou, pelo que, não foi de espantar (pelo menos para mim), que os testes vocacionais do 9.º ano só apontassem uma saída – animador social. É claro que eu não me queria separar dos meus amigos, por isso fui atrás deles para o curso de desporto. Desisti a meio do ano porque não estava para andar todos os dias a trocar de roupa e a tomar duche na escola (na visão estética da minha pessoa era um desafio andar sempre a retocar o cabelo). Então inscrevi-me num Conservatório de Música e numa Escola Secundária dessa zona. Nesta altura eu já tinha passado por três bandas de pop rock e uma de jazz (cheguei a tocar guitarra, baixo e a ser vocalista). Quando fui às audições para admissão ao Conservatório e vi os miúdos a ensaiar música clássica,

cheios de técnica e tiques de gente fina, saí de lá a correr e a chorar. Os meus pais já tinham gasto tanto dinheiro comigo, e agora, a dois dias de começarem as aulas a 40 Km de casa, eu descobrira que não queria nada daquilo. Senti-me esgotado, perdido e a achar-me o pior filho do mundo.

### **ACHAVA-ME O PIOR FILHO DO MUNDO!**

**Esta é uma das fases da minha vida em que tive de refletir muito e tomar decisões sérias.**

(parece-me oportuno embutir aqui o tema *roads* dos *portishead* 🎵)

Pensei muito no que queria para a minha vida, naquilo que realmente me fazia feliz. Cheguei à mesma conclusão dos testes vocacionais que me haviam sido passados há mais de 1 ano atrás. Os meus pais cancelaram a matrícula e inscreveram-me noutra escola secundária (no curso tecnológico de animação social). Além disso tiveram de comprar novos livros.

[*agora desliguem pf. o tema dos portishead*]

Ainda me lembro do 1.º dia de aulas na nova escola... cheguei atrasado, entrei e vi só raparigas... assustei-me e perguntei:

- *É aqui a sala do 10.º E?*

E elas responderam em coro:

- *É!!!!*

Valha-me a santa, tive de sobreviver durante três anos numa turma em que eu era o único rapaz.

*[podem retomar ao tema dos portishead]*

## **O REFORÇO DAS MINHAS BASES COMO ANIMADOR**

Os três anos do secundário revelaram-se um enorme desafio, sobretudo porque professores, alunos, auxiliares e sociedade em geral, sofria de uma ausência de informação sobre a profissão do animador, o que os levava a terem frequentemente “diarreias” cerebrais (desculpem a expressão brejeira mas não me ocorre outra) sobre o assunto. Fui vítima de preconceitos, estereótipos, muita estupidez e injustiça. Mas não me quero alongar sobre esse assunto.

Como não pertencia a nenhum curso com “classe” (na ideia de alguns asnáticos), também a escola não se importou connosco, dando informações apenas aos pais dos meninos “doutores”, sobre quais as universidades para seguirem o seu curso e terem uma carreira brilhante. Tive que andar com a minha mãe, já fora de prazos, à procura de cursos superiores de animação. Depois de todo o processo concluído, entrei na Escola Superior de Educação Jean Piaget de Vila Nova de Gaia. Durante os quatro anos seguintes convivi com pessoas fantásticas e aprendi muito. Aprendi sobretudo a saber aprender, a não me resignar, a colocar em prática as minhas ideias e a não desistir perante as toneladas de adversidades que nos vão aparecer à frente durante toda a vida.

Assim, em janeiro de 2004, eu e o meu amigo João, com a ajuda de outros jovens estudantes de animação sociocultural (ASC) avançamos para uma primeira tentativa de conceção da lua. Atribuímos-lhe o nome de ANIMUS



– Associação para o Desenvolvimento da Animação Sociocultural, entendida que era a ASC como:

*“O conjunto de ações realizadas por indivíduos, grupos ou instituições numa comunidade (ou num sector da mesma) e dentro do âmbito de um território concreto, com o objetivo principal de promover nos seus membros uma atitude de participação ativa no processo do seu próprio desenvolvimento quer social quer cultural.”*

(Bernet, 2004:26)

Mas essa lua perdeu-se mesmo antes de nascer, ficou retida numa máquina que em Portugal se chama (ou chamava) Registo Nacional das Pessoas Coletivas (RNPC), que é (ou era) operada pela Direção-Geral dos Registos e do Notariado (DGRN), que por sua vez presta (ou prestava) contas ao Ministério da Justiça (MJ) – entidade do Governo da República Portuguesa. Para uma lua tão frágil como aquela tinha sido esboçada, não foi difícil ser engolida pelo engenho e nunca mais ninguém a viu<sup>1</sup>. Nós, os seus criadores, as pessoas que a rascunharam, não fomos capazes de dar outro nome à lua, de pelo menos tentar afigurá-la com outra designação, tão presos que estávamos à utopia que a fantasia dessa sua lua nos trouxera. Mas “o desejo da liberdade nasce da sensação de não se poder fazer o que se desejaria fazer, ou da experiência da opressão, isto é, da sensação de não se poder deixar de fazer o que se preferiria não fazer” (Bauman, 1989:81), e o sonho

---

<sup>1</sup> Antes de ter surgido a APDASC houve uma proposta para a constituição da ANIMUS cuja designação foi reprovada pelo Registo Nacional de Pessoas Coletivas, por se tratar de uma designação muito semelhante a algumas empresas têxteis. Havia a possibilidade dessa denominação ser aprovada, mas apenas mediante o pagamento de uma determinada quantia, inoportuna na altura para estudantes que não exerciam ainda trabalho remunerado. Optou-se por congelar a ideia.

nunca foi esquecido, nem nunca se deixou de acreditar ser possível um dia ver a lua, comprovar e provar a existência do seu sabor.

### ***Os primeiros passos na cósmica poeira da lua***

♪ escrito ao som da cover *where is my mind (Pixies)*, interpretada ao piano por *Maxence Cyrin* ♪

Foi um verão quente, aquele que em agosto de 2005 recaiu sobre o território nacional. Sensivelmente nessa altura, quando o sol retomava à vertical linha do azimute da hora do almoço, eu, com alguns colegas animadores socioculturais decidimos lançar-nos sobre o mar e pairar sobre o mundo<sup>2</sup>. Tínhamos a lembrança de um passado vivido com a intensidade de um clarão provocado por um raio celeste, daqueles raios que nos diziam em tempos idos, serem o resultado de uma ira inexplicável de um ser tão espantoso quanto transcendente.

Apareceu uma nova lua. Ninguém estava à espera que se tornasse a tentar idear uma nova lua, e mesmo depois de já crédulos olharmos, não havia quem ciente estivesse de tão audaz e complexo passo.

Como disse o primeiro homem que pisou essa nova lua:

- *Este é um pequeno passo para nós, mas um grande passo para a animação!*<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> A APDASC surgiu em Agosto de 2005 quando um grupo de jovens portugueses licenciados, bacharéis e estudantes de animação sociocultural, movidos pela vontade e pelo sonho de reunir esforços para projetar esta tão nobre profissão, lutando pelos direitos destes privilegiados agentes de desenvolvimento comunitário, iniciou o processo de criação/legalização de uma instituição de âmbito nacional, designada por APDASC – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Animação Sociocultural.

<sup>3</sup> Frase pronunciada por mim, na altura vice-presidente da Direção da APDASC, aquando de uma reunião geral com os membros sociais da instituição, inspirada na famosa frase de Neil Alden Armstrong,

Tudo isso porque no coração sempre palpitou a convicção, a vontade de erigir o sonho coletivo, de projetar as aspirações das comunidades, de reunir ilhas e sentir a salinidade de quem busca melhor qualidade de vida para todos, porque “uns e outros somos iguais. Somos os mesmos em capacidade potencial” (Lostado, 1993:14). Uma das características da ASC passa pela “promoção da vida associativa como suporte de crescimento, de participação e instrumento permanente de mudança. A ASC supõe a superação do individualismo e a posse de um grande espírito comunitário” (Serrano e Puya, 2006:96). Rebuscou-se este sentimento para partir nesta aventura.

Desde a fase embrionária desta nova lua que foi necessário ultrapassar uma série de obstáculos que à primeira vista impulsionariam a desistência de quem estivesse menos convicto deste projeto. Em Portugal a tarefa do associativismo torna-se cada vez mais árdua e utópica. Não é só querer muito e acreditar ser possível, é necessário trabalho, dedicação, empenho, responsabilidade, persistência, sentido de compromisso e uma certeza inabalável daquilo a que nos propusemos. Mas ao mesmo tempo “o movimento associativo é verdadeiramente um centro de estágio para a democracia. Isto porque nas associações, candidatamo-nos, organizamos listas, votamos nas eleições, reunimos, defendemos programas e planos de atividades, realizamos e executamos projetos, elaboramos estatutos e regulamentos, comunicados, cartazes, programas eleitorais, espetáculos e convívios” (Mendes, 2005:9).

---

comandante da missão Apollo 11, quando a 20 de Julho de 1969 se tornou o primeiro homem a pisar a lua, “este é um pequeno passo para o homem, mas um grande passo para a humanidade”. A APDASC foi constituída por escritura pública a 20 de setembro de 2005.

Já de madrugada nos apercebemos que seria necessário insistir nas componentes “produtividade” e “gratificação grupal”, utilizando não só as técnicas de grupo como as metodologias próprias do associativismo e o próprio método da ASC. Orientar para resultados, avaliando desde o primeiro momento para melhorar, para otimizar a nossa maneira de agir<sup>4</sup>, não esquecendo de que todos somos membros de um grupo, de uma família que precisa de atenção, de se sentir bem consigo própria, com os outros e com o meio, auferindo momentos de retribuição pessoal e coletiva.

Personificando agora a lua como um bebé, estes “quando nascem, mexem os membros de uma forma atabalhoada e descontrolada. O cérebro vai depois refinando progressivamente os circuitos para as atividades motoras” (Silberg, 2005:37), houve um crescimento e um reajuste constante desde o primeiro ano de existência.

A lua de que falamos conheceu a luz do dia sem recursos, sem casa onde habitar e se desenvolver, foi necessário o apoio incontornável dos seus primeiros visitantes<sup>5</sup> que cobriram as despesas nessa fase inicial, bem como de algumas parcerias. O contributo de todos apresentou-se como algo de verdadeiramente preponderante num parto que não se avistou fácil. Houve uma série de encontros, de reuniões preparatórias, de regulamentação a adotar para o necessário funcionamento deste satélite. Até se produziu um

---

<sup>4</sup> A Direção da APDASC sempre insistiu no estabelecimento de metas e metodologias avaliativas dentro do processo associativo no âmbito de todas as ações desenvolvidas.

<sup>5</sup> As primeiras pessoas que integraram os órgãos sociais da APDASC.

logótipo para esta lua, desenhado, redesenhado e estruturado de acordo com o espírito e teoria da casa<sup>6</sup>.



Avançou-se incidindo a decisão no passar de espetadores a protagonistas, pois “perante um mundo massificado, unidimensional e com o perigo de idiotização através dos meios de comunicação mais potentes, urge a formação de quadros, associações culturais criadoras de homens capazes de decidir e com capacidade criadora que saibam escapar de um mundo alienante e robotizado” (Castro, 1987:25).

---

<sup>6</sup> O logótipo da APDASC representa de forma genérica uma “chama de vida” com três labaredas expressivas das dimensões da animação sociocultural: social, cultural e educativa. A cor alaranjada que adquire é a da vitalidade, do compromisso, de quem acredita que tudo é possível.

## ***O novo satélite gira***

♪ escrito ao som do tema *festival dos sigür rós* ♪

Desde que a lua foi concebida que se lhe tomou balanço para girar. Curiosamente esta lua foi impulsionada maioritariamente por mulheres<sup>7</sup>. Esse espanto advém do facto da ASC em Portugal ter dado os seus primeiros passos quase que exclusivamente pela mão de homens. A redução evolutiva de homens dentro do panorama da ASC e aumento substancial de mulheres poderá estar associada a fatores como: o entrosamento da ASC em contextos sociais e educativos tradicionalmente dominados por mulheres; Formação de nível superior em ASC (uma vez que existem mais mulheres que homens a frequentar o ensino superior em Portugal).

No primeiro ano de existência da nova lua foi possível percorrer várias escolas e eventos (13 eventos, 8 escolas superiores e 7 escolas profissionais). Entre os problemas e necessidades dos estudantes e profissionais da ASC destacaram-se:

### **✎ O Processo de Bolonha e as suas implicações a nível dos cursos superiores de ASC.**

*“O encaminhamento e os sentidos a dar ao processo – porque é de um processo que se trata – cabem, de forma particular, à comunidade do ensino superior. Mas não dispensa o debate e a opinião de todos os que se interessam pelo ensino, ciência e desenvolvimento.”*

(Serralheiro, 2005:17)

---

<sup>7</sup> Os órgãos sociais da APDASC eram compostos por 15 mulheres e apenas 5 homens.



*“Particularizando, neste processo, o papel do curso de animação sociocultural, é preciso antes de mais que nos entendamos sobre o nome exato que queremos para esta formação. Não faz sentido as instituições públicas e privadas, universidades e politécnicos, continuarem a lançar cá para fora cursos de nomes diferentes, mas para as mesmas funções, sem criarem uma estrutura que uniformize o nome da formação e, porque não também, o plano de estudos no que diz respeito aos créditos obrigatórios das ciências da especialidade e das ciências de base.”*

(Bento, 2006)

✎ **Estatuto e carreira do animador sociocultural.** Esta necessidade já existe desde 1974, senão reparem:

*“O Encontro de Animadores do FAOJ (Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis), realizado na cidade da Figueira da Foz, nos dias 24 e 25 de Setembro (1981), destinou-se à elaboração de uma proposta de Estatutos de Animadores Socioculturais das Casas da Cultura da Juventude (CCJ (s)) adstritas às Delegações do FAOJ. Numa missiva, subscrita por todos os Animadores da estrutura CCJ/FAOJ e dirigida ao Secretário de Estado da Juventude, chamava-se a atenção para o crescimento do número de Animadores, após 1974, e para a necessidade do reconhecimento social da função pelo que se impunha a aprovação de um estatuto que conferisse segurança e estabilidade ao exercício da profissão.”*

(Lopes, 2006:241)

✎ **Desemprego.** Apesar desta ser uma das grandes preocupações dos estudantes e profissionais da ASC, é igualmente a principal preocupação dos jovens portugueses, como podemos ver pelos resultados do inquérito aplicado pelo Instituto Português da Juventude (IPJ), entre os dias 4 e 12 de janeiro de 2005, a 814 jovens entre os 15 e os 30 anos:

*“Do total de jovens inquiridos, 69,7% acha que o principal problema do mundo de hoje é o desemprego, seguindo-se a guerra, a fome, as desigualdades sociais, o racismo e o meio ambiente com valores entre os 40% e os 60%.”*

(Secretaria de Estado da Juventude, 2005:34).

✎ **Novos âmbitos da ASC.**

*“Da análise da prática da animação, se depreende a existência de âmbitos de intervenção claramente diferenciados, determinados pela existência de práticas, claramente diferenciadas, que põem a sua ênfase em cada um dos diferentes âmbitos de intervenção.”*

(González, 1999:89)

No ano de 2003 ainda se colocava a questão:

*“É possível a ASC num centro educativo? Ao aceitar a possibilidade da ASC dentro da Escola, supõe ir contra um dos rasgos fundamentais com que até agora se tem vindo a caracterizar a ASC: A introdução da ASC na chamada*

*educação não formal entendida como educação fora do marco escolar, fora do ócio – oposto, portanto, a tudo o que tenha a ver com o trabalho ou o estudo.”*

(Ventosa, 2003:11)

Criou-se também uma nova lua na ilha da Madeira<sup>8</sup>. Uma lua com um projeto ambicioso para aquela região autónoma. Um exemplo de que não existem limites nem distâncias que impeçam os sonhos de se consubstanciarem.

*“O caminho que a animação tem vindo a percorrer na Região Autónoma da Madeira ao nível da concretização de projetos socioculturais tem ajudado a despontar as necessidades comunitárias e a consequente sedimentação de um percurso profissional inóspito dos novos agentes culturais que, hoje começam a se afirmar em instituições que intervêm em diferentes realidades sociais (...) Porque há animadores e se concretizam projetos de animação sociocultural nas diferentes comunidades locais deste arquipélago é que a APDASC criou a sua primeira Delegação Regional.”*

(Viveiros, 2006)

Mas o grande projeto desse ano (2006) chegou a todos através da Internet, com o encontro de um espaço virtual onde todas as pessoas pudessem encontrar a lua sem saírem de casa, onde pudessem conhecê-la mesmo

---

<sup>8</sup> A 16 de Maio de 2006, foi aprovado por unanimidade em Assembleia-geral da APDASC a criação e constituição da Delegação Regional da Madeira.

estando a centenas e milhares de quilómetros. Um importante agente de socialização e de concentração de informação da área ([www.apdasc.com](http://www.apdasc.com)).

*“A rede das redes, Internet, converteu-se num dos modernos agentes de socialização, através da rede acede-se a novas e sofisticadas informações, se estabelecem relações de comunicação, de cooperação, de autoconhecimento. A rede permite o trabalho cooperativo, supera as barreiras espaço temporais, permite a comunicação intercultural e o desenvolvimento de projetos solidários.”*

(González, 2005:24)

Durante os anos seguintes de atividade da lua teve um sistema de rotação imparável, girando, girando, girando... e hoje já tem 9 anos de existência. Muitas pessoas passaram pela lua, levaram um bocadinho dela e foram embora. Outras houve que ficaram para acolher os novos habitantes. Nestes quase 10 anos a lua foi forte e não deixou de girar:

☆ Foi um ponto de encontro para milhares de profissionais e estudantes de animação, que não tinham o suporte de nenhuma associação (pois a lua apareceu porque não existia nenhuma associação promotora da animação sociocultural em funcionamento);

☆ Foi a primeira associação a estabelecer um elo de ligação entre instituições de ensino superior, ensino secundário/profissional, estudantes, professores e profissionais da área da animação sociocultural. Ligando pessoas e possibilitando contactos até aí ténues ou inexistentes;

- ☆ Para muitas bibliotecas escolares e pessoais, os milhares de livros, de dezenas de autores, que a lua disponibilizou/vendeu em escolas e eventos, foram os primeiros que algum dia tiveram na mão. A maior parte das instituições do ensino superior que ministravam cursos de animação não tinham um único livro da área na sua biblioteca, e as que tinham alguns, estavam completamente desatualizados;
- ☆ Organizou, colaborou e participou em centenas de congressos, colóquios, debates, encontros e fóruns sobre a temática da animação sociocultural (a nível nacional e internacional), recolhendo conclusões, opiniões, caminhos;
- ☆ Esteve na fundação e fez parte da primeira Junta Diretiva da Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural (através de um representante);
- ☆ Criou o primeiro portal de animação sociocultural ([www.apdasc.com](http://www.apdasc.com)) onde é possível encontrar todo um conjunto de informações sobre formação, eventos, bibliografia e notícias da área;
- ☆ Trabalhou, discutiu, apresentou e promoveu o *Estatuto do Animador Sociocultural* e o *Código Deontológico do Animador Sociocultural*;
- ☆ Lançou a revista virtual “Práticas de Animação”, 4 livros resultantes de Congressos, e dezenas de artigos sobre a animação e os animadores;
- ☆ Ministrou formações complementares a mais de meio milhar de pessoas;
- ☆ Integrou equipas de jurados em dezenas de Provas de Aptidão Profissional por todo o país;

☆ Trabalhou com sindicatos, cooperativas, associações e outras entidades no sentido de mobilizar a opinião pública, autoridades e entidades públicas e privadas em favor da ASC, valorizando os seus profissionais, reivindicando mais empregos e melhores condições de trabalho.

☆ E tanta coisa fez de bom que aqui ficou por dizer...

### ***O futuro da lua***

O futuro da lua será simples. Pelo menos clareia-se evidente ao refletir. Será um futuro voltado para a mudança, para a melhoria da realidade social. Uma lua que almeja chegar com todos a todos, certamente que será uma lua que terá uma multiplicidade de cores, com diferentes perspectivas, com distintas visões e olhares. Mas a ASC é isso mesmo, é a força da comunidade, “é uma ação social que está ao nível das práticas sociais. Uma metodologia, cujo objetivo final não consiste em incrementar os conhecimentos da ciência mas em melhorar a realidade social” (Serrano e Puya, 2006:105).

O que o destino reserva para a lua será algo que se definirá nos traços que forem esboçados no presente. Mas a ASC está constantemente a transpor barreiras. Confiamos no poder de transformação que os profissionais da ASC têm quando se aplicam a 100% no seu trabalho. Abonamos em favor de projetos que sejam benéficos para o desenvolvimento comunitário. Elevaremos certamente a ASC ao patamar que ela merece, com um futuro promissor e necessário num mundo em constante mudança. Todos os visitantes da lua têm o direito e o dever de a pintar com as cores mais



translúcidas, mais resplandcentes e mais atraentes do universo. Uma lua que um dia não foi lua, nem de ser sonhada poderia gabar-se.

### **Referências Bibliográficas**

BAUMAN, Zygmunt, 1989. **A Liberdade**. Lisboa: Editorial Estampa.

BERNET, Jaume Trilla, 2004. **Animação Sociocultural – teorias, programas e âmbitos**. Lisboa: Instituto Piaget.

BUCAY, Jorge, 2004. **Contos para pensar**. Cascais: Editora Pergaminho.

CASTRO, Ángel de, 1987. *La Animación Cultural – Nuevas Perspectivas*. Madrid: Editorial Popular.

GONZÁLEZ, Mario Viché, 2005. **La Educación Social – Concepto y metodología**. Zaragoza: Libros Certeza.

GONZÁLEZ, Mario Viché, 1999. **Una Pedagogía de la Cultura: La animación sociocultural**. Zaragoza: Libros Certeza.

IDÁÑEZ, María José Aguilar, 2000. *Como Animar un Grupo*. Madrid: Editorial CCS.

LOPES, Marcelino de Sousa, 2006. **Animação Sociocultural em Portugal**. Chaves: Editora Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

LOSTADO, Dário, 1993. **Viver como pessoa**. Vila de Cucujães: Editorial Missões.

MENDES, Victor, 2005. **Como constituir uma Associação**. Porto: Legis Editora, Lda.

SECRETARIA DE ESTADO DA JUVENTUDE, 2005. **Juventude em Acção**. Maia: Gráfica Maiadouro, S.A.

SERRALHEIRO, José Paulo (org.), 2005. ***O Processo de Bolonha e a Formação de Educadores e Professores Portugueses***. Porto: PROFEDIÇÕES, Lda./Jornal a Página.

SERRANO, Glória Pérez, PUYA, M.<sup>a</sup> Victoria Pérez de Guzmán. 2006. ***Qué es la Animación Sociocultural – Epistemología y valores***. Madrid: Narcea S.A. de Ediciones.

SILBERG, Jackie, 2005. ***Brincadeiras para Bebés – Jogos simples que os ajudam a aprender***. Cascais: Editora Pergaminho.

VENTOSA, Victor J, 2003. ***Educar para a Participación en la Escuela – Animación en centros educativos***. Madrid: Editorial CCS.

### ***Referências Webgráficas***

BENTO, Avelino, 2006. ***Implicações ao nível dos Cursos Superiores de Animação Sócio-cultural***. Secção Processo de Bolonha do site da APDASC. [www.apdasc.com](http://www.apdasc.com).

VIVEIROS, Albino Luís Nunes, 2006. ***Deambulando pelos caminhos inóspitos da Animação Sociocultural na Região Autónoma da Madeira***. Secção Estudos da Revista Quaderns d'Animació i Educació Social, N.º 4. [www.quadernsanimacio.com](http://www.quadernsanimacio.com).



# FEIRA MEDIEVAL

UMA IDEIA

PROTAGONISTA



## **Agradecimentos**

A todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram e contribuem para o sucesso deste evento, renovamos a nossa homenagem e agradecimento por acreditarem neste projeto, em nós e neles próprios.

Nada é mais gratificante do que ver plasmado com sucesso todo um esforço e empenho coletivos.

“Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”, Fernando Pessoa

## **Feira Medieval/Quinhentista:**

Este projeto, na sua 7ª edição foi levado a cabo pela Escola Profissional CIOR em estreita colaboração com a Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. Visou a recriação da época Medieval e Quinhentista (baile), em todas as possíveis formas de estar e sentir. O evento teve lugar de 20 a 23 de junho do ano da graça de 2013 na Praça e Jardins D. Maria II, em Vila Nova de Famalicão.

O presente projeto teve, numa fase inicial, como indutor principal a necessidade de levar a efeito a prova de aptidão profissional dos alunos de 12º ano do Curso Profissional de Animação Sociocultural. Enquanto escola e responsáveis no âmbito do ensino/aprendizagem, sempre entendemos que este curso deveria comungar dos princípios da própria Animação

Sociocultural, funcionando de forma sistémica, com uma dinâmica territorial e setorial transversal, assente em metodologias participativas, inovadoras, onde teria que se promover a autonomia dos alunos com vista a dotá-los de competências profissionais e qualidades pessoais para serem protagonistas do seu próprio futuro. Contudo, tendo em conta o impacto social e cultural que sempre teve, bem demonstrado pelo número de visitantes em todas as edições foi necessário transformar um projeto essencialmente do curso de animação sociocultural para um projeto de escola. Tal situação não invalida a participação acrescida dos já referidos alunos de 12º ano, pelo facto de ser o seu trabalho final de prova de aptidão profissional.

Tendo em conta o atrás explicitado o presente projeto seguiu a seguinte metodologia: **Conceção; Preparação; Apresentação; Defesa/avaliação.**

Numa fase inicial os alunos foram divididos por áreas de intervenção, tendo em conta as suas vontades e/ou competências em determinada área. Assim, as áreas determinadas foram as seguintes: **Planeamento e Secretariado/Promoção e Divulgação; Animações Internas/Externas; Jogos e Animais; Mercado e Gastronomia; Figurinos e Caracterização; Decoração/Artefactos e Controlo orçamental.**

Apesar de existirem grupos por áreas de intervenção, o projeto tinha que ser entendido como um todo, não havendo compartimentos estanques, funcionando de forma sistémica. Abaixo indica-se as responsabilidades por área de intervenção.

Foram seleccionados professores acompanhantes por áreas de intervenção, que conjuntamente com uma equipa de outros professores davam o apoio



necessário aos alunos. Contudo, o professor acompanhante e equipa serviam de fontes catalisadoras para uma tomada de consciência participativa dos próprios alunos, opinando e intervindo em situações onde o aluno se sentia menos à vontade, ou outras que ultrapassavam o próprio aluno.

**Conceção:** Todos os grupos inicialmente tiveram que determinar quais os objetivos inerentes à sua área de intervenção, conceber e pré-planificar as atividades. Para que tal sucedesse foi necessária uma investigação cuidada e precisa das suas áreas no que corresponde à época medieval. Este trabalho inicial foi devidamente apresentado ao professor acompanhante que em estreita colaboração com os próprios alunos decidiam as eventuais alterações ou o avançar do processo para o passo seguinte. Foi apresentado, também nesta fase, uma estimativa orçamental das despesas inerentes ao projeto.

**Preparação:** Após a aprovação de um “dossier” de PAP pelo professor acompanhante, os alunos passavam de imediato à preparação de todos os trabalhos de preparação da Feira Medieval/Quinhentista. Com a referida preparação foram apresentados os orçamentos por área de intervenção incluindo todos os itens necessários.

**Apresentação:** Nesta fase foi necessário a montagem para a apresentação pública. Tendo em conta a envergadura do projeto, foi incorporada uma equipa de alunos de outras turmas, lideradas por um professor, que auxiliaram nas respetivas montagens/manutenção. De salientar que toda a comunidade escolar esteve envolvida nesta fase, tenha sido de forma presencial no local da feira, tenha sido como apoio de retaguarda a todo o processo.

**Defesa/avaliação:** Os alunos, nesta fase, explanaram quais as suas responsabilidades no âmbito do projeto, efetuando uma avaliação no que dizia respeito à Feira Medieval/Quinhentista (em todas as suas fases), bem como na aplicação/aquisição de competências durante todo o processo.

### **Responsabilidades por áreas de intervenção:**

**Planeamento e Secretariado/Promoção e Divulgação** – Coordenação dos vários grupos de intervenção, seja na aferição de datas de apresentação de documentação, seja na otimização de comunicação intergrupar; responsável pela ligação entre o professor coordenador e os vários grupos de trabalho; recrutamento/controlo de voluntários para apoio; angariação de patrocínios de géneros alimentares; controlo de execução de plantas de implementação das várias áreas de intervenção; gestão da alimentação de todos os participantes; gestão de equipamentos comuns (sonoplastia e luminotecnia); conceção/preparação e controlo das atividades de promoção e divulgação do evento; controlo do cumprimento do programa durante a sua apresentação; ...

Nota: Foram servidas cerca de 1.750 refeições, lanches, reforço alimentar, entre outros.

**Animações Internas/Externas** – Conceção/preparação de animações internas (acrobacias, dança do ventre, danças do povo, saltimbancos, desfiles medievais, lutas de varapaus, autos de fé, banhos medievais, assalto ao castelo, ...); coordenação em estreita colaboração com o professor acompanhante de animações externas (demonstração de aves de rapina; contos medievais; grupos de música medieval, baile quinhentista, ...); angariação/controlo de voluntários para as várias atividades;

angariação de patrocínios de materiais para as diversas atividades; controlo do desenrolar das atividades durante a apresentação do evento; ...

Nota: Todos os intervenientes nas animações internas foram alunos, ex-alunos, pais de alunos ou voluntários convidados a participar no evento; O assalto ao castelo envolveu cerca de 80 voluntários, com uma preparação de cerca de três meses, onde foi concebido, preparado e ensaiado um argumento de uma história tendo por base a conquista de um castelo, com a participação de arqueiros, cavaleiros montados, dromedários, lutadores de espada real entre outros, apresentado em espaço próprio com cerca de 1.200 lugares sentados; existiram no espaço três grupos de música medieval; o baile quinhentista teve como professor/encenador convidado, *Maurizio Padovan* (músico, professor e investigador - um dos mais qualificados e notáveis historiadores de dança do panorama internacional). Contou com a presença de 30 voluntários que receberam formação em danças nobres, dança das espadas e danças mouriscas. Foi apresentado duas vezes a público; demonstração de mais de uma dezena de aves de rapina e toda a parafernália ligada à caça medieval; ...

**Jogos e animais** – Conceção/preparação de jogos de cariz medieval; angariação em patrocínio de animais de grande e pequeno porte para estarem presentes no evento; recrutamento/controlo de voluntários para apoio nos jogos e tratamento de animais; controlo do bem-estar dos animais e do desenrolar das atividades durante a apresentação do evento; ...

Nota: No evento estiveram cerca de 15 animais de grande porte e vários de pequeno porte, desde cavalos, burros, pôneis, ...; foi também apresentado ao público a possibilidade de participar ativamente em vários jogos

medievais de forma gratuita, nomeadamente em paus de luta, braço de ferro, tiro ao meco, tiro com arco e flecha, entre outros. Tivemos também a colaboração de outras instituições que se aliaram a este projeto apresentando tiro com arco, ponte himalaia; ...

**Mercado e Gastronomia** – Conceção de ementa medieval para banquete; contacto com os mercadores para participação no evento; organização de fichas de mercador tendo em conta a sua área de produto; inventariação de materiais existentes necessários para o evento; distribuição de mercadores no espaço; receção de mercadores e apoio de informação aos mesmos; controlo de produtos expostos; garantia do cumprimento do regulamento de mercadores; preparação e montagem de espaço para banquete; angariação em patrocínio de materiais necessários para o mercado e gastronomia (mesas, bancos, etc.); montagem de tendas para mercadores; recrutamento/controlo de voluntários para apoio das várias tarefas; ...

Nota: O banquete medieval foi servido para cerca de 150 pessoas, sendo uma grande parte externa à comunidade escolar; o mercado medieval contou com a presença de cerca de 150 mercadores ligados à bijuteria, artesanato, flores secas, pratas, couros, ..., crepes, compotas, doces, cerveja, carnes, ....

**Figurinos e Caracterização** – Responsável por todos os figurinos, caracterização e maquilhagem necessária para todos os grupos; inventariação do acervo existente necessário para o evento; conceção/execução de novos figurinos; readaptação de figurinos existentes; angariação em patrocínio de materiais necessários (tecidos, peles, etc.); recrutamento/controlo de voluntários para apoio das várias

tarefas antes e durante a feira; trajar/controlar todos os participantes na feira medieval; trajar todos os participantes no banquete medieval, caracterizar/maquilhar todos os figurantes/participantes (leprosos, pedintes, nobres, entre outros); manutenção dos figurinos utilizados durante o evento, desde lavagem, secagem e acondicionamento, ...

Nota: No evento foram utilizados cerca de 1.000 figurinos, os quais tiveram que ser devidamente tratados e acondicionados durante o decorrer da feira.

**Decoração/Artefactos** – Responsável pela conceção/preparação e montagem da decoração do espaço, nomeadamente isolamento do espaço através de painéis em tecido, fitas de decoração, tochas, ...; inventariação do acervo existente necessário para o evento, conceção/fabrico/exposição de artefactos de tortura e morte distribuídos por todo o espaço do evento, ...; recrutamento/controlo de voluntários para apoio da manutenção dos vários equipamentos, ...

Nota: No evento foram utilizados mais de 600 mts lineares de painéis, mais de 2.000 mts de fitas de decoração, mais de 100 tochas, um variadíssimo acervo de equipamentos de luta, tortura e morte (espadas, escudos, jaulas, guilhotinas, ....; nesta área foi também necessário a utilização de outras turmas, devidamente orientadas por um professor, para auxiliar na respetiva montagem, manutenção e desmontagem dos materiais e equipamentos utilizados; ...

**Controlo orçamental** – A este grupo competia verificar, em estreita colaboração com o professor acompanhante, as despesas efetuadas para o evento, no sentido de controlar os gastos face ao orçamentado.

## Notas finais

Tendo em conta a envergadura do projeto em causa, toda a comunidade escolar, desde o pessoal docente, discente, alunos, pais dos alunos, ex-alunos e voluntários que reconhecem o valor social e cultural do projeto, esteve de uma forma direta ou indireta envolvida neste processo. Para isso contamos com uma participação de mais de 600 colaboradores.

No decorrer do já descrito e tendo em conta o impacto que este evento tem vindo a demonstrar no concelho e fora do mesmo (temos tido um aumento exponencial de mercadores/visitantes de todo o país, bem como de Espanha), ao longo de todos estes anos de apresentação em Vila Nova de Famalicão, acreditamos estar na presença de um evento com um carácter de fundamental importância tanto a nível social como cultural na região. É também inegável, através dos testemunhos de todos os envolvidos neste processo ao longo destes últimos anos, que este projeto permite aos alunos uma aquisição de competências fundamentais para um bom desempenho da sua atividade profissional no futuro.

Luís Bessa, Diretor do Curso de Animação Sociocultural – CIOR/Escola  
Profissional

Vila Nova de Famalicão, Fevereiro 2014



**MAIS QUE  
PARTICIPANTE, SOU  
PROTAGONISTA**

**TEXTOS DE APOIO PARA REFLEXÕES PESSOAIS OU EM  
GRUPO**







“ROGO PRAGAS A

TODOS OS

ESPECTADORES

PASSIVOS”



**Rogo pragas a todos os que são espectadores passivos**

Bem, sou mais uma daquelas pessoas dispostas a contar as pequenas coisas que marcam, e marcaram outros.

Tudo começou com uma gravidez indesejada, e muito se rezou para que não sobrevivesse. Muito se pediu que fosse um aborto involuntário - sim porque estava um feto de 3 meses a morrer por falta de conhecimento da gravidez atempadamente - e incrivelmente contam-se histórias de como se chorou noites a frio a desejar e a pedir que fosse por “água abaixo”. E quem conta esta história com a presença do feto, agora já bem crescido não pode estar muito bem. Passando passos indescritíveis de sentimentos absurdos à frente, segue-se após o nascimento uma infância relativamente feliz, com muito hospital à mistura devido a doenças misteriosas e muita medicação. Ora, neste caro país, isto é uma das coisas que realmente fica acima do orçamento familiar da classe média baixa.

Reconhecem-se sacrifícios por parte da mãe, do pai já nem tanto. Embora este fosse mais entusiasta, o entusiasmo já não era o mesmo a despender os seus ganhos com o querido feto. Mas pergunta-se: família não são todos? - Neste caso não! Havia aliados e forças de bloqueio, divisão de dispendiosos gestos de carinho e não tão dispendiosos gestos de amor. Voltando aos sacrifícios, bem se reconhece o esforço e capacidade da pessoa que se levanta todos os dias desejando não estar naquela vida. Enfim, avançando no tempo como quem quase pretende terminar a viagem chegamos rapidamente aos 6/ 7 anos do feto.

Este que levava uma vida despreocupada como todas as crianças, frequentava a escola - da qual não gostava muito - e antes da escola que era da parte da tarde tinha acompanhamento no ATL, onde continuava a primeira paixãozinha do infantário. Certo dia, não se sabe como, tudo mudou. No quarto dos dois irmãos cresceu mais uma cama, a da avó acamada. Mas não era uma cama qualquer, faz lembrar aquelas em que nos deitamos quando estamos mesmo muito doentes. Como podem imaginar foi tudo muito confuso e de um segundo para o outro a criança convivia no meio de fraldas gigantes e seringas de alimentação. Convivia de tão perto que até terminou a sua “paixãozinha” e começou a sua “torturazinha”.

Nem tudo era mau, por norma dormia até as 7h da manhã, mais tarde fazia uso da seringa de alimentação e uma ou duas horas depois ficava a conhecer para que serviam as fraldas gigantes. Após isso iniciava as experiências no fogão. A criança lembra-se bem de ir para a escola e como ela ficava feliz por ir. O pai ia busca-la a casa, almoçava com ela e depois levava-a à escola. E nestes pequenos instantes aquele sentimento de normalidade infantil regressava e apoderava-se daquele corpo para libertar tudo o que tinha sido reprimido. Mas não julguem, não culpem as escolhas muitos restritas de uma mãe.



Avançando uns longos anos em que a mãe só tinha tempo para as fraldas gigantes e para as seringas e em que o pai só aparecia aos fins- de-semana com alguma sorte, chegamos cansados à pré-adolescência.

E é então que aos 11 anos acontece a primeira fatalidade no percurso da então já adolescente. Que dizer? Que sentir? Que se passa? O que fazer? Estas foram as terríveis inquisições do ano! Para além da morte da avó, tudo mudou no casamento dos pais, falta de tolerância, contacto e mesmo inexistência de comunicação. Já não havia nada a fazer, a depressão da mãe durou mais de 2 anos e o pai seguiu a sua vida. O mundo ficou dividido para a jovem adolescente, um lado claro e um lado escuro. Como ela queria os dois e a mistura não era muito positiva a jovem perdeu-se no limbo, perdeu

o equilíbrio e caiu ela própria numa tempestade enraivecida pelas forças desconhecidas de um amor doentio.

O que se passou a seguir? Como sobreviver a esta tão terrível, e ainda assim comum, tragédia familiar? O que fez a jovem durante dois anos que ninguém quis saber dela? Durante dois anos o seu jantar eram cereais, o almoço normalmente era na casa de quem se tornou sua segunda mãe, mas com atenção que não era em segunda mão. Não havia controlo parental, entrava a saia às horas que desejava e queria.

Concluindo, existiu muito tempo para situações que talvez não fossem as mais indicadas e que trouxeram para o percurso da jovem aquelas situações em que simplesmente não se pode passar um pano por cima.

Aos 14 anos a jovem desenvolve uma grande deficiência social, uma grande controvérsia para o mundo real e uma grande desilusão com ela própria, que se apodera de um pequeno corpo em desenvolvimento e o transforma num nada, num vazio completo. A jovem precisava de um refúgio, precisava de estar em casa o menos tempo possível, pois um terrível pesadelo tinha acordado de um sono extremamente pesado e começou a controlar obsessivamente todos os minúsculos sentimentos que ainda restavam dentro da escuridão que cobria o olhar da adolescente.

Com as situações e tudo a acontecer e nada a mudar, a jovem decide arranjar um passatempo, o teatro.

A partir daqui tudo foi diferente! A então jovem de 14 foi à sua primeira aula de teatro. O que ela viu à sua frente parecia um bando de babuínos no cio a lutar pela atenção de todos e ao mesmo tempo por nenhuma atenção. Demorou então 3 semanas a integrar a turma, e ainda assim com bastante dificuldade. Custou aceitar a mudança para melhor? Muito! Era o lado já à muito perdido, uma família.

Muito rapidamente surgiu uma apresentação para fazer. A força do palco apoderou-se da pequena grande jovem, deu-lhe o poder, o controlo total sobre cada uma das suas extremidades físicas e espirituais. E vocês perguntam: Espirituais? - Sim, o seu próprio espírito já a muito acorrentado pela força tamanha da violência psicológica.

Com este sentimento que cada vez se apodera mais da escuridão dentro da jovem, ela apercebe-se que quer passar mais tempo na associação de teatro do que em casa.

Ela escolhe onde ela pode ser verdadeira, sincera e até ligeiramente arrogante, sendo esta última uma parte da sua própria personalidade. Com a nova família a jovem deixa cair todas as correntes que a prendiam a todos e cada um dos seus vasos sanguíneos impedindo-a de sentir o sangue pulsante da vida a correr no seu corpo.

O tempo passou e de tanto dar aos outros, à associação a jovem tornou-se uma dirigente associativa. A partir daqui nunca faltaram oportunidades. Não são oportunidades para viver, são oportunidades para aproveitar, porque a vida passou vivida a partir do momento em que fiz a minha inscrição na associação.

A jovem percebeu no associativismo e no teatro o lado oculto do ser humano. A capacidade para ser sem pensar no que está ser, sem perceber que o é e ao mesmo tempo sendo. É nesta confusa construção que ainda hoje ela se procura e se volta a perder no papel de protagonista “rogando pragas a todos os que se ficam como espectadores passivos”

Sofia Alexandra Ferreira



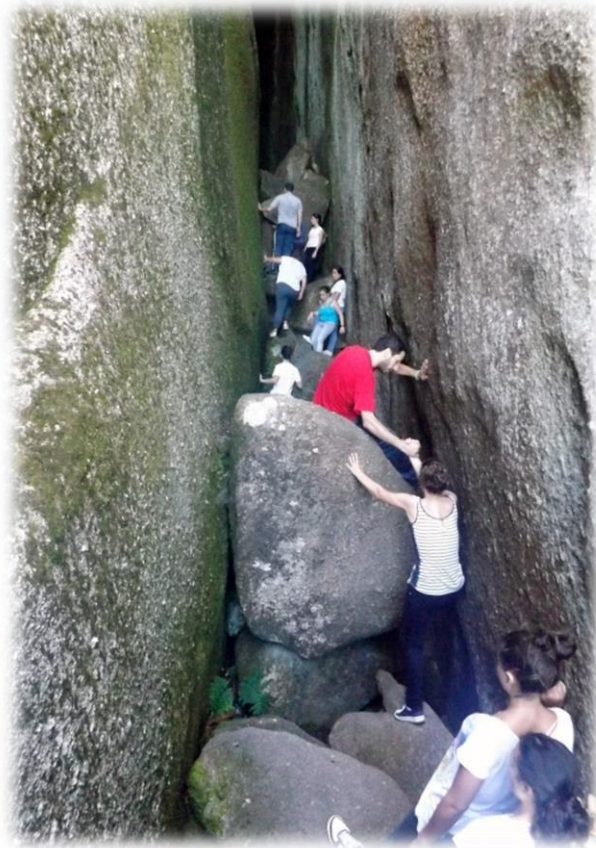


**HÁ UM GEOCACHING  
AINDA POR FAZER...**



## Caminhada no Geocaching

Desde que a NASA libertou o sinal de georreferenciação para uso civil que iniciou a odisséia no Geocaching. Este jogo veio despoletar emoções e entusiasmo pela descoberta de tesouros escondidos. A utilização de um GPS, um “brinquedo” simples, possibilita-nos praticar esta atividade com



entusiasmo e alegria e leva-nos à descoberta e à vivência de aventuras, bem como ao encontro de amigos que perduram e nos acompanham.

O segredo está no ato de esconder caches em locais que nos despertem interesse e em organizar uma página com alguma originalidade. Depois cada jogador está em condições de partir à conquista.

Esta é a essência do jogo! O conteúdo da página deve despertar o imaginário individual e motivação de cada jogador para a descoberta do

local e para a aventura que essa possa proporcionar, quer na caminhada para lá chegar, quer no momento da descoberta.

Encontrar caches em lugares magníficos é o mais importante. Se for uma cache que proporcione um desafio físico e o encontro com o desconhecido é sem dúvida uma grande cache. E se o conteúdo for espetacular, então aí temos o melhor de dois mundos. É a conjugação perfeita para sairmos dali mais felizes.

Relativamente aos conteúdos, grande é a variedade: caracóis, pedras, ossos, sarcófagos, parafusos ou simples caixinhas de plástico. Quanto mais originais mais agradam.

O Geocaching tem uma particularidade muito interessante na medida em que se torna um bom guia para o turismo de qualidade, uma vez que no planeamento das férias ou passeios temos em consideração lugares de interesses e, se possível, onde haja caches de grande qualidade.

Miguel Torga referindo-se ao Gerês disse que "há sítios no mundo que são como certas existências humanas: tudo se conjuga para que nada falte à sua grandeza e perfeição". O extenso e perfeito Parque Nacional da Peneda-Gerês está cada vez mais carregado de tesouros escondidos nos seus locais de eleição. A visita a estes locais proporcionam-nos grandes caminhadas e ao mesmo tempo aprimoram o conhecimento do Parque Nacional e dos seus lugares magníficos, como as cascatas, as lagoas, os prados, os abrigos ou os fojos.

Cruzar as serras, percorrer os trilhos que os pastores deixam marcados com as "mariolas", pernoitar nelas são sempre momentos marcantes. A subida aos topos serranos são momentos significativos.

Contudo caminhar na serra obedece a alguns preceitos. Um dos conselhos é respeitar as montanhas. Elas são as melhores conselheiras. É de evitar caminhar de noite e em condições climatéricas adversas. O nevoeiro desorienta-nos e empurra-nos para precipícios, mesmo quando somos conhecedores da zona. Se podemos caminhar com bom tempo e apreciar o melhor da paisagem para quê correr riscos desnecessários?

O trekking é fantástico porque ao caminhar transformámos qualquer viagem numa descoberta saborosa. Caminhar durante horas ou dias, seguindo trilhos, leva-nos a sítios de rara beleza no meio da natureza e do que lá exista. Contudo quando há necessidade de caminhar e dormir em abrigos ou tendas há que ter outros cuidados, nomeadamente quanto ao conteúdo da mochila. Não depende só da duração mas também do local onde se vai. Temos sempre de levar alimentos e agasalhos que nos permitam estar bem, mas não podemos levar demasiado peso, pois este aumenta à medida que a caminhada continua. O ideal é levar pouco peso, levando apenas o que for essencial para o efeito e nunca carregar na mochila mais do que 10% do nosso peso.



O essencial para caminhar é ter bom calçado, leve e com um bom apoio no tornozelo. A roupa deve estar de acordo com o clima e a situação: peças usadas, quentes ou frescas e, no caso de um trekking de montanha, várias camadas sobrepostas, que as temperaturas baixam sempre de noite.

Para um percurso mais longo e duro convém estar em forma. Os principais problemas que podem surgir durante estão relacionados com quedas ou pés torcidos; aconselha-se muita atenção ao caminho e evitar saltos audaciosos ou corridas. Ter muito cuidado com o gelo e com rochas escorregadias. Outro conselho é não andar sozinho na montanha. Ir com alguém é bom para partilhar a aventura.

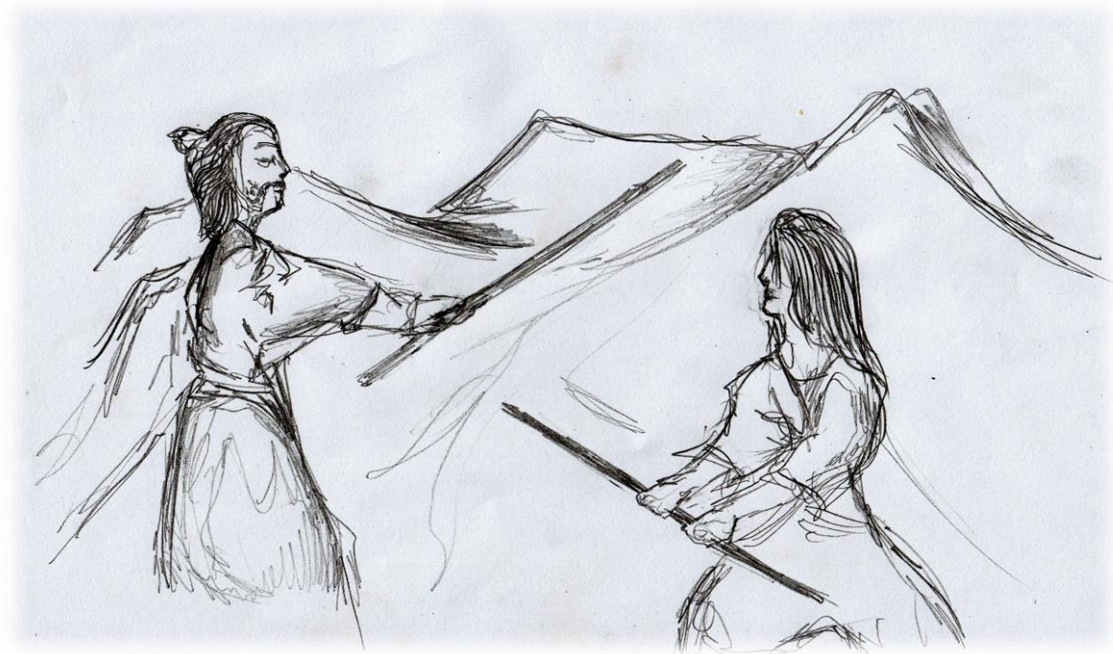


Que o Geocaching sempre nos acompanhe nas nossas aventuras e que os seus mandamentos sejam respeitados, nomeadamente o de respeitar e proteger a natureza!

Ainda há um Geocaching por fazer, o teu..... se ainda não experimentaste é só ir a [www.geocaching.com](http://www.geocaching.com) e começar. Boas cachadas.

Fernando Pereira





○ CAMINHO DA  
REDEÇÃO – A  
SIMBOLOGIA GRUPAL  
E A NOSSA UTOPIA





## **Caminho da Redenção – Perceber o que somos com base no nosso caminho simbólico**

Este texto foi escrito como peça de teatro feita em monólogos, mas é uma boa explicação do que é o caminho simbólico e da aprendizagem entre o Mestre e Aprendiz e o universo da Simbologia Grupal. Por isso não vou alterar qualquer palavra.



Quando entramos no Universo PASEC descobrimos coisas que nunca pensamos ser possíveis de existir. Eu, pessoalmente, fiquei fascinada quando me apresentaram a Simbologia, os mundos simbólicos e os Caminhos que podemos trilhar. E agora vocês perguntam: o que é o Mundo dos Símbolos? Isso é o que eu hoje venho falar. Venho falar não sobre o que passei, mas sobre o que estou a passar. Neste momento estou (como toda a gente PASEC diz) em Caminho Simbólico. Eu pessoalmente não lhe chamo isso, prefiro chamar Caminho da Redenção. Mas antes de irmos à parte mais elaborada, vamos começar pelo princípio mais simples – o nascimento. Porque é aí que tudo começa.

Todos nascemos sobre a condição natural de crescermos, sermos capazes de amar, construir, ajudar, lutar, mas também de destruir, manipular, odiar e pensar/desejar o mal, mesmo que seja inconscientemente. Tudo isso é comum à Humanidade.

Mas há uma coisa que nos difere e nos torna únicos nesta imensidão a que chamamos Mundo. E essa coisa chama-se Símbolo. O Símbolo é algo com que nos identificamos, é como uma espécie de espelho no qual podemos ver o nosso reflexo para identificar os nossos pontos mais fortes e mais fracos. Mas acima de tudo, esse espelho permite-nos ver aquilo que nos contamina, que nos faz mal. Essa contaminação pode ser algo do passado que não ficou resolvido, uma memória de alguém que já partiu e da qual não nos conseguimos largar, ou até o arrependimento de algo que foi mal feito ou dito. De um modo geral, a contaminação é algo que nos impede em algum momento e de alguma forma de seguirmos em frente ou de darmos o próximo passo.

E é aí que começamos o nosso Caminho da Redenção. Ao estarmos cientes daquilo que nos faz mal, estamos prontos para começar a viagem que nos permitirá descobrir com que símbolo nos identificamos. Mas para isso precisamos de alguém que nos guie, que nos oriente nesta longa viagem que nos pode levar por Caminhos bons e menos bons, isto porque, vamos descobrir coisas maravilhosas mas também nos vamos deparar com os nossos defeitos e vamos ter que lutar contra aquilo que nos contamina.

A essa pessoa que nos guia, chamamos de Mestre, porque para além de sermos nós a escolhê-lo, deve ser alguém que nos diz alguma coisa, que tem significado e que nos conheça minimamente.

O Mestre é quem dá início ao nosso Caminho, nos acompanha e quem nos guia na descoberta do nosso Símbolo.

Mas para que o Caminho dê frutos, o Mestre guia-nos pelos 4 passos fundamentais da descoberta.

O primeiro passo, que é o de partida, consiste em fazermos uma retrospectiva do que ficou para trás e de percebermos o que realmente nos contamina, para que de algum modo nos sintamos desequilibrados.

No segundo passo, tomamos consciência do que nos atormenta e é aqui que descobrimos se realmente temos coragem para enfrentar esta parte má, porque enfrentar significa perturbar a nossa estabilidade mental e

emocional. Nós só enfrentamos quando aceitamos o que temos de bom e de mau.

No terceiro passo, reside a transformação. Depois de passarmos pela descoberta do que nos faz mal, partimos em busca do nosso verdadeiro Eu. Aqui, conscientes e aceitando a nossa contaminação, tentamos descobrir quem somos, quais as nossas verdadeiras qualidades e defeitos, e acima de tudo tentamos descobrir qual o nosso dom e qual a nossa missão nesta vida.

No quarto e último passo, é quando finalmente tomamos consciência da pessoa que somos. É quando percebemos que somos seres finitos, que temos limitações, que erramos, mas que também temos talentos para oferecer aos outros e que podemos fazer a diferença na vida de alguém. É aqui que percebemos o porquê das situações, das razões, dos momentos e em que aceitamos sem medo o desafio que irá surgir a seguir. É aqui que se concretiza a Redenção. Redenção porque nos rendemos ao nosso verdadeiro ser e aceitamos com abertura o que somos.

É nesta última etapa que descobrimos o nosso símbolo, é aqui que conseguimos ver em algo o nosso reflexo e é aqui que analisamos sem sombras o nosso interior. O nosso Símbolo pode ser um animal, uma figura mística ou até um ser da natureza, como o mar ou o fogo. Tudo depende daquilo que somos.

Mas será o Caminho da Redenção tão simples como parece? Não.

A partir do momento em que decidimos iniciar esta jornada, devemos estar dispostos a aceitar o que há-de vir, quer seja bom ou mau. Descobrir aquilo que realmente somos é na verdade uma estrada com sentido duplo, para a frente podem estar as nossas partes boas, mas em algum momento iremos inevitavelmente ter que andar para trás e enfrentar o nosso lado mais negro, e esse é o verdadeiro desafio. Aceitar que somos pessoas honestas, caridosas, educadas, altruístas é fácil. Difícil é aceitar que também temos defeitos e que por vezes somos invejosos, raivosos, orgulhosos, manipuladores e que todos temos uma ponta de maldade.

Tudo isso são reflexões que fazemos em cada prova que superamos (ou não). Para que consigamos passar por cada uma destas etapas, o Mestre

apresenta-nos provas (sendo que estas nunca são universais a todos os Mestres), que nos vão permitir descobrir sempre algo mais sobre nós. Cada prova é sempre mais difícil do que a anterior e o que aprendemos na última prova, vai sempre ser uma mais-valia para a prova seguinte.

E agora vocês estarão a questionar: que tipo de provas serão? Na escola têm testes. No Caminho da Redenção têm uma espécie de auditoria mental, em que a essência do momento nos leva a refletir sobre algo que vagueia na nossa mente, podendo ser algo que mexe connosco ou algo sobre o qual nunca pensamos.

Mas para isto ficar um pouco mais claro, vou partilhar convosco passagens do meu Caminho da Redenção, para que percebam que não é nada do outro mundo, embora não sejam propriamente fáceis de concretizar. Mas antes de mais, quero deixar um simples pensamento: evoluir para o seguinte passo, não significa ter que superar a prova. Por vezes, admitir que não somos capazes de algo, é a maior vitória que podemos alcançar – a isto, chama-se humildade.



Quando comecei o meu Caminho da Redenção achava que tudo era grandioso e apreciava as coisas pela sua magnitude, até que quando me

deparei com a minha primeira prova, perguntei ao meu Mestre: “Há alguma coisa que eu deva fazer?”, ele olhou para mim e disse “Tu vives num mundo da Fantasticidade e está na hora de perceberes a simplicidade das coisas”. Esta, foi a primeira grande lição que recebi. Para ser sincera eu sempre achei que um dia quando estivesse preparada para o meu Caminho, que este iria ser todo XPTO, quando na verdade o que eu devia aprender era que a beleza das coisas não esta na sua magnificência mas sim na sua simples beleza. Porque é isso que a torna linda.

Entretanto, chegou o momento de refletir sobre aquilo que me contaminava e foi então que os meus fantasmas voltaram e os meus demónios tomaram forma. De certo modo, acho que sempre evitei falar de coisas do meu passado que ficaram por resolver, porque pura e simplesmente não conseguia aceitar a forma como as coisas haviam terminado. Mas tal como já disse, eram coisas do passado e sendo do passado já não existem, apenas na memória. Foi nesta altura que percebi que seria “estupidez” estar agarrada a algo que já estava enterrado, e foi aqui que ganhei coragem de admitir quais eram os meus demónios. Foi então que no momento em que falei sobre eles, um peso sobre mim desapareceu e eu decidi que estava na altura de olhar para a frente. Aceitei essa minha contaminação e comecei a construir uma nova estrada. E posso-lhes assegurar que esses demónios não desapareceram mas também nunca mais me incomodaram. Aceitar é viver. Negar é desistir.

Lembro-me de uma passagem em que refletia sobre outras pessoas que já tinham realizado o seu Caminho e de pensar que eu nunca chegaria a concretizar o meu porque achava que nunca estaria à altura. Entretanto, senti que as coisas teriam de mudar e então pus os pés ao Caminho e fui à procura daquilo que achava que nunca iria alcançar e foi então que senti, não só como uma pessoa que não luta pelo que quer, mas como a raposa que fica à espera da altura exata para apanhar a galinha, que o momento certo chegara finalmente. Acho que esperei que o tempo dessas pessoas passasse e que o meu próprio tempo chegasse. E foi exatamente isso que aconteceu. Da mesma forma que o meu tempo há-de passar e o de outros há-de vir.



O tempo é como uma estrada circular em que aquilo que hoje é, amanhã deixa de ser e que depois volta, para tornar a existir.

### **Olhar-me ao espelho**

Uma das grandes provas que tive, foi olhar-me ao espelho. Não um espelho tipo espelho lá de casa mas espelho no sentido de ter a oportunidade de olhar para outras pessoas e ver nelas o que já fui à alguns anos atrás. Por vezes evoluímos de tal forma que nos esquecemos de como eramos no início da caminhada.



Um exercício simples que todos podem fazer e que o meu Mestre à algum tempo me fez, foi refletir sobre simples perguntas mas para as quais as respostas podem ser difíceis de obter. “Qual foi o momento que mudou tudo na nossa vida?” e “Quando é que nos auto privamos de algo e porquê?”.

Isto são perguntas sobre as quais eu vos desafio, caros leitores, a tentarem responder. Vão ver que assim que obtiverem resposta vão começar a



perceber melhor o que é o Caminho da Redenção sobre o qual vos tenho vindo a falar. E vão ficar surpreendidos com o resultado.

Outro ponto interessante foi o bloqueio. Bloqueio como assim? Eu explico. Eu sempre tive (embora inconscientemente) uma certa dificuldade em seguir algo que não tivesse as devidas indicações explicitadas. Então o meu Mestre, certo dia, deu-me liberdade para fazer algo mas não me disse o quê e eu bloqueei. Ou seja, eu sabia o que se iria passar no momento a seguir e pensei que ele queria que eu falasse sobre isso, mas não. Ele queria ver até onde eu ia sem que ele me desse qualquer tipo de indicação. O que significa que eu lido bem com o previsto, mas com o imprevisto nem tanto.

Já alguma vez pediram a alguém para escrever num papel o que achavam de vocês e logo depois de o lerem, destruíram esse tal papel? Eu já o fiz. Digamos que a dificuldade não estava em rasgar o papel mas na teimosia de o fazer. Essa foi uma prova em que me agarrei a algo tão minúsculo e apliquei de tal forma a teimosia, que não fui capaz de perceber que não ia mudar nada o facto de rasgar o papel ou não. As pessoas iriam continuar lá com ou sem papel. Percebi que dava demasiada importância a coisas banais e por vezes passava-me ao lado o que era realmente importante.

### **O abandono**

O que até agora vos falei foram algumas das provas pelas quais tive que passar, mas nenhuma foi tão avassaladora como aquela que vos estou prestes a contar. Todos sabemos que tudo o que começa tem que acabar, o problema é quando não estamos prontos para esse final. O meu Caminho chegou a um ponto em que sofreu uma quebra. Foi na altura em que o meu Mestre me “abandonou”, deixando-me completamente destruída por dentro e sinceramente desorientada.

Mais desorientada do que um marinheiro em alto mar sem bússola. Nesta altura, não queria acreditar que as coisas iriam acabar, eu não aceitava que este era o fim daquilo que já há algum tempo me vinha a preencher. Tinha-me habituado tanto à presença e ensinamentos dele, que isto não poderia de todo ser verdade. E admito que passei semanas sem acreditar, até que

quando me encontrei com o meu Mestre, vi que a indiferença nos seus olhos era real. As coisas já não eram como antes. E foi nesta altura que a derradeira e assustadora pergunta me surgiu: “Deverei ir atrás ou deverei simplesmente desistir? Se ele se afastou é porque possivelmente já não tenho mais nada para aprender ou se calhar, acha que já não sou merecedora dos seus ensinamentos”. Tenho que admitir que passei alguns dias no vácuo do meu pensamento sem saber o que fazer, até que percebi que já tinha perdido muito tempo a achar que os outros tinham tudo e eu nada, e foi então que decidi lutar. Fui atrás e acreditem que levei com a porta na cara algumas vezes, até que quando chegou o momento em que estava mesmo para dizer o “basta”, ele cedeu e foi então que eu disse tudo o que tinha a dizer e também foi aí que ele me explicou que quando queremos muito uma coisa temos que lutar. Não é por surgir apenas uma barreira por maior que seja, que vamos desistir.

Percebi a sua intenção mas algo ficou cravado em mim. O sentimento de perda, de abandono. Ainda hoje sinto a distância e a frieza que enfrentei, com a insegurança de que um dia possa voltar.

### **Inversão de papéis**

“Tudo dar, para tudo receber”. Sabem o que significa isto? Ora pensem lá um bocadinho. Até agora, presenteei-vos com passagens da minha memória mas ainda não vos contei o outro lado da história. O lado em que as coisas invertem e os papéis se trocam. Houve um momento em que retribuí ao meu Mestre parte do que até aí tinha recebido. Como? Descrevendo-o. Tive a oportunidade de falar sobre ele em frente a tantas outras pessoas e posso dizer que aprendi que conseguimos devolver parte do que recebemos quando tiramos um pouco do nosso tempo para nos dedicarmos aos outros. Nos momentos em que paramos de pensar em nós para dar tempo aos outros, estamos a partilhar o que temos, o que recebemos e o que nos dão. E agora? Já conseguem responder à pergunta? Claro que conseguem.

Tudo isto foram provas de um Mestre. Dos outros, nada sei. Mas se quiserem posso deixar algumas questões em aberto para refletirem:

- “Quem sou eu neste mundo? Qual o meu papel?”
- “Sou capaz de ver o mundo com os olhos dos outros?”
- “Até onde estou disposta(o) a ir para mudar o mundo?”

Estas são algumas das reflexões que usamos nas provas. Como podem ver acabei de partilhar algum conhecimento convosco.

Por falar em conhecimento. Não quero que fiquem de todo com a ideia de que o Caminho da Redenção é apenas constituído por provas que mexem com a nossa cabeça. Às vezes uma pequena história, uma pequena experiência partilhada faz toda a diferença. Vou-vos dar um exemplo:



Aqui à pouco tempo, estava com o meu Mestre e ele contou-me uma lenda de uma velha cabana abandonada no cume de uns penedos gigantes numa floresta. Fiquei de tal forma fascinada com aquilo que tenho que admitir que ainda hoje sei contar essa mesma história. O mundo está cheio de histórias que se perderam no tempo e quer acreditem ou não, o Caminho da Redenção é um bocado assim. Passamos algum tempo nele e quando

damos por ela, já ele está a chegar ao fim e tudo pelo que passamos, são apenas memórias que com o tempo não passam de histórias.

Com certeza que vocês ainda se lembram de quando entraram para a escola, das brincadeiras que tinham na infância, das discussões de irmãos, o não querer levantar cedo para ir para a escola e inventarem a tão famosa dor de barriga, ou até se lembram da maior asneira/maluquice que fizeram e que na altura não contaram a ninguém, mas que de certeza que hoje a contam a meio mundo e possivelmente acham-lhe uma piada desgraçada. É ou não é?

Se há coisa que o Caminho tem de bom, é ajudar-nos a crescer para sermos melhores pessoas para que no dia de amanhã possamos ajudar outros a crescer e quem sabe, talvez tornarmo-nos Mestres de alguém.

Mas mais importante do que isso é perceberem que não é só nestas situações que somos Mestres. Todos somos ou já fomos Mestres em alguma coisa e isso faz com que cada um de nós tenha uma história diferente para contar.

### **Os três passos fundamentais do caminho simbólico**

Existe uma coisa que aprendi recentemente e que gostava de partilhar convosco, que são os 3 passos fundamentais, não só para a boa realização de um Caminho da Redenção, como para o nosso dia-a-dia:

- Trazer a sabedoria do último passo;
- A prova seguinte é sempre a mais difícil;
- Ter a humildade de ir atrás e reconhecer o que não se fez ou não se conseguiu fazer.

Se pensarmos bem sobre isto vamos perceber que faz todo o sentido, e se nos lembrarmos disto com frequência, acreditem que a probabilidade de cometerem erros vai diminuir drasticamente.

Mas não pensem que se vão tornar Cristiano Ronaldo ou Rainhas Isabels II de Inglaterra, porque aquilo que nos torna especiais é a forma como

vemos as coisas e o significado que lhes damos. Não interessa a forma como conhecemos as coisas, mas sim a forma como vivemos com elas.

E depois de todas estas histórias, vocês devem estar a pensar “Ok, ela já passou por isto tudo, muito interessante. Mas afinal, qual é o símbolo dela? Tudo bem que até ficamos a conhecer um bocado da história dela mas na verdade não a conhecemos, não sabemos quem ela é, porque sobre isso ela nada nos disse”.



E agora eu respondo: Se eu vos contei isto é para partilhar um pouco do que experienciei na esperança de que tomem estes conselhos como uma mais-valia para o vosso dia-a-dia e quanto ao meu Símbolo...

Posso-vos dizer que me sinto um ser místico que apenas existe na história e não neste mundo onde vivemos. Mas também, dizer-vos o que sou iria perder toda a piada não acham? Afinal de contas, um relógio perde a piada quando ficamos a conhecer o mecanismo por detrás dele que o faz funcionar. Não é verdade?...



Sejam vocês mesmos, na certeza de que o serão de Coração Puro para a Eternidade!

Isabel Azevedo





# DE EXCLUÍDO A PROTAGONISTA





**De excluído a protagonista**

Tive um ensino primário como tantas outras crianças, nunca reprovei, às vezes tinha os “Não Satisfaz”, outras o “Satisfaz Bastante”, mas o mais regular são mesmo os “Satisfaz”. No entanto, tudo muda de figura no 5º ano.

Com a mudança de ciclo veio a mudança de escola, os “amigos” aumentaram e as coisas complicaram-se. Nesta turma encontrei colegas cerca de três anos mais velhos do que eu, e como um bom pré-adolescente (era como me intitulava na altura) tinha o sentido de aventura muitíssimo aguçado e a curiosidade para novas experiências estava no auge.

Fumei cigarros, o que na altura já era muito avançado para a nossa faixa etária, ganhei a fama de fumador, metia-me em rixas todos os dias, por vezes mais do que uma vez ao dia, cheguei ao cúmulo de numa semana ir cerca de sete vezes ao antigo conselho executivo.

Apareceram os desafios de ir a uma “Casa Assombrada”, encontrava-me na altura na época de descobrir os meus medos, e como não tinha medo de nada, lá avançava eu para as invasões de propriedade, isto porque a única assombração naquelas casas abandonadas em que fui era eu e os que iam comigo. As expulsões das aulas, o faltar às aulas por vontade própria, o saltar as grades da escola porque pela entrada principal já não conseguia mentir por muito plausível que a mentira fosse, mesmo quando dizia a verdade ela entrava em descrédito.

Não preciso de dizer que repeti o ano. E as coisas começaram a encarrear no segundo 5º ano até chegar ao 8º, foi quando experimentei pela primeira vez “ganza”. Voltei a baldar-me para a escola e conseqüentemente, voltei a chumbar, no entanto eu chumbei mas fui muito mais discreto.

Segundo 8º ano, a minha avó morre, e faço uma promessa comigo mesmo: “Eu vou mudar!”. Inicialmente foi duríssimo, os meus amigos não eram diplomaticamente os melhores, no entanto a turma em que calhei era tão boa que, quando comecei a conviver com eles, tudo se tornou mais fácil. De um dia para o outro (literalmente) deixei de fumar qualquer tipo de substâncias, e por incrível que pareça não senti qualquer necessidade de

fumar. Malta muito animada esta, com um sentido de humor muito refinado para alunos de treze anos.

No 9º ano entro para o teatro de Ribeirão. Era engraçado, fazíamos umas coisinhas no final de cada período, gostei tanto que a ideia de seguir teatro passou-me pela cabeça, mas não, decidi ir para Línguas e Humanidades para mais tarde seguir Direito.

Como bom menino que era fui para Educação Moral Religiosa e Católica (foi a minha diretora de turma que me inscreveu, já tinha ouvido falar do teatro do professor Silvestre).

Conheci então o professor Silvestre, lembro-me como se fosse hoje da primeira aula de Educação Moral. Lembro-me do “stor” passar-nos um testemunho sobre filosofia, uma definição que um professor dele lhe tinha dito: “Por filosofia entende-se a poligenética obliteração do “eu” consciente que se infutura no arquétipo protótipo do polimorfismo universal”. Apercebi-me que as 10h de segunda-feira iam ser as horas mais bem passadas da minha vida, no entanto pedi ao professor para ir para o teatro e ele consentiu.

A partir do primeiro ensaio, a minha grande ânsia estava em chegar rápido à sexta-feira, se as aulas eram boas os ensaios eram ainda melhores. As produções eram em catadupa e por vezes sabíamos da existência delas na semana anterior ao evento. Comecei novamente a ganhar fama na nova escola, mas era a melhor fama que um aluno podia ter, toda a gente gostava dos textos que eu dizia, acontece que esta nova imagem que tinha construído não podia ser manchada.

Esta experiência na companhia de teatro “O Andaime” fez de mim aquilo que sou agora. A participação no “Escritaria” em Penafiel acarretou uma nova responsabilidade, o Dr. Lobo Antunes gostou da crónica dele que eu disse. “Juro que não vou esquecer”, era o título. Disse-nos ele que foi uma das vezes que mais gostou de ouvir esta crónica, era o Lobo Antunes, se ele não gostasse dizia-o, acredito que sim, mas ele gostou, até disse ao Dr. Manuel Andrade para falar com o Luís Miguel Sintra acerca do meu caso. Disseram-me no ano passado que ele lembrava-se de mim, não do meu nome, mas de mim.

Atualmente tenho os meus objetivos seguros, quero ser ator, sei que a minha felicidade passa por um palco.

João Teixeira





**UMA CAMINHADA**

**ENTRE O**

**“SUBTERFÚGIO”**





### Uma caminhada entre o “Subterfúgio”

Numa aula de condução tudo começou, conheci uma pessoa. Aparentemente que não tinha nada a haver com o meu contexto familiar e com ligações afetivas, mas vi nela uma pessoa sorridente, cuidadosa e empenhada. Criou-se um olhar estranho.

Passado esse momento, as palavras começaram a surgir, uma atrás de outra, sem assunto de grande importância. Após alguns minutos, surgiu a conversa de que pertencíamos à mesma freguesia e que também pertencíamos à mesma família.



Aparentemente tudo passou de um momento bem passado na altura, contudo no dia de marcação do exame despontou em mim uma ideia, de que seria uma pessoa interessante para formar um grupo, mas havia uma questão: Será que posso considerar um grupo com duas pessoas? Pensei nisto algum tempo, mas cheguei a conclusão, de que: “Sim vale a pena porque através de uma pessoa vêm outras”.

E assim foi, fiz o convite em forma de proposta e ela gostou da ideia, dizendo que ia falar com uma sua amiga. Partindo deste convite também eu convidei uma pessoa muito especial que já estava dentro da dinâmica de grupos informais, logo pronta respondeu convicta que sim.

Em pouco mais de um mês consegui formar um grupo informal. Inicialmente a confiança era muito pouca.

Uma das soluções que arranjei para que a confiança se elevasse foi convidar duas pessoas experientes que nos apoiaram no início desta caminhada de grupo, sobretudo no processo de coesão e relação grupal inicial.

Uma das lições que aprendi é que arriscar pode trazer-nos muitas gratificações pessoais. Outra das lições que também aprendi foi que, pedir ajuda a quem tem mais experiência do que nós, só nos trás vantagens, porque aprendemos a lidar com situações em que não pensamos à primeira vista ou que considerávamos secundárias.

As primeiras reuniões foram para conhecimento dos elementos do grupo. Pessoalmente senti-me muito bem após ter descoberto que no grupo havia uma animadora sociocultural, uma pessoa a estudar Direito e, tal como eu, uma técnica Superior de Animação Socioeducativa. Estas reuniões, na minha opinião, foram das mais importantes, permitindo o conhecimento, a partilha e a construção de confiança suficiente para avançar mais um pouco.

As próximas reuniões foram de explicação do método que a PASEC utiliza, a Simbologia Grupal, pondo logo em prática pequenas ações, começando por refletirmos sobre nós próprias. As perguntas de partida foram: Quem sou eu perante os outros? O que eles pensam de mim?

Quando dei por mim no seio do grupo, já todas sabíamos os pontos menos bons da vida de cada uma.

Passamos para a escolha do nome do grupo, fizemos pesquisa e o nome que se encaixava connosco era Subterfúgio, uma vez que o seu significado é o ter dificuldade própria em arriscar e enfrentar dificuldades, descobrir a mentira de quem nós somos, ou seja descobrir quem nós somos sem utilizarmos máscaras. E este sim foi sempre a nossa base de trabalho no grupo, descobrirmo-nos a nós próprias.

Com a evolução no grupo decidimos implementar um diário de grupo, onde em cada reunião havia uma responsável para escrever uma reflexão e resumo da mesma.

Nos seguintes encontros e reuniões, já com bastante trabalho de reflexão, e tendo por base a inexperiência de grande parte dos elementos do grupo, tivemos a oportunidade de por em prática e aprofundar várias reflexões em contextos fora do comum utilizando instrumentos alternativos. Fizemos atividades ao ar livre que permitiram um sentimento de leveza e aprofundamento dos processos reflexivos e contemplativos. Fizemos a análise de fotografias e o que elas nos transmitiam. Utilizamos ainda um baralho de cartas. Em cada carta cada um escrevia uma pergunta que gostava que fosse feita, ou até mesmo um assunto que quisesse que fosse abordado.

O primeiro ano foi essencialmente de evolução no processo de confiança com base na vontade e liberdade de expressão dentro do grupo. Os momentos de partilha sofreram uma evolução natural. Passamos a reunir em sítios diferentes, a reunir em forma de jantares partilhados e criar mais momentos de convívio entre os elementos do grupo. Curiosidade, o grupo era maioritariamente constituído por raparigas, contudo algumas com idades muito distintas, o que permitia um aprofundamento diferente nas discussões e debates.

A caminhada foi feita ao ritmo dos elementos do grupo e segundo a vontade dos mesmos. Estava orgulhosa pelo trabalho que tínhamos feito. Contudo, os objetivos de cada uma de nós eram diferentes, ou seja, a vida universitária, começou a ocupar mais tempo nas nossas vidas e também o trabalho passou a ser uma prioridade. O grupo entrou numa fase de maior distanciamento. Passou a não ser possível reunir de 15 em 15 dias, mas sim só uma vez por mês.

Na altura também estávamos a passar por uma fase de vida académica longínqua do local de residência e um dos elementos deslocou-se para Coimbra.

O número de elementos do grupo começou a diminuir. As reuniões passaram a ser de 3 em vez de ser de 6 elementos. Em mim começou a aparecer um sentimento de vazio, e por muito que tentasse fazer alguma coisa para cativar os elementos do grupo, a pressão das exigentes vidas pessoais não permitia. Mas não desisti, continuei a propor atividades em

conjunto, caminhadas, participação em espetáculos, mas vi que as prioridades mudaram. Custou a perceber que o grupo evoluiu.



Mas no final e fazendo uma reflexão individual apercebi-me que o principal objetivo foi cumprido: a partilha de experiências entre pessoas permitiu a descoberta de quem realmente eramos e podíamos ser.

Andei meses a tentar criar momentos de reflexão mas não deu resultados positivos.

No fim destas tentativas acabei por desistir com muita mágoa, mas acabei por perceber que enquanto durou, foi bom. Ainda hoje olhamos para o nosso diário de grupo e leio resumos e conclusões de reflexões que nos deixam orgulhosas do grupo que fomos, das linhas de tempo que desenhamos e de tudo o que um dia nunca pensamos poder ser.

Ana Andrade



© CAMINHO DO

MESTRE E

APRENDIZ...

A FORMA COMO NOS VEMOS NO PAPEL DE MESTRE E APRENDIZ





### A incógnita de ser ou não ser Mestre...

O caminho entre mestre e aprendiz ainda é um bocado incógnito para mim. É um mundo bastante complexo, visto de fora, no qual eu tenho imensa curiosidade. Estou muito expectante por começar realmente esse caminho, no entanto, estou receosa do que possa acontecer, de não conseguir surpreender o meu mestre, de estagnar e não conseguir avançar ou então bloquear e não saber o que fazer.

Pensava que ser mestre seria aquele que já tivesse um vasto percurso de vida, um amplo leque de conhecimentos. No entanto aprendi que “todos nós já fomos mestres de alguém, em alguma situação por isso é que todos nós temos histórias diferentes para contar”.



No meu ainda pequeno percurso de vida talvez já tenha sido mestre de alguém. Refletindo sobre este tema, penso que no percurso secundário do meu ensino fui mestre. Considero que fui mestre porque caminhei passo a passo com a minha turma, funcionei um bocado como mediadora e apaziguadora da mesma, fui exemplo de dedicação, humildade etc.,. Partilhamos experiências e conhecimentos, ficava orgulhosa do que todas



conquistamos, ficava nervosa nos momentos que atuávamos, apoiava nos momentos mais difíceis (...) penso que fui um bocado mestre neste sentido.

Outra situação que talvez possa ser considerada de mestre é quando me dedico e ajudo na caminhada da Maria e da Flor (crianças que acompanho desde tenra idade). Acho que cumpro o caminho de mestre e aprendiz, pois funciono como educadora, mediadora de conflitos, orientadora, guia, conselheira e amiga.

Ainda como mestre posso também falar do grupo que animo: os “À parte”, pelos mesmo motivos enunciados anteriormente. É um orgulho para mim ver os membros do grupo a crescerem e, simultaneamente, eu a evoluir com eles.

Enumero vários contextos em que penso ser mestre, pois não sei até que ponto isso pode ser considerado uma condição de mestre.

Passando ao papel de aprendiz, acho que essa posição a exerço permanentemente, seja na escola com os professores, seja em casa com a família, seja no meio laboral com os colegas, os grupos, e até mesmo no grupo de amigos e nas experiências partilhadas.

A vida é um caminho longo onde todos nós somos mestres e aprendizes, algumas vezes ensinamos e todos os dias aprendemos.

Cristiana Salgado

**De aprendiz ao direito de ser Mestre...**

Muitos pensam que o papel de Mestre e Aprendiz é dividido ou por idade, ou por privilégio ou mesmo por nomeação. Verdade seja dita que estes dois papéis vivem mais tempo juntos na nossa vida do que sozinhos.



Durante muitos anos fui maioritariamente aprendiz. Somos enfiados numa sala de aula e temos a designação de aluno durante mais de uma década. Nessa década somos só o recetor de conhecimento. O professor é o Mestre e nós o aprendiz nesta dinâmica. E então perdemo-nos no meio do objetivo de absorver o máximo possível e esquecemos de aprender o que é um mestre e como podemos ser bons mestres. O aluno é visto como incapaz do papel de mestre, assumindo-se que não tem conhecimentos para desempenhar esse papel.

Eu também me senti incapaz de ser mestre de alguém, até ao momento em que o fui: quando comecei a trabalhar com grupos, quando eu própria integrei o meu primeiro grupo. De repente vi-me a ajudar e a guiar pessoas em vez de ser somente guiada. E a partir de então começo a repetir cada vez mais o papel de mestre em mais grupos, em alguns encontros e até



mesmo na minha vida. Começo a ser mestre em várias situações, mas não na forma em que anteriormente pensava.

Em todos os momentos que fui mestre, encontro algo em comum. Era um sentido de serviço perante o outro: numa reunião de grupo, no trabalho, nas relações. O mestre é aquele que está ao serviço do outro e que o ajuda no seu caminho. Os meus mestres sempre tiveram mais experiência e conhecimentos que eu, na grande maioria, mas o papel de mestre é, para mim, o papel de estar disponível para o aprendiz ou aprendizes. O mestre será o guia, mas será também um companheiro de caminhada, será um confiante, um comandante, um aprendiz.

Houve alturas em que fui mestre por servir os outros e guia-los da melhor maneira que pude com a experiência que tenho. Mas em momento algum deixei de ser aprendiz. Todos começamos como aprendizes e nunca saímos dessa fase. Serei mestre daqueles que precisarem de mim, mas quer seja no meu trabalho, nos meus grupos ou na minha vida, nunca deixarei de ser aprendiz. Porque quando deixar de o ser perderei todo o direito e poder de ser mestre.

Patrícia Ribeiro

**Quem é afinal o Mestre e quem é afinal o Aprendiz?**

O texto sobre o “Eu aprendiz”, como falávamos há dias, anda sempre mais ou menos à volta dos mesmos. Mas quem é afinal o Mestre e quem é afinal o aprendiz?



Digo isto porque nas minhas funções profissionais, quer enquanto formador quer enquanto “ator” na casa da juventude, sinto sempre que quando colocado numa situação de ensinar quem aprende na verdade...sou eu. Isto não é linear, não é sempre assim nem em todos os casos. No caso em que me encontro, (como aprendiz) não sinto tanto isso. Reconheço as minhas muitas ignorâncias, mas não sinto que me está a ser forçado nada ou impingido algo à força. Não. A aprendizagem tem sido positiva e pacífica, não forcei nada. Simplesmente acrescenta e é esse acrescento que considero que um dia me vai ser muito útil para questões pessoais e profissionais. Assim espero.

Espero igualmente no futuro ser tão compreensivo e tolerante e até mesmo sábio como têm sido as pessoas que estiveram no meu percurso enquanto “Eu Aprendiz”.



Só espero, porém, ser-me possível realizar o que as pessoas e o meu Mestre me reservam. Espero ser um bom aprendiz e não desiludir ninguém...espero.

Ser aprendiz é também uma oportunidade de me colocar no lugar daqueles a quem por motivos vários tive ou terei a oportunidade de ensinar.

E como quem ensina aprende duas vezes, ser um melhor aprendiz para ser um melhor mestre e dessa forma continuar a minha aprendizagem.

Nuno Simões



### A Fé no meu caminho!

A minha caminhada simbólica começou há 17 anos a partir do momento em que decidi entrar para os escuteiros. É certo que não percebi logo à partida o simbolismo que o início desta caminhada tinha, porque era criança e os escuteiros para mim baseavam-se em simples jogos e brincadeiras. Mas tudo isto foi mudando com o tempo.



A verdade é que os pequenos passos da minha caminhada ganharam significado. Todas as palavras que disse nas quatro Promessas que fiz foram sentidas e fiz de tudo para as cumprir. Todas as atividades, todas as reuniões, todos os projetos iam de encontro à principal missão do fundador do escutismo: Deixa fazer o rapaz. E os meus chefes sempre nos deixaram crescer ligados a um ideal e conectados a um mundo que pouca gente percebia, apesar de existirem milhões de escuteiros em todo o mundo.

E eu só consegui crescer, só consegui perceber a verdadeira essência do escutismo porque tive um Mestre. A verdade é que os Mestres têm a gigantesca capacidade de transformar as nossas perspetivas. E o meu conseguiu.

É certo que a relação que eu, Aprendiz, estabeleci com o meu Chefe, o meu Mestre, nem sempre foi fácil. Aliás, tive muitos momentos em que duvidei



desta mesma relação, em que pus tudo em causa, em que ponderei continuar a minha caminhada sem alguém ao meu lado. Mas o que aprendi, o que cresci e até no que transformei constituíram fatores que superaram todos estes momentos.

Não segui os passos do meu chefe, porque acredito que cada um deve marcar o seu próprio ritmo. E o meu Chefe ensinou-me isso. Fez-me testar os meus limites, os meus medos, fez-me fracassar, fez-me ter sucesso, esteve ao meu lado em todos os momentos, fez-me crescer, fez-me desconstruir a imagem da “Rosinha” que todos colocavam num pedestal... E só lhe tenho a agradecer por isso. Obrigada Jorge. Obrigada Capitão.

Contudo, esta caminhada terminou. Continuamos presentes na vida um do outro, mas a caminhada nos Escuteiros termina porque tanto a Aprendiz como o Mestre assim o decidiram. Percebemos que aquele já não era o nosso lugar. Aquele lugar que nos viu crescer tornou-se permeável a um mundo que nunca percebeu toda a simbologia que estava por detrás do Escutismo. E como deixamos de acreditar seguimos os diferentes caminhos que a Vara Bifurcada nos propõe. Tudo o que ficou para trás valeu a pena, tudo. Mas estava na altura de encontrar um novo caminho. E a caminhada simbólica é feita de diferentes escolhas e diferentes caminhos.

A verdade é que neste momento perdi a minha Fé, mas escolhi um novo caminho e sei que a fé acabará por voltar!

Rosa Nova



### O grupo tornou-se o meu principal Mestre

Já há muito que me inicieei como aprendiz da vida. Não porque o quisesse, mas porque as circunstâncias me levaram até esse caminho. Na minha fase de criança sempre fui alguém só, reservada, tímida e observadora. Vivía num meio familiar instável e isso levou-me, por coincidência, a entrar num ciclo escutista na qual fui criando a minha identidade.



Contudo, não sendo ingrata para com os meus chefes, considero que não foi lá que me tornei uma verdadeira aprendiz, pois não tive qualquer tipo de evolução notória. Era simplesmente uma escapatória de caminho e não o verdadeiro sentido de caminhar.

À posteriori, depois de ter abandonado este ciclo escutista tive oportunidade de integrar outro movimento associativo - a PASEC. Neste movimento considero que fui aprendiz todos os dias, pois o sentido de pertença influenciou-me. Senti que tinha encontrado o local certo para estar e deram-me a oportunidade de Ser com as minhas falhas e limitações.

Comecei por integrar um grupo e ao fim de alguns meses senti uma ligação especial com o mesmo. Todavia, esta afinidade transforma-nos e acabamos por estar nele apenas quando necessitamos de força e segurança. Quando chegamos ao ponto de trabalhar as técnicas específicas para nos

reforçarmos, passamos a considerar-nos companheiros. Deste modo, posso afirmar que o grupo se tornou o meu principal Mestre.

Passado meio ano comecei a evoluir, pois ao longo de todo o caminho anterior ajudaram-me a descobrir as minhas potencialidades e deram-me as ferramentas necessárias para as trabalhar. Aí, propuseram-me subir ao grau de Mestre. No início, pareceu-me estranho e confuso, pois não estava preparada, mas lá está, sempre tive o meu grupo para me balizar. Acabei por descobrir que o caminho de Mestre acaba por ser um caminho de aprendiz, pois ambos estão em mútuo contacto. Acredito que quando passamos a ser Mestres acabamos por deixar de o ser, pois o mestre tem que ter alguém que permita continuar a ser aprendiz e isso é o que me acontece.

Em todos os momentos em que sou Mestre (na minha profissão, vida social, grupal e associativa), tenho que ter sempre a mente aberta e nunca me posso esquecer que um dia ocupei o lugar dos aprendizes que acompanho.

Resumindo, ainda permaneço no meu grupo original onde tenho a minha animadora, os meus companheiros e o meu Mestre.

Bruna Araújo

**Hoje vou abrir as páginas do diário do tempo... de uma guerreira aprendiz, e mestre.**

Então, ela escrevia...

Sou uma mera aprendiz... Durante a luta, as ajudas e as barreiras surgem os anjos. Parecem regressar ao terreno, acumulam forças, reúnem objetivos e tendem a ir ao encontro da minha estabilidade emocional, pois essa facilita as minhas decisões.



A luz persiste, e uma voz interior vai surgindo... Gosto de lhe chamar consciência.

O bom combate é preparado pelo guerreiro, tendo presente as suas qualidades, as estratégias, e sobretudo tendo em conta o seu lado negativo, que sonda minuciosamente o seu interior, que provoca a sua preocupação e que até o leva a duvidar de si, da sua responsabilidade e das transformações. Mas com o tempo, o abstrato torna-se simples permitindo evoluir.

O guerreiro reconhece o caminho, a sabedoria e a dedicação que este requer.

O guerreiro fala pelo silêncio e orienta-se pela sua clareza... A experiência da luta pela conquista solidifica aquilo em que o tempo o torna e o faz acreditar... Será que também eu conquistei? Será que também eu me tornei sólida? O que ainda tenho para dar? São questões como esta que farão de mim uma eterna aprendiz.

O guerreiro questiona, o guerreiro duvida, mas quando começa, à sua maneira, o guerreiro vai até ao fim e vai subindo montanha a montanha...

Por opção, o aprendiz sente necessidade de SER mais...

Na caminhada de um guerreiro, nada acontece por acaso. Foi no seio dos outros que me tornei mestre, e dei início a um novo trilho da caminhada que faz de mim mais forte e útil ...

Começou então o alimento dado aos outros, um espírito mais forte, uma garra maior e sobretudo um autoconhecimento maior. Algo que me permitiu divagar sobre o mundo dos outros, acrescentar-lhes algo... Usar o que o meu caminho me trouxe como forma de ensinamento.

Ser mestre do meu grupo e dos meus trilhos é dar vida há minha vontade interior, é redimir-me do que sou, enfrentar-me e aprender... aprender sempre.

É preciso fé para ser mestre... é preciso acreditar e crer no caminho que conquistamos.

As montanhas continuam a surgir... a verdade é que continuo a escalá-las e agora não só como aprendiz, nem só como mestre... penso eu que seja uma pequena junção dos dois... Mas como vos dizia, aprendizagem, evolução, companheirismo, entrega, caminho, consciência e grupo ... São uma parte do necessário para o longo caminho de alguém, seja ele o que for.

Até à próxima página...

Rita Marques



## Os caminhos do Aprendiz e do Mestre

Todos nós fomos traçando vários caminhos, escolhendo assim os nossos grupos de base que nos levaram a chegar onde estamos hoje e a sermos o que somos hoje.



Por vezes, começamos por não sermos nós mesmos no começo do caminho, acabamos por ser influenciados pelos grupos em que estamos inseridos e assim acabamos por percorrer várias estradas que nos permitem conhecer e podermos ser nós mesmos. Admito que a grande revolução a nível simbólico na minha vida aconteceu quando entrei para o grupo Cavaleiros e percebi que o caminho/ processo seria a descoberta constante de mim

como Aprendiz e de mim como Mestre. Nem sempre é o primeiro caminho que escolhemos mas, acaba sempre por acrescentar bastante ao nosso “Ser”, levando-me assim a caminhos que não queria inconscientemente.

Ao percorrer os meus caminhos, ao poder ajudar no caminho dos outros, estou, como alguém uma vez disse “ a ser um num milhão”. Para ajudar os



outros a caminhar e a escolher os seus próprios caminhos como eu já tive de escolher então serei um num milhão.

Para ser Mestre temos de ter a humildade de perceber que estamos constantemente a evoluir e aprender, pois o Mestre que pensa que já não tem mais nada para aprender, não tem mais nada a ensinar.

Por outro lado, o Aprendiz que não confia no seu Mestre, não pode crescer e ser o Mestre de alguém. Para caminhar a nível Simbólico, mais importante que perceber / entender o símbolo que somos, é percebermos quem realmente somos e até onde estamos dispostos a ir para a descoberta do SER, nunca esquecendo que será uma descoberta constante de desafios, conquistas, alegrias, tristezas e de muitos sonhos.

Sara Gomes



### Começamos sempre por ser meros aprendizes

Ao início da caminhada pouco se pensa acerca de ser aprendiz ou ser mestre. A maior certeza que se tem é a constante mudança e evolução...

Na verdade começamos sempre por ser meros aprendizes, onde inconscientemente vamos assumindo o papel de mestre. Isto porque todo o aprendiz, independentemente de se encontrar no seu processo de aprendizagem, cultiva no outro a arte do ensinamento.



Eu enquanto aprendiz quero aprender, descobrir, viver livre e intensamente. Ser guerreira e enfrentar desafios...explorar. E no fim de tudo isto construir, semear, produzir algo...! Passar os meus ensinamentos a outros aprendizes, tornando-me assim Mestre.

Enquanto mestre pretendo encaminhar os meus aprendizes para a sua felicidade, para a descoberta daquilo que eles próprios ainda não descobriram.

Após esta pequena reflexão, considero que o meu principal grupo foi o do Karaté:

*“Começo, então, por fazer referência ao grupo, que para mim se tornou cada vez mais importante, pois é com ele que nos integramos neste meio e*

*que somos acolhidos da melhor forma. Aos poucos fui-me apercebendo que treinar e participar em competições sem os restantes elementos já nem fazia sentido, pois sente-se falta do apoio daqueles que nos viram crescer e sabem aquilo que somos ou não capazes de executar. Depois de estarmos de tal maneira integrados nesta “família” com que nos identificamos, passamos a assumir cada vez mais responsabilidades, o que faz com que tenhamos consciência de que realmente fizemos a diferença neste meio. Esta diferença que cada um de nós desenvolve traz algo inovador para a permanência e crescimento do grupo, bem como a satisfação pessoal de cada elemento”*

Com este excerto de um texto que escrevi em anos anteriores, consigo relembrar-me de todos os momentos marcantes que me fizeram acreditar que fui aprendiz e mestre no mesmo grupo. Aprendiz fui sempre, desde o primeiro dia até ao último! Mestre fui sendo, a partir do momento em que comecei a assumir mais responsabilidades, a dar tudo por tudo para que o meu clube, o meu grupo se destacasse, não pelo “show off”, mas pela vontade que cada um de nós tinha em vencer, em descobrir o mínimo que cada treino ou competição nos trazia.

Para mim ser Mestre é uma oportunidade, enquanto que ser aprendiz é uma dádiva!

Stephanie Paiva



UMA EXISTÊNCIA

POUCO NEUTRA...



**Uma existência pouco neutra...**

Há uma eternidade de existências atrás fechou-se um ciclo e iniciou-se uma nova etapa, uma etapa real. Lembro-me de estar no meio de um universo cheio de cicatrizes, escolhas, decisões, receios, medos e obstáculos e eu decidi escolher e seguir um novo rumo, com uma energia espontânea e duvidosa ao mesmo tempo, na verdade nada me fazia querer que ia gostar da minha escolha.

Por essa altura, há 3 anos atrás, escolhi um curso profissional da área social. Lembro-me que no início não sabia muito bem se era aquela montanha que queria subir mas na verdade, a “Era Existencial” passou e eu ganhei uma paixão por aquele meio envolvente e cintilante. Em toda a nossa existência, subsiste um momento que no faz prender e deliciar o que estamos a viver, eu não fui diferente.

O primeiro exercício que me lembro de fazer foi na disciplina de Área de Expressões, onde tive a oportunidade de me apresentar em frente a tantas outras espécies que praticamente nunca em nenhuma outra situação tinha visto. Naquele momento joga-se com um todo de sentimentos, desde a vergonha ao receio, desde a vontade ao desejo, desde o medo ao bloqueio. É estranho ter sentido tanta coisa num espaço tão curto de tempo, mas estava ali perante tantas outras pessoas a mostrar um pouco de mim. Aliás que me lembre sempre foi nessa disciplina onde tive a oportunidade de crescer e existir, até porque apenas ali poderíamos deixar um pouco da nossa máscara.

Máscara, que posso dizer eu sobre isto? Cada um de nós na sua vida tem de encarar uma determinada postura nas mais diversas situações e no início ainda mais. Digo no início porque se bem me lembro, eu nunca tive o à vontade de me mostrar. O meu passado não era muito feliz e o meu presente apenas era contagiado pelos diversos estímulos do dia-a-dia.

Começarei a falar pelo início e o início retrata um pouco de como foi sobreviver os primeiros dias. Eu optei por me apegar a alguém, escusado seria dizer que sou daquelas pessoas que mais tem medo de estar sozinha. A solidão em mim encaixa tão bem que nem sei por onde fugir dela, então,



procurei logo um suporte. Refiro a três raparigas que me acompanharam e me ajudaram a viver, mais do que tudo ajudaram-me a perceber o que realmente seria a amizade. Depois disso tudo foi ganhando cor e eu tive a oportunidade de começar a desenhar a minha tela gigante de experiências.

A minha entrada para o curso profissional foi uma espécie de passaporte para o futuro, até porque tudo começou a partir dali. Dei os primeiros passos de bebé e depois entrei no maior campeonato de corrida de estafetas. Explicando por detalhes, depois de alguns meses na escola recebi o convite para entrar na PASEC. Dai dizer que entrei na maior corrida de estafetas, pois toda a gente gostava de ter a oportunidade de experienciar vivências tão únicas e tão mágicas ao ponto de nos levar ao limite do auto conhecimento.



Para mim o universo PASEC funciona como uma espécie de refúgio mas mais do que isso é um género de tribo. Lá tenho: o meu momento, o momento do outro e ainda os nossos momentos; eu partilho e aprendo e ainda tenho a oportunidade de ensinar.

Parece um paraíso, digo-o porque apenas no paraíso podemos fazer tudo o que está ao nosso alcance para crescer e aprender e ensinar.



O primeiro impacto com a PASEC foi Assembleia Internacional Juvenil, além de ter estado antes no meu primeiro campo de reciclagem de grupo onde foram feitas as primeiras trocas de prendas simbólicas. A partir daquele momento comecei a integrar-me em tudo o que ia aparecendo.

Não sei se serei o melhor testemunho, sinto que tive os melhores mestres ao meu lado, sempre que desisti, sempre que quase cai houve alguém que me deu a mão e me ergueu, fazendo a minha vontade e o meu desejo de subir aquela imensa montanha continuar e se tornar mais forte.

### **O papel do meu grupo de base, os Existência Neutra**

O meu grupo tem o nome de Existência Neutra, até porque conseguimos estar em tudo apesar de por vezes nem sentirem de onde vimos. Na verdade, para mim, eles são as minhas raízes e as minhas bases, foi lá que eu nasci e pude aprender parte do que sei. É claro que também aprendi junto de outros clãs mais antigos e mais experientes mas quem me ensinou a dar o primeiro passinho foi a minha animadora Rita e é a ela que devo parte do que sou hoje, pois foi depois de tudo isso que tudo foi aparecendo.

Ocorreu o primeiro convite para ser animadora, na altura de um grupo de crianças em Delães, fiquei tão contente que nem hesitei na resposta e disse logo que sim. Admito que o primeiro impacto foi assim receoso, nunca tinha estado antes no papel de animadora. Tendo em conta que tem de existir sempre um papel mediador entre nós animadores e os pais, na altura não sabia muito bem como o fazer. A verdade é que nunca estive sozinha, tive sempre uma Bruna comigo, que me foi dizendo como agir nessas situações. É estimulante chegar e ver que temos gente que espera o melhor de nós, e eu tentei ao máximo dar o meu melhor porque no fundo era essa a minha função ali. Quer dizer, função não é a palavra mais acertada para dizer, pois ali eramos um todo de vivências e, podem não acreditar, mas aprender junto deles é sentir todos os dias que há mais um motivo para sorrir.

A luta pela paixão, pela conquista, o aceitar as oportunidades nos momentos certos, o entrar nos comboios sem destino e o fechar os olhos e deixar-nos levar pelas batidas do vento foi o que me fez ser quem sou hoje,

o que me fez sentir mimada e crescida, aventureira e uma real guerreira, embora pensando ainda que sou uma pequena formiga no meio de tantos outros enormes insetos operários.

Foi na PASEC, juntamente com o meu grupo, Existência Neutra, que comecei a estar nos eventos mais importantes. Algo me puxava para estar presente, era uma espécie de força sobrenatural que me fazia pertencer ali, era como se estivesse no cimo da montanha mais alta de uma ilha e tivesse a liberdade de gritar bem alto o que me apetecesse. Quase sempre me senti livre e confortável, por vezes quase completa.

Quando olho para trás e relembro o que vivi, penso na melhor experiência que tive na PASEC, que foi o campo de trabalho e formação internacional GEO 2013. Foi talvez aí que comecei a conviver com mais pessoas deste meio envolvente e pude partilhar e ouvir tudo o que cada um tinha para dizer. Vivi o dia-a-dia com o maior folgo que tinha. Lembro-me até de ficar a dormir no chão no último dia por andar sempre a saltitar de quarto em quarto. Numa das reflexões que lá fiz recordo-me de dizer que o meu objetivo seria estar para me conhecer e acima de tudo crescer. A verdade é que a partir daí fui deixando de ser aquela menina que ia “às coisas” e passei a ser uma daquelas que vai estando na dinamização de alguns eventos.

### **Quando tudo na nossa vida se torna um todo**

Com o tempo a escola e a PASEC foram-se tornando num todo e mais uma vez deram-me a oportunidade a mim e às minhas amigas de estar na realização do maior evento da organização, o “Encontro Internacional de Jovens Animadores”. Deram-nos a oportunidade de estar na equipa de trabalho e acima de tudo de aprendermos como é estar atrás da cortina.

Na altura senti os nervos à flor da pele, houve alturas que nem sabia se era a opção certa ter estado lá, era como se às vezes estivesse a ser um fardo por estar, não que eles não quisessem, mas por terem de nos ensinar passo por passo, acreditando que a missão de cada um deles na altura não tivesse sido a mais fácil. No dia da Realização de todo o projeto, senti tanto orgulho, primeiro porque sabia cada passo do que estava a ser feito e depois porque

tive a sorte de estar em tantas etapas que fizeram de mim a rapariga mais feliz naqueles dias.

Posso garantir que estive nos melhores momentos da organização, fazendo de cada pessoa um elemento da minha família. Cada um deles marcou parte da minha tela, e a cor que lhe deram nem sei falar sobre ela.

Ao longo desta eternidade existencial pude conhecer e encontrar tantos tesouros que me deram a oportunidade de esculpir juntamente com a Joana (a minha companheira de caminho) os Solidão Oculta (o grupo de que hoje sou animadora). Sei que eles são fruto de tudo o que aprendi, vejo em cada um, um brilho ainda muito escondido e com medo de ser mostrado, mas também sei que tudo é construído com o passar do tempo e a nossa existência ainda é muito curta para haver já os maiores resultados. Nascemos com apenas cinco elementos hoje já conseguimos ser oito e sinto que dali ocorreram mais uma centena de aprendizagens.

O nosso nome assenta em cada um de nós, coincidência ou não a verdade é que quem lá está acredita. Sinto-nos com orgulho, porque nunca quis ser apenas eu, nunca quis estar eu e o meu mundo. Envolve-los é talvez dos meus maiores objetivos enquanto animadora e embora seja ainda muito cedo dizer, adorava poder ser mestre de algum deles.

### **O caminho simbólico**

Por falar em mestre, iniciei o meu caminho simbólico (fase de aprendizagem para nos tornarmos animadores na PASEC) com a minha mestra e a verdade é que me tentei entregar a ela com todas as minhas forças. Tenho medo de me conhecer mas ao mesmo tempo é o que mais quero, nada melhor do que saber quem somos. Posso ser das pessoas com mais defeitos mas ao mesmo tempo acredito que tenho muitas qualidades. Qualidades que foram moldadas com o passar do tempo e outras que nasceram comigo e só precisaram de ser trabalhadas. Falo por exemplo da minha capacidade de liderança, sei que tive a sorte de nascer com essa qualidade dando-me o à vontade de liderar grandes grupos.



Sendo eu uma “lenda” e acreditando que tenho vida dentro de mim, gostava que daqui a mais algumas eternidades pudesse ser vista como alguém que marcou o coração de cada um que me envolveu, e mais do que isso, quero sentir que fiz sorrir e fiz crescer tantas outras pessoas como aquelas que me fizeram a mim. Acreditando que a prova seguinte é a mais difícil talvez essa será a missão mais complicada de executar.

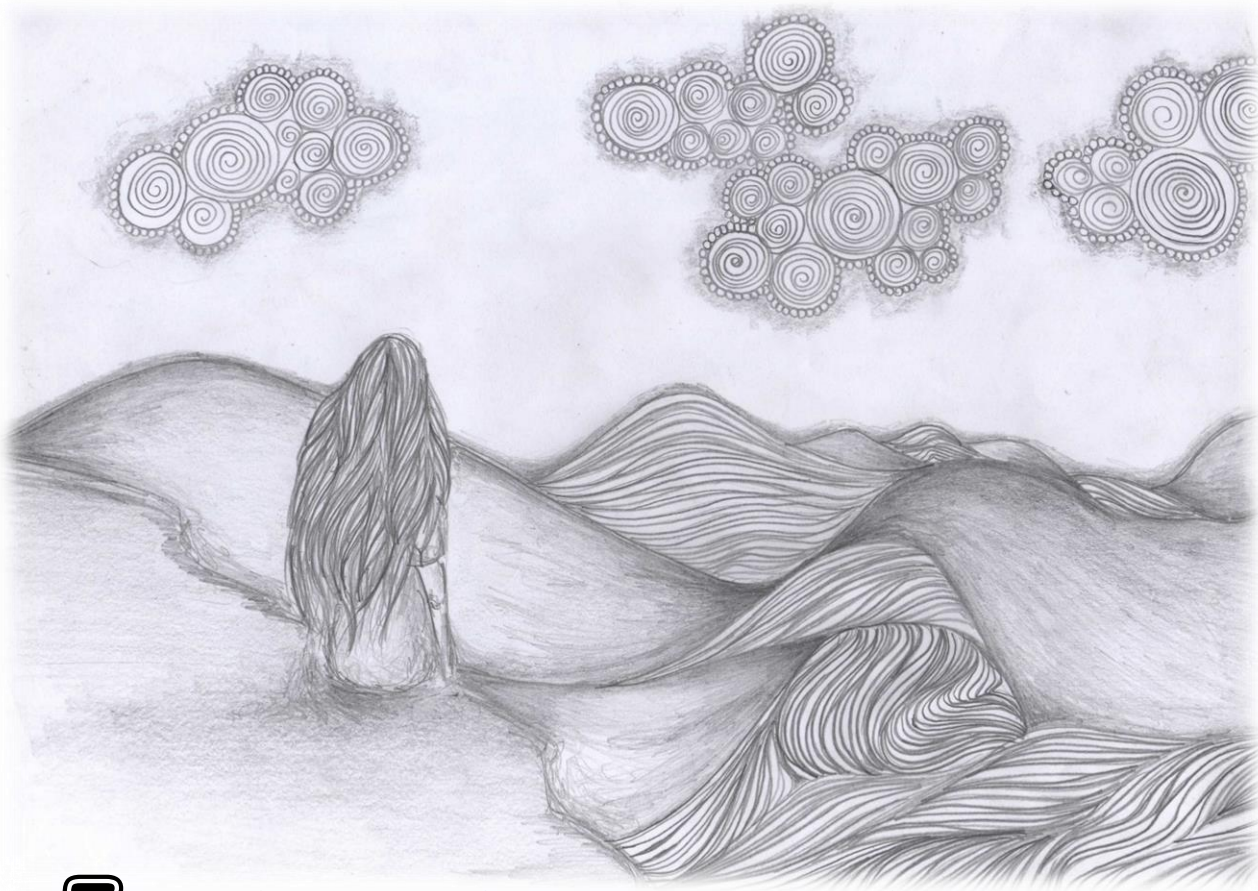
Não quero que a minha caminhada seja apenas minha, quero que no cimo da montanha estejam os meus clãs e todos aqueles que ainda irão entrar na minha vida.

Eu apenas sou o que me deixam ser e pude ser, acreditando que cada um é o “ele próprio” na criação de objetivos, nos obstáculos e dificuldades que ultrapassa. Faz parte do processo.

Este processo não fica completo sem as amizades. Aliás falei delas durante todo o texto. Criar amizades é a base que nos leva ao infinito. Tive o prazer de conhecer pessoas únicas mas, mais do que isso, pude perceber que nada vale mais do que um abraço de alguém à nossa volta.

Sou o resultado de uma aprendizagem intensa e única, sou aquilo que gosto de ser e o meu sorriso completa-se a cada milésimo existencial, acreditando que não fico por aqui e poderei seguir bem mais longe. Uma verdadeira aprendiza não se limita ao passado, presente e futuro, faz do Tempo a casa de todos em que consegue tocar.

Filipa Lopes



**E FOI NO FIM DO  
NADA E NO INÍCIO DE  
TUDO QUE APARECE O  
“EU”...**





**E foi no fim do nada e no início de tudo que aparece o “eu”...**

Pequena, frágil, sensível, ingénua e sem narrações para partilhar, vivia eu à procura de um rumo sem expectativas futuras.

O tempo passava a seu tempo e tudo fluía naturalmente sem qualquer tipo de esforço ou sacrifício, ou seja, nada fazer para nada alcançar.

Apenas as boas classificações se destacavam provenientes de um estudo diário, sempre valorizado pois, apesar de não saber onde ia, saberia que queria ser alguém, alguém que deixasse a sua marca positivamente, alguém na qual as pessoas procuravam ajuda, pois sempre foi uma prioridade a preocupação com o outro mesmo quando me esquecia de mim.



Apesar de não saber para onde caminhava achava um privilégio ajudar os outros a triunfar nem que fosse pelo simples facto de praticar o papel de ouvinte. Nessa altura a frase que permanecia no meu pensamento era “todos os caminhos estão errados quando não sabemos onde queremos ir”. Eu não sabia mesmo o que queria nem o que seria, mas também nunca fazia nada para o tentar perceber.

Certa altura chegou o momento de tomar uma decisão e deixar de desempenhar um papel passivo na minha vida, decisão essa, que faria a

ponte de ligação entre o 3º ciclo e o meu ensino secundário, tendo ela de ser determinada por mim.

A escolha não fora difícil, porque a vertente de estar em contacto e ajudar o outro teria de estar presente e foi então que escolhi iniciar o meu percurso secundário no Curso Profissional de Técnico de Apoio Psicossocial.

Sucederam-se as férias que fizeram a quebra entre a saída do 3º ciclo e a entrada para o ensino secundário, posso partilhar que essa interrupção escolar marcou a minha vida, negativamente. Perdi um dos grandes pilares da minha vida, alguém que me deu o privilégio de participar na sua vida, alguém que me ensinou a acreditar, a sonhar, a sorrir, alguém que me protegia, que me dava segurança. Partiu sem qualquer tipo de explicação sem despedidas, o que provocou em mim sentimento de desconfiança, de insegurança para com todos os que me rodeavam ou que se tentavam aproximar. Ainda hoje o sentimento permanece comigo, contudo acredito que quem partiu para outra dimensão nunca deixou de estar comigo.

Foi uma fase difícil, ainda por cima porque caminhava pela primeira vez em direção a um rumo, residindo num mundo novo. Nunca me questioneei o que estaria lá a fazer mas o que poderia vir a ser.

Deixei o tempo passar como sempre o fiz, elaborando tudo o que me era proposto com a exigência e a mestria que reconhecia em mim mesma. Sempre fui muito perfeccionista em tudo aquilo a que me dedicava.

Evoluindo ao longo do tempo, contudo ainda não conseguira obter a satisfação pessoal que muito ansiava, algo em que eu sentisse que me “enchia as medidas”, todavia já surgiam algumas passagens que me davam grado em partilhar com os outros.

Conhecera a expressão corporal e dramática de uma forma mais aprofundada, que me permitiam partilhar com os que mais gostava aquilo que sentia ou o estado de espírito em que me encontrava na arte de nos sabermos exprimir. Foram nas pequenas encenações que fui criando, em conjunto com as minhas colegas, que pude mostrar o que sentia, expressar o que não sairia por palavras. Foi através de todos os trabalhos, projetos

desenvolvidos que fui conseguindo mostrar o que valho não só aos outros mas principalmente a mim própria.

O tempo foi passando e como dádiva surgira a oportunidade de participar num seminário, o “New World Formula”, organizado pela associação PASEC (Plataforma de Animadores Socioeducativos e Culturais). Foi aí que tudo começava a ganhar forma, as dúvidas surgiam, as desconfianças aumentavam e o medo do desconhecido prosperava, até que a pergunta mais inteligente emergiu: “o que perdes em tentar?”.

Realmente não havia nada a perder e foi então que decidi aceitar. Ia com medo, receava o que iria acontecer e caí como que de paraquedas, porém a união, a cumplicidade e o sentido de acolhimento eram muito evidentes naquele grupo, o que me deixou logo à vontade como que já pertencesse à família há anos.

Saí daquele seminário renovada, senti que poderia ser útil. A miúda vulnerável desaparecera, não na totalidade mas grande parte dela. O ir atrás, o confiar, o chegar à frente, o primeiro passo começaram a fazer sentido na minha vida deixando de ser um quebra-cabeças.

Tornei-me membro da PASEC até que me foi desafiado criar um grupo e mais uma vez eu aceitei. Abracei esse projeto formando assim, com a ajuda imprescindível de alguns animadores da PASEC (sempre muito presentes e indispensáveis na minha vida), o grupo “À parte”, iniciado com nove elementos mas que com o tempo se foi reciclando ganhando novas caras e perdendo outras.

Permanecendo no curso, este deu-me muitas oportunidades, experiências e momentos inesquecíveis. Foi nele que obtive a capacidade de trabalho em equipa, sentido de organização, competências de trabalho individual e em grupo, a capacidade de negociação, resolução de conflitos e tomadas de decisão.

Mas tudo terminara e os momentos não passavam de lembranças. Refugiei-me então no grupo “À parte”, grupo este que eu chamo a minha casa, apesar de ter o privilégio de ter entrado num outro grupo, mais maduro, com mais experiência. Foi no grupo “À parte” que cresci, refleti, partilhei,

ouvi, orientei, posso mesmo dizer que sou apaixonada por ele. É muito gratificante ver que com o passar do tempo as evoluções e modificações são constantes em cada elemento do grupo e isso deixa-me imensamente orgulhosa.

Na PASEC há uma altura em que podemos escolher ser dirigentes, assumir novas responsabilidades e procurar aprender com os mais experientes. Alguns chamam-lhe o caminho simbólico, outros o caminho da redenção, outros ainda o caminho do Mestre. Eu prefiro ficar-me pelo caminho da redenção.

Nunca tive dúvidas em que quando iniciasse o meu caminho simbólico o meu mestre seria o meu mentor de sempre, uma vez que era ele que me conhecia bem, era ele quem eu admirava e admiro, e foi ele que me orientou, ajudando-me a tornar parte daquilo que sou. Comecei o meu caminho simbólico com ele, sim, mas um bocado à nora pois não sabia o que fazer para começar realmente. Tudo começou num dia em que o meu mentor me ofereceu um objeto em símbolo de iniciação do caminho. Desde aí nada mais aconteceu, pensei que se tivesse esquecido ou mesmo desistido, contudo nunca fui atrás dele uma única vez para lhe perguntar o que quer que fosse em relação a isso, também porque não sabia como o fazer. Pensara sempre que podia estragar tudo ainda sem ter começado e então deixei que tudo acontecesse à mercê do tempo.

Participando em alguns campos de formação organizados pela PASEC, houve um em que tive o privilégio de ser “escolhida”. Foi na Assembleia Internacional Juvenil de 2013 que fui escolhida para participar num dos grandes campos de 2014, Geocamp Açores 2014. Senti-me muito feliz, foi uma escolha nunca ponderada por mim, mas fiquei radiante.

A ânsia aumentava, a curiosidade era enorme e vontade de fazer todos os desafios que ouvia falar, sempre acompanhado com algum receio. Para quem não está a perceber o que estou a falar, dentro do universo PASEC os campos de trabalho apelidados de Geo são as atividades mais esperadas do ano. É a altura em que somos integrados em clãs e trilhamos um caminho de aprendizagem sob a égide de um Mestre. Mas para participar nestes campos de trabalho e treino não basta fazer a inscrição, é preciso ter a sorte

e o perfil de ser um dos escolhidos. Eu tive a sorte de poder fazer o dos Açores. O grande desafio era subir o Pico, o ponto mais alto de Portugal e que é ainda um vulcão em atividade.

Chegou o dia, o dia em que ia pela primeira vez andar de avião e o dia em que ia aterrar num sítio maravilhoso. Mal saí do avião dei de caras com o vulcão. O tremendo “bicho”, enorme, e eu só pensava: “como será possível subir aquilo?”.

Já cheia de medo de algo de que ainda nem sequer tinha experimentado, vejo-me a admirar o grande Pico até chegar ao ponto de partida para a sua subida. Com 2351 metros de altitude, foi um desafio digno de Hércules. Passei a primeira cratera, a segunda e lá cheguei ao ponto mais alto de Portugal.

Foi difícil a subida mas o pior ainda estava para vir, a descida.

A descida foi um martírio para mim, chegou a certo ponto que as pernas já não me obedeciam, era horrível, já só me via a cair no chão, até que a guia me ajudou, acho que se não fosse ela eu não iria mesmo aguentar até ao fim. Foi o maior desafio que tive até hoje, foi algo de extraordinário mas desmedidamente exigente.

Esse campo marcou a minha vida não só pelas experiências tidas em grupo, pelas magníficas visitas feitas à ilha mas sobretudo porque realmente foi lá que iniciei o meu caminho da redenção.

Foi no Geocamp dos Açores que me foi proposto ter como minha mestre a Stephanie. Nunca me teria passado pela cabeça uma situação dessas, mas o que é facto é que aconteceu e eu abracei desde logo a condição de sua aprendiz. Mesmo não fazendo ideia de que algum dia isso viria acontecer, quando nos foi proposto isso, um sentimento de alegria invadiu-me sem qualquer tipo de explicação.

O primeiro abraço foi algo especial como que um já tivesse acontecido, como que já nos conhecêssemos há imenso tempo e como se houvesse uma cumplicidade duradoura.

Nesse caminho só não queria, nem quero, desiludir a minha mestre. Pretendo que ela tenha orgulho em mim. Comecei por a surpreender com algo que marcasse o nosso caminho inicial.

Não poderia desta vez deixar fugir esta oportunidade, vencida pelo medo de fazer mal. Então que decidi surpreende-la e ir atrás. O medo foi depois, de perceber qual o feedback da surpresa.

Eis o primeiro encontro em que tivemos juntas. Pude partilhar com ela algumas coisas que achava pertinente ela saber, questionar algumas dúvidas que surgiram acerca do caminho simbólico até que a confiança ia fluindo naturalmente.

Atualmente entrei num novo mundo, uma nova fase da minha vida a que me tenho de adaptar. Não vai ser fácil, o nível é muito exigente, mas como aprendi, a fase seguinte é sempre a mais difícil e devemos sempre levar a sabedoria do último passo. Por isso acredito que a instabilidade e os receios sejam meramente temporários e como diz um ditado antigo “não há bem que sempre dure e mal que nunca acabe”.

Aprendi que momentos de hoje irão passar para lembranças de amanhã, por isso devemos tirar sempre o melhor proveito de tudo o que experienciamos, mesmo sendo situações negativas. Sem cair nunca vamos perceber como é podermo-nos levantar.

Cristiana Salgado





**SER ANIMADOR**

**SOCIOCULTURAL É O**

**QUE SOU**



### Ser Animador Sociocultural é o que sou

Era uma vez.... Não! Foi uma vez, num certo dia que decidi finalmente estudar.

Entrei para o curso de Animação Sociocultural no ano de 2008 na Escola Profissional CIOR e tenho a contar que, FOI O MELHOR QUE FIZ ATÉ HOJE.

Ao longo de toda a minha vida, era uma adolescente/pessoa/menina pouco importada com o sentido da vida, objetivos não entravam no meu dicionário, duas reprovações contadas no Ensino Básico e pouca dedicação no estudo. “Só vou fazer o 12ºAno e depois... trabalhar por aí!”



Iniciei meia perdida o curso, muito relaxada e pouco importada, fruto do cadastro anterior. Foi então que, como de uma inocente realidade passasse a um sonho, todos os dias era uma nova etapa, uma nova descoberta (dos outros - de mim mesma) de capacidades que eu jamais, algum dia, pensava ter!

Ser animador sociocultural é o que sou, de dentro para fora. Somos animadores na capacidade de nos desenvolvermos e sermos capazes do inacreditável, transformando o meio envolvente, fazendo os que nos rodeiam vibrar, no saber ser, saber estar e saber fazer.

Conhecer a Animação Sociocultural foi um conjunto de teorias, etapas, projetos sem pés (acentes no chão) mas com cabeça, desafios, métodos, objetivos, metas, orçamentos! Que confusão... Parecia! Mas isso, era só a base daquilo que era preciso fazer, o resto saía, na hora, no palco, na instituição, na atividade, na apresentação.

Ao longo de três anos, adquiri as bases necessárias para um caminho que vim a construir até hoje. E a minha inspiração? Professor Luís Bessa, aquele a quem as palavras: “Não consigo, Não sei” – NÃO EXISTEM!

Fui preparada para nunca desistir, para fazer sempre mais e melhor, para acreditar em mim, para ser fonte viva de conhecimento e sabedoria, nunca desistir de aprender e passar isso a quem me rodeia e de quem eu me rodeio.

A Feira Medieval Quinhentista de 2011 de Vila Nova de Famalicão (entre outros projetos) foi o maior teste às minhas limitações. Tantas vezes caí de cansaço, sensação de não conseguir mais e, minutos a seguir, levantava-me com força a dobrar para aquele que seria o maior projeto da minha vida até à data! A coordenação de uma equipa, de voluntários, o reconhecimento da história, a interpretação, o cálculo dos gastos, enfim, tudo o que foi a Feira Medieval Quinhentista!

Finalizei o curso com boa média, e depois... O que iria fazer?

Não tive possibilidade para ir para a Universidade (irei), mas nunca desisti de nada, nunca parei, continuei sempre a fazer Animações (de rua/ Instituições/ Eventos), a ingressar em projetos (Casa da Juventude de V.N.Famalicão – Guimarães / Psicomagna), aventuras (Intercâmbio na Arménia), Feiras Medievais, e tudo o que o coração permitia.

Trabalho na minha área, felizmente e, sigo um sonho.

Segredo: Sermos nós próprios, ir à descoberta, há sempre um sinal. A vida é fantástica. Não competir com ninguém (apenas com nós próprios), acreditar, fazer! Sem medos, sem receios, isto é uma passagem na qual, mal ou bem, deixaremos marcas fundamentais!

Animação Sociocultural: “Onde há muito por dizer e..... muito mais por fazer!!!”

Andreia Machado